



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS (UFG)
FACULDADE DE LETRAS (FL)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA (PPGLL)

EDUWESLEY PEREIRA DA SILVA

O CORPO NO LÉXICO DA LÍNGUA PORTUGUESA:
uma análise pelo viés da Ecolinguística e do Imaginário

GOIÂNIA

2021



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE LETRAS

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação Tese

2. Nome completo do autor

Eduwesley Pereira da Silva

3. Título do trabalho

O corpo no léxico da língua portuguesa: uma análise pelo viés da ecolinguística e do imaginário

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);

b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.

O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **EDUWESLEY PEREIRA DA SILVA, Discente**, em 14/06/2021, às 15:53, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Elza Kioko Nakayama Nenoki Do Couto, Professor do Magistério Superior**, em 15/06/2021, às 11:33, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2131644** e o código CRC **8F6D29D6**.

EDUWESLEY PEREIRA DA SILVA

O CORPO NO LÉXICO DA LÍNGUA PORTUGUESA:
uma análise pelo viés da Ecolinguística e do Imaginário

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística (PPGLL), da Faculdade de Letras (FL), da Universidade Federal de Goiás (UFG), como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras e Linguística.

Área de concentração: Estudos Linguísticos.

Linha de pesquisa: Língua, Texto e Discurso.

Orientadora: Professora Doutora Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto.

GOIÂNIA

2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Silva, Eduwesley Pereira de
O CORPO NO LÉXICO DA LÍNGUA PORTUGUESA [manuscrito] :
UMA ANÁLISE PELO VIÉS DA ECOLINGUÍSTICA E DO IMAGINÁRIO /
Eduwesley Pereira de Silva. - 2021.
CXL, 140 f.

Orientador: Profa. Dra. Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás,
Faculdade de Letras (FL), Programa de Pós-Graduação em Letras e
Linguística, Goiânia, 2021.
Bibliografia. Apêndice.
Inclui gráfico, tabelas.

1. Antropologia do Imaginário. 2. Ecolinguística. 3. Metáforas e
Metonímias. I. Couto, Elza Kioko Nakayama Nenoki do , orient. II. Título.

CDU 81



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE LETRAS

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata nº 16 da sessão de Defesa de Dissertação de **Eduwesley Pereira da Silva**, que confere o título de Mestre em Letras e Linguística, na área de concentração em Estudos Linguísticos.

Aos vinte e oito dias do mês de maio do ano de dois mil e vinte e um, a partir das 14 horas e 30 minutos, via videoconferência, realizou-se a sessão pública de exame de defesa de dissertação de mestrado intitulada "**O corpo no léxico da língua portuguesa: uma análise pelo viés da ecolinguística e do imaginário**". Os trabalhos foram instalados pela Orientadora, **Professora Doutora Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto** (Presidente/PPGLL/FL/UFG), com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: **Professor Doutor Leosmar Aparecido da Silva** (PPGLL/FL/UFG), membro titular interno e **Professor Doutor Samuel Sousa e Silva** (UEMS), membro titular externo. Durante a arguição os membros da banca não fizeram sugestão de alteração do título do trabalho. Após a arguição da candidata, a Banca Examinadora se reuniu em sessão secreta, a fim de concluir o julgamento da dissertação, tendo sido a candidata aprovada pelos seus membros. Proclamados os resultados pela **Professora Doutora Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto**, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora, aos vinte e oito dias do mês de maio do ano de dois mil e vinte e um.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Leosmar Aparecido Da Silva, Professor do Magistério Superior**, em 28/05/2021, às 16:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Elza Kioko Nakayama Nenoki Do Couto, Professor do Magistério Superior**, em 28/05/2021, às 17:18, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Samuel de Sousa Silva, Usuário Externo**, em 29/05/2021, às 21:50, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2092353** e o código CRC **02F4F446**.

AGRADECIMENTOS

É, com imensa satisfação que eu escrevo estas linhas, ora expressando poesia, ora um desabafo. São palavras que expressão gratidão e exaustão. É difícil me comunicar neste exato momento, pois parece não haver signo linguístico capaz de traduzir com precisa exatidão o prazer em agradecer pessoas e circunstâncias da vida que me conduziram até este ponto. Tendo em vista a personalidade ousada e autêntica do autor, me proponho a tamanho desafio.

Às minhas já falecidas mães, Maria Aparecida Pereira e Maria Lina Pereira. A primeira, minha mãe de nascimento, a segunda, minha avó, de coração. As linhas se figuram limitadas quando o objetivo é externar o amor, a saudade e gratidão pelos ensinamentos por meio das palavras. Esse cara aqui é a tradução de todo amor e carinho de vocês duas. De modo que me resta somente deixar o meu eterno e sincero obrigado!

Ao meu amigo Felipe Rodrigues de Araújo, que em especial me auxiliou a encontrar um caminho lógico e coerente para o meu trabalho. Ao Anderson Nowogrodzki da Silva, a quem tenho um enorme carinho, resultado de uma trajetória de fidelidade advinda da graduação em Letras na UEG de Inhumas. À minha prima/irmã Sara Pereira, por suportar as minhas lamentações e me ajudar a resolver os problemas da minha vida. Enfim, a todas essas e outras pessoas que, direta ou indiretamente, influenciaram na construção desse sujeito e deste trabalho. Meu mais sincero obrigado!

À minha orientadora, Dra. Elza Kioko, que se dispôs ao desafio de orientação, pelas “puxadas de orelha”, mas também pelo carinho e cuidado depositado em mim. Através dela estendo meus agradecimentos a todo corpo docente que tem sido participante da minha história de vida. Sintam-se abraçados/as!

Adianto também meus agradecimentos à banca de leitores/as, os/as quais/as se dispuseram a ler este trabalho. Valorizo cada sugestão, pois tenho certeza que o objetivo é sempre o mesmo, contribuir para uma melhor qualidade daquilo que fazemos, consequentemente fazendo de nós, aprendizes, pessoas e profissionais melhores.

Ainda agradeço também, apaixonadamente, aos membros do grupo do (NELIM) da UFG que em todos os momentos estiveram dispostos a colaborar com ideias, sugestões e pontuações. Além desses, externo meus agradecimentos à entidade de fomento à pesquisa, CAPES, pelo importante apoio financeiro para o desenvolvimento deste estudo. Por fim, meu

obrigado vai para todas as pessoas que não foram citadas, mas que de alguma maneira se fazem presentes em minha memória, sendo, portanto, um complemento daquilo eu sou. Meu mais sincero obrigado!

“O léxico da língua é o que mais nitidamente reflete o ambiente físico e social dos falantes.” (SAPIR, (1884-1939) apud. COUTO, 2016, p. 38)

RESUMO

O corpo representa um elo, e também o primeiro contato com o meio ambiente, com o mundo. O estudo ora proposto tem como objetivo principal demonstrar como a relação entre o corpo e o mundo é capaz de produzir, nas interações comunicativas, novas palavras e expressões metafóricas e metonímicas relativas às partes do corpo humano. Dessa forma, observa-se a interação simbiótica capaz de gerar produção linguística. Para desenvolver a pesquisa foram coletadas listas de palavras e expressões metafóricas e metonímicas em dois dicionários de língua portuguesa, Aurélio e *Houaiss* ambos em mídia digital. Assim, os itens lexicais ocupam uma posição de significar não mais as partes do corpo, mas sim, uma similaridade ou condensação semântica com outros elementos do meio ambiente. É o caso, por exemplo de: mão-de-vaca; pé de *toddy*, cabeça-de-vento etc. O estudo da interação entre corpo e mundo não é novo, sobretudo no âmbito das metáforas e das metonímias. No entanto, o fenômeno ora proposto para discussão o é, pois se orienta pela perspectiva da Ecolinguística com a Teoria da antropologia do imaginário. A primeira estabelece a relação entre língua e meio ambiente/mundo, Relação essa que vem ocupando espaço em estudos desde 1990, no Brasil. Nomes como o de Edward Sapir e Einar Haugen, serviram para potencializar a ciência da Ecolinguística, que por si se configura sincrética, visto que incorporou conceitos de outras teorias. A segunda oferece um olhar para o capital imagético e simbólico do ser humano. Ambos os campos de saber entendem que o corpo ocupa posição natural, inevitavelmente ligado ao meio ambiente natural em interação com o meio ambiente social. O objeto da nossa análise, partes do corpo em expressões linguísticas metafóricas e metonímicas, nos conduziu a algumas inquietações que nos permitiu este estudo, embasados na seguinte pergunta: de que maneira as partes do corpo humano ajudam a produzir palavras e expressões metafóricas/metonímicas no Português brasileiro? Como resultado é possível afirmar que as expressões metafóricas e metonímicas se reciclam e se adaptam a partir das partes do corpo humano, as partes do corpo fornecem palavras para criar outras expressões metafóricas/metonímicas; também que há uma relação ecossistêmica entre ecossistema mental, ecossistema social e ecossistema natural na produção dessas mesmas expressões; chegamos à conclusão também que as partes do corpo humano carregam simbolismo, o que ajuda a expandir as expressões metafóricas e metonímicas. Este estudo se fundamentou na perspectiva da Linguística Ecossistêmica e a Antropologia do Imaginário. Para desenvolver a pesquisa recorremos a alguns autores que foram basilares: Couto (2007 e 2016) e Durand (2012). O primeiro é considerado um dos grandes representantes da Linguística Ecossistêmica no Brasil, seus estudos têm colaborado enormemente com refinamentos teóricos para a área. O segundo foi importante para tecer reflexões sobre a Antropologia do Imaginário. O trabalho se sustentou em uma abordagem metodológica qualitativa e de cunho ecometodológico (visão multilateral indutiva e dedutiva), por se afastar de visões polarizadas/radicalizadas.

Palavras-chaves: Antropologia do Imaginário; Ecolinguística; Metáforas e Metonímias.

ABSTRACT

The body represents a link, and also the first contact with the environment, with the world. The study proposed here has as its main objective to demonstrate how the relationship between the body and the world is capable of producing, in communicative interactions, new metaphorical and metonymic words and expressions related to the parts of the human body. Thus, the symbiotic interaction capable of generating linguistic production is observed. To develop the research, lists of metaphoric and metonymic words and expressions were collected in two Portuguese language dictionaries, Aurélio and Houaiss, both in digital media. Thus, lexical items occupy a position of meaning no longer parts of the body, but a similarity or semantic condensation with other elements of the environment. This is the case, for example: manpower; toddy's foot, windswept etc. The study of the interaction between body and world is not new, especially in the field of metaphors and metonymies. However, the phenomenon now proposed for discussion is, as it is guided by the perspective of Ecolinguistics with the Theory of Anthropology of the Imaginary. The first establishes the relationship between language and environment/world, a relationship that has been occupying space in studies since 1990, in Brazil. Names such as Edward Sapir and Einar Haugen served to enhance the science of Ecolinguistics, which in itself configures syncretic, as it incorporated concepts from other theories. The second offers a look at the imagery and symbolic capital of the human being. Both fields of knowledge understand that the body occupies a natural position, inevitably linked to the natural environment in interaction with the social environment. The object of our analysis, body parts in metaphoric and metonymic linguistic expressions, led us to some concerns that allowed us to do this study, based on the following question: how do human body parts help to produce metaphoric/metonymic words and expressions in Brazilian portuguese? As a result, it is possible to state that metaphorical and metonymic expressions are recycled and adapted from parts of the human body; also that there is an ecosystem relationship between mental ecosystem, social ecosystem and natural ecosystem in the production of these same expressions; We also came to the conclusion that the symbolism of the parts of the human body represents the abstract field of language, being responsible, therefore, for helping to build metaphorical and metonymic expressions linked to the body. This study was based on the perspective of Ecosystem Linguistics and Theory of the Imaginary. To develop the research, we resorted to some authors who were fundamental: Couto (2007 and 2016) and Durand (2012). The first is considered one of the great representatives of Ecosystem Linguistics in Brazil, his studies have collaborated enormously with theoretical refinements for the area. The second was important to reflect on the Anthropology of the Imaginary. The work was based on a qualitative methodological approach and an ecomethodological approach (inductive and deductive multilateral view), as it moves away from polarized/radicalized views. Finally, it is important to emphasize the inconclusive nature of this work, as the perspectives we bring here serve as possibilities to boost future research.

Keywords: Anthropology of the Imaginary; Ecolinguistics; Metaphors and Metonymies.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 CAPÍTULO METODOLÓGICO: APRESENTAÇÃO DAS FASES, DEMONSTRAÇÃO DOS CAMINHOS E IDENTIFICAÇÃO DO CORPUS.....	20
1.1 Metodologia Ecolinguística.....	20
1.2 Escolha dos dicionários.....	22
1.3 Catalogação dos dados.....	24
1.4 Tópicos e critérios de análise.....	25
2 REFLEXÕES SOBRE AS METÁFORAS: SIMILARIDADE/SEMELHANÇA CARACTERÍSTICAS QUE POTENCIALIZAM OS SENTIDOS.....	26
3 DESCORTINANDO PRINCÍPIOS: ALGUNS CONCEITOS BASES DA LINGUÍSTICA ECOSSISTÊMICA	31
4 ECOSSISTEMA MENTAL DA LÍNGUA: UMA ARTICULAÇÃO POSSÍVEL COM A TEORIA DO IMAGINÁRIO PARA A PRODUÇÃO DE PALAVRAS E EXPRESSÕES EM LÍNGUA PORTUGUESA BRASILEIRA.....	47
4.1 Noções gerais acerca da teoria do Imaginário.....	47
4.2 O corpo humano como objeto simbólico na sociedade e nas literaturas.....	55
4.3 Noções mais específicas sobre a mente e o imaginário na língua(gem).....	59
5 METÁFORAS E METONÍMIAS DO CORPO HUMANO: UM OLHAR ECOLINGUÍSTICO E IMAGINÁRIO.....	62

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....82

BIBLIOGRAFIAS.....84

REFERÊNCIA DOS APÊNDICES.....87

APÊNDICE A.....88

APÊNDICE B.....109

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, objetivamos discutir acerca dos fenômenos metafórico e metonímico, correspondentes à linguagem figurada. Primeiramente, é interessante contar sobre a motivação para a escolha do material a ser analisado para que o leitor possa compreender os percursos e entender as suas implicações. Tudo começou com uma leitura aleatória das metáforas, na época, para complementar outro estudo em andamento. Essa situação foi decisiva, pois permitiu encontrar o tema. Isso aconteceu após ler algumas páginas da obra *Metáforas da vida cotidiana*, de Lakoff e Johnson (2002), na qual os autores mencionam algo relacionado às metáforas e algumas partes do corpo humano, embora um assunto pouco explorado na obra.

Em dado momento da vida, estava eu sentado na sala da minha casa com um livro em mãos. Leitura aleatória para passar o tempo. Nessa época, tencionava fazer pós-graduação, mestrado. Eu, enquanto curioso da linguagem, observava atentamente as discussões dos meus familiares sobre assuntos ligados ao cotidiano. Num dado instante, algo me chamou a atenção nas suas falas: o uso recorrente de expressões como “braço do sofá” e “pé da mesa”. Essas palavras despertaram minha curiosidade.

Dias depois, buscando contato com leituras de cunho teórico em Ecolinguística encontrei uma imagem que trazia escrito “pé da montanha”. A partir disso, decidi pesquisar mais a respeito do assunto e a partir da obra *Metáforas da vida cotidiana*, de Lakoff e Johnson (2002), estabeleci relações com o tema. A proposta das metáforas alavancou o desejo de outrora de buscar uma pós-graduação, especialmente as leituras das páginas 123 a 125 dessa obra.

Nessas páginas específicas, os autores discutem, ainda que brevemente, questões metafóricas relacionadas a algumas partes do corpo humano, exemplificando como elas passam a significar outras coisas em determinadas construções frasais. “Pé da montanha” estava lá. A esse grupo especial de metáforas esses teóricos chamaram de idiossincráticas, visto que, para eles, essas expressões não se apresentavam de modo estruturante como as outras formas tratadas na obra.

Toda essa situação contribuiu para a uma maior reflexão sobre o assunto, em relação a origem deste tipo de metáfora, o alcance delas etc. Para minha surpresa, encontramos quantidades significativas de palavras e expressões metafóricas/metonímicas sobre as partes do corpo humano.

Assim, fui me identificando com o assunto cada vez mais. Enquanto coletava dados, o interesse crescia e, com ele, surgiam questionamentos como: de que maneira a relação entre o corpo e o mundo/meio ambiente produz palavras e expressões? Qual é o percurso desse fenômeno linguístico? Quais aspectos da existência humana poderiam estar envolvidos? No entanto, até o momento eram apenas indagações sem sistematização.

No transcorrer das leituras e do contato com teorias diversas, as reflexões aumentavam cada vez mais. Ideia já frutificada, era preciso sistematizar e delimitar campos possíveis de atuação e de perspectivas para observar o objeto linguístico. A única certeza até então era a de que eu já decidira o assunto com que queria trabalhar: as expressões metafóricas e metonímicas em relação as partes do corpo humano, talvez pelo fato de estarem constantemente presentes no nosso cotidiano, ajudaram a potencializar o interesse no tema. Entender de que maneira o corpo servia para produzir metáforas e metonímias despertou, de fato, meu interesse.

Assim, formulamos o objetivo da dissertação demonstrar como a relação entre o corpo e o mundo é capaz de produzir, nas interações comunicativas, novas palavras e expressões metafóricas e metonímicas relativas às partes do corpo humano. Dessa maneira, buscando teorias que fundamentassem a problemática em questão, me deparei com a Linguística Ecológica, cujo princípio básico é a inter-relação do indivíduo com o meio ambiente e dos próprios indivíduos entre si.

Esse campo científico permite entender como interagimos linguisticamente entre nós mesmos e o mundo, e como o nosso corpo se relaciona com o mundo e entre nós mesmos. Além disso, nos permite questionar sobre o modo como estamos interagindo com o meio ambiente, relação que potencializa a complexidade na busca por uma compreensão acerca de nós mesmos no mundo. Tendo em vista tudo isso, não há como fugir da multidisciplinaridade da Linguística Ecológica. É preciso tratar de mente, de cultura, de imaginário e de linguística neste estudo.

Diante de certa perspectiva teórica passível de aplicação, o próximo passo foi coletar dados para desenvolver o projeto a ser submetido. Então tivemos que procurar *corpus* de análise na internet. Esse processo foi inicial. Vimos que a disposição do material era aparecia em grande quantidade. A partir disso, ficou acordado que os dicionários seriam uma opção viável e adequada para o tipo e a quantidade de dados específicos a este trabalho.

Um caminho possível foi o uso de dicionários digitais e optamos pelo dicionário *Aurélio* e pelo dicionário *Houaiss*, ambos em língua portuguesa, digitais, disponíveis na internet e em aplicativo. É importante frisar que a opção pelos dicionários se deu, além de

outros fatores, por considerarmos o pouco tempo do curso de mestrado. Houve sugestão contrária, para que a coleta fosse feita em campo, por meio de conversas do dia a dia, algo inviável diante do tempo e da dificuldade em conseguir esse tipo de dados para o trabalho.

Ainda assim, podemos dizer que os dados retirados dos dicionários citados foram satisfatórios, pois forneceram confiabilidade científica e um número considerável de termos lexicais para o estudo do fenômeno linguístico em verificação. Ao todo, o apêndice desta pesquisa conta com cerca de cinquenta páginas de expressões metafóricas e metonímicas em que as partes do corpo humano aparecem para significar outras coisas no mundo.

Além disso, é importante salientar que dois aspectos foram decisivos para impedir a coleta de dados em eventos de fala reais: o primeiro deles se refere ao tempo disponível para a coleta de dados, tendo em vista ser insuficiente para selecionar dados específicos como os da linguagem do dia a dia. O segundo diz respeito ao percurso a ser feito na coleta de dados na oralidade, com a definição de problemas como: qual seria o público-alvo? O que fazer para que expressões desse tipo aparecessem? Em quais grupos observar? Em quais situações? Tudo isso dificultou a possível coleta dos dados em campo. Por conta disso, optamos por coletar os dados para a pesquisa nos dicionários, uma alternativa diante das dificuldades encontradas para fazer as coletas dos dados.

Com a fonte de pesquisa em mente, foi preciso pensar em quais dicionários usar, se mídia física, mídia digital e/ou ambas. Os dicionários em formato digital foram fontes mais viáveis para a busca dos dados, devido à sua constante atualização, seu fácil acesso na era tecnológica em que estamos. Logo, tivemos como opções mais adequadas os dicionários com mais circulação e reconhecimento no Português brasileiro: o dicionário *Aurélio* e o dicionário *Houaiss*. Acreditamos também que é preciso desmistificar a ideia da estabilidade linguística inflexível aplicada aos dicionários, mito constantemente disseminado ao longo do tempo.

São comuns as afirmações de que os dicionários trazem termos deslocados da realidade, porque as palavras são paradas no tempo, ficando restritas a determinados momentos da história. No entanto, não podemos nos esquecer de que os dicionários são, antes de tudo, objetos que encontram suas bases lexicográficas na própria sociedade. Eles ainda podem incorporar termos não aceitos e/ou reconhecidos pela gramática normativa. Assim, não é viável concebê-los a partir de uma visão estritamente estática no tempo ou na história.

No que concerne ao apêndice, podemos dizer que foram mais de seis meses de busca, seleção e coleta, reunidos em pouco mais de cinquenta laudas. Com as listas de terminologias em mãos, foi preciso organizar todas as expressões em ordem alfabética. Isso feito, o seguinte passo se referiu à catalogação a fim de tornar os dados mais explícitos, optamos por fazer uso

dos gráficos. Estes, por organizarem os dados coletados, dando-lhes mais exatidão e nitidez, ajudam a dar um contorno mais científico para as pesquisas. Além disso, por causa deles, o leitor não precisa ficar voltando nos apêndices dos trabalhos a todo o momento e, conseqüentemente, há uma fluidez mais natural na leitura.

Isso posto, este trabalho se propôs a demonstrar – à luz da Linguística Ecológica como a relação entre o corpo e o mundo produz nas interações comunicativas novas palavras e expressões metafóricas e metonímicas relativas às partes do corpo humano. O constante contato com os dados e com as leituras relacionadas a eles nos motivou a pensar as partes do corpo humano e sua inter-relação com o mundo, com a adaptação da língua, sua forma de reciclagem, suas implicações imaginárias etc.

As reflexões que emergem desse diálogo corpo, língua e Linguística Ecológica envolvem aspectos dimensionais mais amplos, como espaços físicos/naturais, mentais e socioculturais. Esses três ecossistemas são os elementos basilares na construção de um ecossistema integral da língua como orientado pela Ecolinguística. Em meio a isso, este estudo, desde sua elaboração, tentou manter, como seu objetivo geral, demonstrar como a relação entre o corpo e o mundo é capaz de produzir, nas interações comunicativas, novas palavras e expressões metafóricas e metonímicas relativas às partes do corpo humano. Paralelo a tudo isso, os objetivos específicos serviram como guias para coordenar as ações mais específicas a serem desenvolvidas:

- Discutir as implicações imaginárias nas relações que estabelecemos com as partes do corpo humano (mental).
- Entender de que maneira ocorre a trajetória do corpo/concreto/natural até o metafórico e metonímico/abstrato/social e mental.
- Demonstrar como a inter-relação corpo-mundo serve para produzir palavras e expressões ligadas ao corpo humano.

Em relação à metodologia utilizada nesta pesquisa, é possível afirmar que a coleta de dados e suas interpretações sugerem uma abordagem bibliográfica do método qualitativo de pesquisa. Uma das razões da adoção da pesquisa qualitativa é o fato de ela permitir mais mobilidade interpretativa do pesquisador/analista diante das análises, levando a uma noção interacionista e menos egocêntrica do saber. O interacionismo é o que move essa concepção, diminuindo a hierarquia do conhecimento, tornando horizontal a possibilidade de difundir o saber. Pensando nisso, traça-se uma nova visão sobre a compreensão do mundo, que encontra fundamento nas relações socioculturais da sociedade:

[...] o saber é uma construção humana estreitamente vinculada a valores, crenças e atitudes das pessoas imersas na realidade a ser avaliada, e o interesse da avaliação se centraliza em captar a singularidade das situações particulares e suas características (ESTEBAN, 2017, p. 92).

Assim, tende a contribuir ainda mais com o olhar científico e com as pressuposições do paradigma de conhecimento que fundamenta este estudo. Ademais, a Ecolinguística, ao se posicionar de forma holística, abre espaço para a adequação metodológica qualitativa, pois a perspectiva mais ampla ajuda a enxergar os fenômenos com maior amplitude, tanto nas suas constituições quanto nas suas dimensões. Logo, a necessidade de uma ou outra metodologia a ser aplicada vai depender de um olhar mais ampliado.

A Ecolinguística tem como base de sua estruturação três ecossistemas linguísticos— o natural, o mental e o social, como já mencionado – que estão inter-relacionados. Uma visão mais profunda e detalhada acerca do campo científico da Ecolinguística aparece na obra *O paradigma ecológico para as ciências da linguagem: ensaios ecolinguísticos clássicos e contemporâneos* (COUTO et al., 2016). Esse livro é uma coletânea de artigos que descrevem, detalhadamente, um dos percursos da Ecolinguística. Nele é possível encontrar trabalhos tanto iniciais quanto contemporâneos sobre essa área.

O material de pesquisa que foi coletado está relacionado aos três ecossistemas linguísticos propostos pela Linguística Ecolinguística. O ecossistema mental permitiu o diálogo com a Antropologia do Imaginário de Gilbert Durand. Uma delas se concentra no próprio estudo sobre os movimentos reflexos. Esses seriam a extensão do corpo para o mundo, o princípio da simbolização do ser humano, é o caso por exemplo, da vertical do corpo, o fato de o sujeito se levantar garante observação do mundo, pela parte de cima. Isso garante certa autonomia e amplitude diante dos fenômenos da existência. Outro aspecto que colaborou para o diálogo com o ecossistema mental da língua se refere às dimensões naturais e culturais que constituem o ser humano, o que Durand (2012) vai chamar de Trajeto Antropológico. Esse pode ser entendido como o percurso existencial do ser humano que está em permanente relação dialógica com aquilo que lhe é natural e subjetivo.

Assim, pensando em termos de simbolismo é inegável a relação com o mental do ser humano. Como mencionado, o Imaginário, de Gilbert Durand (1962), serviu como base para analisar com um pouco mais de propriedade a dimensão mental. Na Linguística Ecolinguística, essa dimensão humana da mente corresponde ao ecossistema mental. Tendo em vista que a Ecolinguística não trata especificamente das motivações simbólicas concernentes às partes do corpo humano, a teoria do Durand nos possibilitou relacionar essas motivações com a esfera mental sobre o assunto.

Ao se considerar os processos de significação a partir da inter-relação pessoa-pessoa e pessoa-mundo por via linguística, obrigatoriamente estamos adentrando também no campo da Antropologia do Imaginário. Essa teoria entende que o capital de imagens que constitui a mente do *homo sapiens* é o resíduo de um processo existencial contínuo, complexo e longo. Isto é, o capital simbólico dos seres humanos é forma representativa da evidente inter-relação desses no/com o meio ambiente (DURAND, 2012).

Para Durand (2012), os seres humanos são produtores de símbolos e toda produção simbólica serve para suprir a angústia frente à passagem do tempo e frente à morte. Se for possível conceber que muitas ações humanas são mediadas por pulsões simbólicas, então seria válido afirmar que as realizações linguísticas também respondem positivamente a essa pulsão humana. A teoria Antropológica do imaginário nos levou a pensar um pouco além do que significa o ecossistema mental, sendo muito mais do que aspectos cognitivos e operações fisiológicas mecânicas.

A Ecolinguística tem como um dos seus principais postulados a noção de língua como interação comunicativa, numa perspectiva de conexão/integração. Diante de tal fato, não pudemos pensar apenas nas interações sociais ou mentais específica e isoladamente; foi preciso unir tudo isso.

Uma das questões que justificaram o desenvolvimento deste estudo se referiu ao uso das metáforas e das metonímias como elementos presentes no nosso pensamento e nas nossas ações em práticas linguísticas do dia a dia. As metáforas e as metonímias aparecem nas falas do cotidiano, especialmente em situações de informalidade, que permitem o uso de termos lexicais como “pé na bunda” e “braço direito”, por exemplo.

É importante dizer que, conforme apontam Couto, Couto e Borges (2015), a Linguística Ecológica trata de uma nova proposta epistemológica, assim como foram, inicialmente, o Funcionalismo Clássico e a Cognição, por exemplo, estando ainda em desenvolvimento. Para o campo epistemológico, a língua é a própria interação comunicativa tanto entre pessoas e pessoas quanto pessoas e o seu meio ambiente/biótopo. Outros dos seus pressupostos se baseiam em alicerces de categorias ecológicas ligadas à visão ecológica de mundo.

No caso das expressões linguísticas, a Linguística Ecológica (LE) entende que a língua é a interação com o mundo. Esse processo de comunicação produz o diálogo de interação/inter-relação, que exige o uso das palavras para se falar no mundo, com o mundo e do mundo.

A Linguística Ecológica é uma linha de pesquisa dentro da Ecolinguística. A (LE) se define como uma perspectiva ecológica dos estudos da linguagem, mais especificamente do sistema linguístico e de suas interações. Desse modo, a visão de mundo e as categorias de análise da Ecologia são direcionadas para o estudo da língua, a fim de se compreender as inter-relações existentes entre um povo que interage linguisticamente em um território. Isso dá forma ao ecossistema linguístico. Por isso, para a LE, a língua é a interação comunicativa dos falantes, espaço de onde emergem os léxicos e as expressões, objetos da Linguística ecossistêmica.

De acordo com Couto, Couto e Borges (2015), uma característica importante dos seres vivos são as interações desses com o mundo e consigo mesmos, pois é por essas inter-relações que se constitui a própria vida. Desse modo, na direção da Linguística Ecológica, Edward Sapir afirma (apud COUTO, 2016, p. 37) que a “[...] língua sofre materialmente a influência do quadro ambiental em que se acham os seus falantes”. Dessa maneira, pode-se dizer que a língua, objeto de nossa análise, reflete todo um quadro complexo e cultural da relação corpo e mundo.

Discutir sobre as metáforas e as metonímias tem se revelado algo já explorado, visto que alguns trabalhos científicos já vêm discutindo sobre o assunto. Isto é, podemos dizer que a investigação, mais especificamente relacionada às metáforas e às metonímias, não é algo novo. É justo dizer por outro lado, que a materialidade linguística se configura diferente das apresentadas em trabalhos já feitos. Com o objetivo de explicitar a recorrência de estudos sobre alguns dos temas discutidos nesta pesquisa, segue o quadro abaixo:

LITERATURA REVISADA	FICHA ACADÊMICA	TEMAS ESTUDADOS	MÉTODOS UTILIZADOS	CONCEITOS E PRESSUPOSTOS TEÓRICOS
(SILVA, 2012): As bases corporais da gramática: um estudo sobre a conceptualização e a metaforização no Português brasileiro.	Tese de doutorado	O estudo aborda temas relacionados ao corpo, à gramática e à metáfora no Português do Brasil.	Coleta de dados	Cognição com base em esquemas imagéticos e projeções linguísticas metafóricas.
(ABRÃO, 2018): A metáfora no processo de interação On-line: uma abordagem semiótica e cognitiva.	Dissertação de mestrado	Entender o papel das metáforas na construção de significados na perspectiva inter e multidisciplinar, bem como eles podem ser manipulados no processo de interpretação.	Coleta de dados	Semiótica, Cognitivism e Teoria conceptual da metáfora.
(SANTOS, 2011): Um estudo sobre a metonímia como um processo cognitivo	Dissertação de mestrado	O texto apresenta um olhar investigativo para as metonímias e sua relação com a linguagem figurada. Para isso, apresenta um paronama que vai da Retórica à Linguística Cognitiva.	Qualitativo	Linguagem figurada, Retórica e Linguística Cognitiva.
(SPERANDIO, 2014): Entre os domínios da metáfora e da	Tese de doutorado	Entender como as metáforas e as metonímias produzem sentido em texto multimodal, apoiando-se em diferentes modos semióticos de	Qualitativo descritivo e explicativo.	Teoria Conceptual e Teoria da Integração Conceptual.

metonímia na produção de sentido de charges animadas.		apresentação.		
(CASAROLI, 2020): A construção do discurso autorreferencial do jornal O Popular: o alicerce mítico na ecologia da interação comunicativa.	Tese de doutorado	Compreender como se dá a construção do discurso autorreferencial no jornal O Popular.	Qualitativo de caráter descritivo e explicativo.	O trabalho buscou descrever e explicar o discurso da autorreferencial por via da Ecologia da Interação Comunicativa e de categorias do Imaginário.
(REIS, 2019): Um olhar ecolinguístico para os saberes e as práticas de “raizeiros” da cidade de Nova Glória.	Dissertação de mestrado	Compreender as práticas e os saberes dos “raizeiros” considerando sua relação com o meio ambiente.	Coleta de caráter descritivo e explicativo.	Ecolinguística, Etnociências e Semântica

QUADRO 1: LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO

A pesquisa de Silva (2012) discute sobre o processo de categorização linguística. Nessa perspectiva, o autor defende que as bases para a categorização linguística seriam subsidiadas por modelos cognitivos estruturados por esquemas imagéticos e projeções metafóricas. Assim, as metáforas se revelam como formas para conceptualizar as coisas do mundo, vinculada também à formação cultural do homem. Por fim, é possível dizer que, embora discuta sobre as metáforas, a perspectiva se orienta por uma esteira teórica divergente daquela proposta nesta dissertação.

O segundo estudo *A metáfora no processo de interação On-line: uma abordagem semiótica e cognitiva* (ABRÃO, 2018) parte da noção de ciberespaço como lugar de interação social. A proposta principal desse trabalho é a de entender o papel das metáforas na construção dos significados. O estudo teve como base teórica a Semiótica de Pierce e a Teoria da Metáfora Conceptual. Isto é, as teorias e a perspectiva de análises são em direções divergentes das nossas.

Santos (2011) apresenta em suas análises, considerações sobre as metonímias em linguagem figurada, tendo como base metodológica o estudo de caso. Para desenvolver seu estudo o autor traça um panorama que vai desde os estudos da Retórica até a Linguística Cognitiva. O trabalho realizado demonstrou o alcance sociocultural presente nas metáforas conceptuais em análise. A nossa dissertação se difere da de (SANTOS, 2011) também na base teórica usada para as análises, bem como no objetivo a ser alcançado.

Na pesquisa *Entre os domínios da metáfora e da metonímia na produção de sentido de charges animadas* (SPERÂNDIO, 2014). É discutida a noção de interação entre as metáforas e metonímias na produção de sentido de um texto multimodal. O horizonte metodológico teve como base a Teoria da Metáfora Conceptual e com a Teoria da Integração Conceptual. As perspectivas teóricas da nossa dissertação transitam entre Linguística ecossistêmica e Antropologia do Imaginário. Além disso, é possível considerar que a materialidade linguística coletada se configura como algo diferente, o nosso, expressões metafóricas e metonímicas, na pesquisa de Sperândio (2014), charges animadas. Assim, o nosso estudo se figura a partir de uma orientação e relação teórica diferente, bem como o *corpus* coletado para análise.

Já a tese de Casaroli (2020) embora dialogue com a teoria Antropológica do Imaginário e com a própria Ecolinguística, se difere da nossa, tanto na perspectiva quanto nos *corpora* coletado. Isto é, o objetivo principal de (CASAROLI, 2020) foi o de identificar o

discurso autorreferencial no jornal O Popular. Nesse estudo a autora apresenta um diálogo entre a perspectiva mística e a Ecologia da interação comunicativa.

Em último caso a dissertação de (REIS, 2019) traz um olhar ecolinguístico para os saberes e práticas dos raizeiros da cidade de Nova Glória. A autora buscou investigar a possível presença de traços ecolinguísticos no conhecimento e em práticas ritualísticas dessas pessoas. Para isso foi feito um estudo de campo com entrevistas e diálogos. Em comparação com a nossa proposta, o estudo de (REIS, 2019) também propõe um diálogo teórico e perspectiva de análise que não correspondem ao nosso objetivo e base teórica.

A partir do levantamento bibliográfico apresentado é possível dizer que o nosso estudo se reafirma legítimo, tendo em vista que ele procura demonstrar a inter-relação entre a Antropologia do imaginário, a Linguística ecossistêmica e as metáforas/metonímias. Algo que nenhum dos estudos anteriormente citados fizeram. Assim, nosso estudo se figura diferente, pois mantém um diálogo constante entre teorias aparentemente diferentes nas das outras. Além disso, a materialidade linguística, os dados coletados, para o nosso estudo se figuram novos, pois a coleta e catalogação se deu pelo autor desta dissertação.

Este estudo se organiza da seguinte maneira: primeiramente trazemos o capítulo metodológico, cujo objetivo principal é apresentar um panorama de construção da pesquisa. Num segundo momento discutimos sobre as metáforas e as metonímias, suas ideias gerais, algumas características e relações. Terceiro, apresentamos a Ecolinguística e os princípios fundamentais que embasaram esta análise, como holismo, interação, reciclagem e adaptação. Em seguida, descrevemos os caminhos percorridos e, depois, discutimos acerca da perspectiva do imaginário, mostrando como o corpo e suas partes foram, ao longo da humanidade simbolizados. Para isso, trazemos exemplos de símbolos, mitos, rituais e ações que demonstram, materialmente, as proposições de Gilbert Durand ao estruturar o Imaginário humano. Por último, exibimos as análises desenvolvidas à luz das teorias já discutidas ao longo do texto.

Nesta pesquisa, buscamos observar o todo na construção de um fenômeno investigativo, observando teorias que estão subsidiando as nossas observações: a Ecolinguística e o Imaginário. O estudo ainda serve como possibilidade e como adendo para auxiliar em futuras pesquisas que busquem observar o corpo e a relação dele com a linguagem, justamente por partir de uma ótica teórico subjetiva específica, algo que regula, seleciona e modula as orientações teórico-metodológicas de qualquer texto.

1 CAPÍTULO METODOLÓGICO: APRESENTAÇÃO DAS FASES, DEMONSTRAÇÃO DOS CAMINHOS E IDENTIFICAÇÃO DO *CORPUS*

Nesta parte do trabalho vamos apresentar o percurso metodológico que guiou as análises deste estudo. Primeiro discutimos um pouco sobre metodologia da Ecolinguística, tendo em vista que há duas definições relevantes neste paradigma científico: as noções de multimetodologia, de ecometodologia e de holismo. Em um segundo momento o estudo apresenta o caminho feito para a construção desta pesquisa: contextualização, constituição dos dados, das abordagens teóricas e os critérios de análises que foram utilizados.

1.1 Metodologia Ecolinguística

O trabalho desenvolvido nesta dissertação transita no entre saberes propostos pela Linguística Ecológica, ou seja, os fundamentos teóricos se orientam por uma perspectiva ecológica da linguagem. Essa corrente de pensamento permite enxergar a língua(gem) a partir de uma ótica inter-relacionada dos ecossistemas constituintes da língua. Desse modo, a Ecolinguística fornece caminhos para uma metodologia compromissada com os valores ecológicos da língua(gem), o que envolve a integração dos ecossistemas. Isso também garante ampliação na abordagem dos fenômenos da língua.

O paradigma ecolinguístico observa os fenômenos da língua a partir de uma percepção holística, ou seja, as análises que se dispuserem a se aventurar por essa seara epistemológica não podem se restringir à parte apenas “[...] sem considerar o todo”¹, como bem corrobora Couto (2016) ao tratar do *holismo* nas análises linguísticas. Em suas palavras, “[...] há inter-relação da sintaxe com a entonação, para não dizer com a morfologia, com a fonologia e com o léxico, por exemplo, por mais que a gramática gerativa queira negá-lo. A sintaxe tem a ver até mesmo com a ecologia da interação comunicativa.” (COUTO, 2016, p. 215). Dessa maneira, estão impregnados na linguagem os seus múltiplos sentidos, a cultura, as ideologias, a história etc.

O pesquisador Hildo do Couto, em seus trabalhos mais recentes, refina seu pensamento acerca do **holismo** pontuando que a totalidade das análises praticadas não são, de

¹ **A parte e o todo** também se referem à obra do físico Werner Heisenberg, importante trabalho para se aprofundar sobre esse assunto e, conseqüentemente, entender melhor as bases constitutivas da Ecolinguística.

modo algum, uma tentativa de “envolver o mundo com os braços”; por outro lado, são apenas formas possíveis de se compreender as implicações existentes em torno de específicas observações, em porções substanciais da matéria analisada. Dessa forma, é claramente possível e válido estudar os objetos a partir de uma visão específica e segmentada, entretanto, não se pode esquecer de que há inter-relações outras, de diversas ordens, que, direta ou indiretamente, interferem no material em investigação (COUTO, 2016).

Trabalhos mais contemporâneos trazem com mais detalhes uma discussão acurada acerca das concepções de metodologia em Ecolinguística. É o caso de Albuquerque (2015) e Silva (2015), que discutem cerca de uma proposta metodológica para a Ecolinguística, denominada de ecometodologia. Tal modelo se sustenta na ideia de uma perspectiva ecológica, baseada em valores como a integração das partes e a observação do todo. Isso significa entender a relevância das partes para a compreensão do resultado na sua integralidade.

A Linguística ecossistêmica se constitui como multimetodológica, como aparece em Couto (2018). Essa abordagem metodológica ampliada permite ao pesquisador mobilizar os passos das suas análises conforme necessidade pessoal em conformidade com os objetivos a serem alcançados na pesquisa. Assim, se o objetivo for analisar o léxico da língua como elemento puramente sistêmico, o pesquisador deverá proceder conforme abordagem metodológica que lhe assegure tal caminho, por exemplo.

Esse modelo oferece relativa autonomia de mobilização procedimental, de acordo com as necessidades de cada material em análise sem deixar de atender e de estar em conformidade com as propostas de análise específicas de cada estudo e/ou perspectiva analítica particular. Assim, pode-se afirmar que a ecometodologia funciona a partir de um ponto dialógico entre os métodos de abordagem indutiva e dedutiva, tornando possível partir tanto da empiria para a teoria como do inverso (COUTO, 2018).

Nosso trabalho buscou compreender e descrever o processo/fenômeno linguístico de produção de palavras e expressões que buscaram, no léxico sobre partes do corpo humano, elementos para sua composição linguística. Assim, esta pesquisa se define como qualitativa, isto é, de caráter exploratório. Uma das possibilidades metodológicas é o tipo de pesquisa qualitativa, via que será adotada neste estudo. De acordo com Celani (2004), possui natureza interpretativista e se fundamenta nas relações entre sujeitos, almejando alcançar o conhecimento por meio da diversidade de realidades impressas na sociedade, opondo-se à proposição de axiomas e à objetividade.

1.2 Escolha dos dicionários

A escolha dos dois dicionários Houaiss e Aurélio se deu por dois fatores: o primeiro diz respeito à sua circulação, pois ambos são amplamente conhecidos na sociedade brasileira, especialmente o dicionário Aurélio; o segundo, em virtude da facilidade do acesso, pois eles estão disponíveis em mídia digital, o que facilita ainda mais o acesso a esse material. Também entendemos que eles representam um importante acervo cultural como pontua “[...] o dicionário vem a ser o depositário do acervo lexical da cultura.” (BIRDEMAN, 2002, p. 86).

Podemos dizer, também, que os dicionários apresentam algumas características muito particulares no que se refere à corpora deste trabalho. Isso foi constatado a partir de observação dos dados trazidos nos apêndices, levando-se em conta que o dicionário Aurélio traz mais especificações do mesmo verbete se comparado ao dicionário *Houaiss*. É o caso da expressão metafórica/metonímica: ‘quebrar a cabeça’, que, no dicionário Aurélio, possui três definições – “pensar demoradamente; refletir; ruminar” – e, no *Houaiss*, apenas uma – “pensar muito”.

Outro caso está no emprego das conceptualizações das expressões: o dicionário Aurélio traz palavras com função adjetiva de expressões como ‘marginal’, ‘pé de chinelo’ e ‘bunda mole’, ao definir o significado de ‘pé de chinelo’. O dicionário *Houaiss* é contundente e diz logo: ‘pobre’. As definições do Aurélio tendem a aparecer com mais força em repertório linguístico presente no cotidiano da linguagem não padrão do Português brasileiro.

Essas questões nos levam a dizer que o Aurélio atende a uma demanda maior de pessoas e, conseqüentemente, de diversas classes sociais. Por sua popularização, inclusive ele foi distribuído gratuitamente em algumas escolas do país. Esse dicionário também traz uma maior quantidade de definições, haja vista que isso facilita o entendimento do significado dos verbetes. Também é possível inferir que, ao adotar repertório linguístico da linguagem não padrão, corrobora-se com a noção de que o dicionário está interessado em um alcance maior de pessoas, inclusive compreendendo a dimensão plural e cultural do país.

Ainda é possível afirmar que as expressões que compõem o apêndice deste estudo trazem uma quantidade significativa dentre léxicos e expressões metafóricas/metonímicas regionalistas. Assim, o dicionário Aurélio, em especial, cumpre o papel de atender a essa demanda diversa que constitui a nação brasileira, o que, talvez em tese, explicaria as quantidades de definições em maior número, se comparada ao *Houaiss*. Nessa direção concordam com a nossa Birdeman (2002, p. 112), ao realizar um trabalho minucioso sobre os dois dicionários chega à seguinte conclusão: “Numa avaliação geral, é preciso admitir que o

AURÉLIO continua sendo um dicionário mais coerente e de melhor qualidade técnica do que o HOUAISS [...]”.

Dicionário Aurélio		Dicionário Houaiss
BOCA		
BATER BOCA	Discutir, altercar	Discutir acalorada e demoradamente; propalar, dar publicidade
BOTA A BOCA NO TROMBONE	Denunciar, delatar; reclamar, protestar	Reclamar, protestar; denunciar algo; responsabilizar publicamente a alguém por erro, injustiça etc.
DA BOCA PARA FORA		
CABEÇA		
CABEÇA FRIA	Calma de espírito; tranquilidade; serenidade	tranquilidade espiritual; serenidade, equilíbrio
ENTRAR DE CABEÇA	Dedicar-se profundamente; entregar-se com toda disposição)	dar-se inteiramente a; pôr-se ao serviço de
QUEBRAR A CABEÇA	Pensar demoradamente; refletir, ruminar	pensar muito
LÍNGUA		
LÍNGUA AFIADA	Língua de palmo	língua cumprida
DOBRAR A LÍNGUA	Emendar o que se acabou de dizer; Falar com respeito, depois ser advertido pela pessoa a quem se tratou desrespeitosamente .	reconsiderar
ESTAR COM A LÍNGUA COÇANDO	Com vontade de falar algo que não deva	ter vontade de contar algo que não pode ser contado

MÃOS		
MÃO NA RODA	Ajuda propícia; auxílio oportuno	ajuda em boa hora
COM A MÃO NA CONSCIÊNCIA	(Botar) a mão na consciência: Pôr a mão na consciência.	atitude justa
COM A MÃO NA MASSA	Trabalhando em determinada coisa de que no momento se trata; com as mãos na massa	em pleno ato
PÉS		
COM O PÉ DIREITO	De maneira feliz; com boa sorte; bem	com sorte
IR NUM PÉ E VOLTAR NO OUTRO	Ir e vir num pé só (Não demorar senão o mínimo indispensável; ir e voltar com a máxima rapidez; ir num pé e vir no outro; ir num pé e voltar no outro	Ir num pé e voltar no outro (muito rápido)
PÉ DE CHINELO	Pé de poeira; marginal pouco perigo; bunda mole	pobre

Tabela 1: Itens lexicais retirados dos dicionários Aurélio e Houaiss

Isso nos leva a inferir que o dicionário Aurélio tende a fornecer maiores especificações porque também é mais acessível à sociedade. Como já pontuado, ele apresenta terminologias com mais precisão de detalhes. Além disso, esse dicionário fez parte, a partir do ano 2000 passou a fazer parte do PNLD, programa de distribuição de livro didático do Governo Federal (BRANGEL e MIRANDA, 2014). Essas questões podem justificar o fato de haver mais definições sobre uma mesma expressão ou palavra. É relevante dizer que as expressões metafóricas no apêndice são, em sua maioria, regionalistas. Essa situação exige mais definições semânticas para a compreensão do sentido daqueles termos ali presentes.

1.3 Catalogação dos dados

Antes de tudo, é importante dizer que foi feita uma lista com todas as partes do corpo humano para que a pesquisa pudesse ser a mais completa possível. Depois da lista pronta demos início à coleta dos dados nos dicionários já referidos. Feita a coleta do material que estava disponível nos dicionários digitais que serviram como fonte para esta pesquisa, o passo seguinte foi organizar os dados. Assim, apesar de as expressões estarem prontas era preciso organizá-las em ordem alfabética. Essa etapa permitiu ver que alguns léxicos apresentavam

mais expressões do que outros, logo, apareciam com mais frequência. Inclusive são as palavras que estão sendo analisadas neste estudo.

1.4 Tópicos e critérios de análise

Nesta fase, o objetivo foi demonstrar quais as palavras que apareceriam com mais frequência e quais não. Isso foi necessário para que houvesse uma maior nitidez dos dados coletados. Tal medida contribui para orientar o nosso pensamento, tendo em vista que as relações culturais se tornaram mais evidentes. Observado o *corpus*, a abordagem holística propiciada pela Linguística Ecológica ajudou a ampliar o olhar sobre o fenômeno linguístico em discussão, pois ela integra os três ecossistemas constituintes da língua, mental, social e natural. Ou seja, o aspecto abstrato da linguagem, cultura e simbolismo, o aspecto físico, as palavras e as relações com o mundo e o aspecto mental os usos e as proximidades de sentido, por exemplo. A intenção era observar as partes, mas olhando para o todo da construção dos dados. Chegamos no quadro abaixo acerca de como olhar para os dados:

PALAVRAS QUE MAIS APARECEM	LINGUÍSTICA ECOSSISTÊMICA	ANTROPOLOGIA DO IMAGINÁRIO
Boca Cabeça Língua Mãos Pés	Adaptação; Reciclagem da língua e aspectos culturais da linguagem.	Relação simbólica: mitos, rituais e símbolos.

QUADRO 2: TÓPICOS LEXICAIS E BASES TEÓRICAS PARA ANÁLISE.

2 REFLEXÕES SOBRE AS METÁFORAS/METONÍMIAS: SIMILARIDADE/SEMELHANÇA CARACTERÍSTICAS QUE POTENCIALIZAM OS SENTIDOS

Este capítulo tem como objetivo geral discutir sobre algumas características das metáforas e das metonímias enquanto estruturas do pensamento. Para se chegar a isso, o texto faz um retorno à conceitos iniciais e objetivos acerca das metáforas e das metonímias, com especial atenção para a noção de metáfora enquanto figura de linguagem e recurso estilístico da retórica grega, bem como a metonímias observada como a pura substituição de um elemento por outro. Também iremos demonstrar que a noção de metonímia empregada neste estudo está próxima das definições dadas à metáfora, logo usaremos metáforas/metonímias. Por fim, vale dizer que o capítulo é reflexivo, pois visa apresentar conceitos tanto gerais quanto específicos sobre as metáforas e as metonímias que foram elaborados ao longo do tempo.

O estudo das metáforas não é novo, remonta à era clássica, em Aristóteles, por exemplo, nos estudos da retórica. Para Aristóteles, "metáfora é a transferência do nome de uma coisa para outra, ou do gênero para a espécie, ou da espécie para o gênero, ou de uma espécie para outra, ou por analogia" (ARISTÓTELES, 1999, p. 63). Podemos observar que é uma definição ainda presa na ideia de pura transferência de sentidos, de uma palavra para outra. Atualmente, o conceito de metáfora ganhou refinamento, como demonstraremos adiante.

Partimos do conceito de metáfora no seu sentido básico, apoiados no dicionário Aurélio (2019) de língua portuguesa em que: metáfora, do grego [. Do gr. *metaphorá*, pelo lat. *metaphora*.] 1. *Tropo que consiste na transferência de uma palavra para um âmbito semântico que não é o do objeto que ela designa, e que se fundamenta numa relação de semelhança subentendida entre o sentido próprio e o figurado; translação.* Acredita-se que a definição seja satisfatória para a compreensão geral do que seja o elemento metafórico. O conceito de metáfora apresentado ainda que limitado, tendo em vista que fala apenas da relação de semelhança de uma palavra com outra, isto é, apenas a transferência, serve como ponto de partida.

A nossa discussão neste capítulo gira em torno das metáforas, mas não podemos caminhar sem apresentar uma noção básica sobre as metonímias, uma forma especial de metáfora, que neste trabalho, pode entendida também como a própria metáfora. As metonímias aqui neste estudo representam formas de paráfrases da linguagem. Assim, se afirma: “Os processos parafrásticos são aqueles que pelos quais em todo dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória.” (ORLANDI, 2005, p. 36).

Seguindo esse pensamento podemos dizer que as expressões metafóricas em uso neste trabalho também são formas de metonímias. As metonímias se assemelham aos processos de paráfrases. Ao se observar as análises podemos ver que as partes do corpo humano conservam certas características daquelas já existentes, como atestado por (ORLANDI, 2005). Isto é, o uso das metáforas representa uma porção daquele todo que está ali, no caso o corpo humano.

Além disso, as metonímias também se caracterizam pela substituição da parte pelo todo, sendo essa sua definição mais usual (OLIVERIA e PAIVA, 2010). Essa definição se aplica quando usamos as partes do corpo em substituição ao corpo como um todo, por exemplo. Assim, é possível observar que o corpo é substituído pelas suas partes para formar outras expressões metafóricas no mundo, exemplo, “Pé na cova”, em substituição à parte do corpo humano que corresponde ao “Pé” membro do corpo. Além das partes do corpo humano, as expressões metafóricas que surgem dessas partes também ocupam o lugar das metonímias. Isso é observável quando elas substituem as partes nas suas expressões metafóricas.

As duas características das metonímias permitem o uso de metáforas/metonímias apenas neste estudo, a primeira se refere à sua característica de paráfrase, o residual da memória, do sentido, da forma, do conceito, como discutido anteriormente. O outro ponto diz respeito à sua propriedade de substituição da parte pelo todo, as partes do corpo humano e as expressões metafóricas que são a junção de elementos mínimos para gerar sentido. Dessa forma, iremos usar o termo metáforas/metonímias, pois o estudo em discussão, bem como os elementos analisados nos permitem fazer isso sem haja problemas conceituais.

As metáforas/metonímias aparecem ainda descritas em alguns estudos como elementos de estilo, ou puramente como figura de linguagem (OLIVERIA e PAIVA, 2010), por exemplo, diferentemente da noção de figura de pensamento como a adotamos. Pensando nelas enquanto figura de estilo, unicamente, elas tendem a cumprir pura função estética na literatura (ARISTÓTELES, 1999). Elas podem aparecer no seguinte exemplo: “Você é luz”, ao se dirigir a uma pessoa. Vejamos que o termo “luz” passa a ser atribuído a alguém como

um adjetivo de exaltação. Essa definição corresponde à noção básica e clássica dada à metáfora como figura de linguagem.

As metáforas/metonímias representam um elemento estruturante da linguagem comum empregada no dia a dia. Não faz parte apenas da língua em si, em sua dimensão sistêmica, mas, sim, representando todo um complexo processo conceptual. Acerca da sua dimensão estruturante na língua, Lakoff e Johnson (2002, p. 45) afirmam o seguinte: “[...] a metáfora está infiltrada na vida cotidiana, não somente na linguagem, mas também no pensamento e na ação. Nosso sistema conceptual ordinário, [...] é fundamentalmente metafórico por natureza.” Como é possível constatar a partir da citação, as metáforas estão presentes na nossa estrutura do pensamento, independentemente das nossas opções linguísticas.

Lakoff e Johnson (2002) não compreendem as metáforas apenas como definidas pelo dicionário, conceituadas apenas figuras de linguagem que servem como ornamentos para textos literários por transferência de sentidos, embora elas ainda cumpram essas funções:

metáfora, do grego [. Do gr. metaphorá, pelo lat. metaphora.] 1. Tropo que consiste na transferência de uma palavra para um âmbito semântico que não é o do objeto que ela designa, e que se fundamenta numa relação de semelhança subentendida entre o sentido próprio e o figurado; translação. Aurélio (2019)

Para Lakoff e Johnson (2002), as metáforas são partes fundamentais de um sistema conceptual humano que é naturalmente metafórico, isto é, elas funcionam como bases para a formação de sistemas complexos de conceitos do nosso pensamento e da nossa língua.

[...]metáfora não é somente uma questão de linguagem, isto é, de meras palavras. Argumentaremos que, pelo contrário, *os processos do pensamento* são em grande parte metafóricos. Isso é o que queremos dizer quando afirmamos que o sistema conceptual humano é metaforicamente estruturado e definido. As metáforas como expressões linguísticas são possíveis precisamente por existirem metáforas fora no sistema conceptual de cada um de nós[...] (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 48)

Elas são formas de retratos da nossa relação com o mundo. Uma maneira complexa e imaginária de atribuir sentidos, compreender certos fatos. Assim, é um elemento linguístico que contribui para moldar as nossas ações diante das experiências corriqueiras do da vida cotidiana, do trajeto antropológico humano. As metáforas, por sua capacidade de similaridade, permitem associações, ativação de memória, encontros com as culturas, símbolos, mitos etc.

Como é uma das características básicas das metáforas, a similaridade, a aproximação, e/ou a possibilidade mínima de relação, é pertinente inferir, que além dos das

expressões de metáforas em igual modo como, as metáforas e as metonímias, colaboram para gerar sentidos, pois ao ocuparem outras posições lexicais, acabam conduzindo o leitor a uma infinidade de interpretações possíveis. Ou seja, as metáforas, operacionalizadas nas expressões metafóricas e metonímicas, podem ser vistas como fonte primeira, cujo objetivo é um fim em segundo. A ideia da metáfora estrutural (LAKOFF e JHONSON, 2002), trata também disso, usar conceitos metaforicamente em lugar de outros conceitos, por via de aproximação, por via da cultura e das funções semelhantes, por exemplo.

Outratipo de metáfora presente no estudo desses autores são as metáforas orientacionais. Essa categoria não se restringe a apenas a estruturação do pensamento como disposto por (LAKOFF e JHONSON, 2002). As metáforas orientacionais são outras formas de conceitos metafóricos, isso é, diz respeito àquelas metáforas que tendem a organizar-se em um sistema de conceitos em relação a outros. Elas se associam à noção de direções e orientações como: *para cima e para baixo; dentro e fora; fundo e raso; central e periférico* etc.

Ao trazer esse conceito para a nossa realidade é possível exemplificar o ato de nos levantarmos da cama pela manhã. Quando acordamos tendemos a nos colocar em posição vertical, o que demonstra que estamos vivos e fisiologicamente ativos para enfrentar o dia. A posição vertical aqui ocupa noção conceptual positiva, quando comparada com a ideia de se deitar. Essa última, diferentemente da ideia da verticalidade como sinônimo de vida, se transmuta na noção de descanso do corpo, o repouso, a inatividade do corpo em si. Esse sistema de ideias se aproxima da noção de morte. Assim, poderemos ter o espaço ou posição entre vida e morte em posições como vertical e horizontal. Esse sistema de conceitos encontra base na definição complexa que temos sobre a morte e a vida. Dessa maneira, as metáforas orientacionais podem ser vistas em contraposições como vertical X horizontal/de pé X deitado/ vida X morte.

Os autores também descrevem o grupo das metáforas ontológicas. Essas estão associadas à noção de personificações. Elas advêm da nossa interação com os objetos físicos e com as substâncias presentes no mundo. É possível, a partir desse sistema de associação conceptual, fazer referência, categorizar, agrupar, raciocinar etc. É o caso de “pé da montanha” que ao mesmo tempo representa uma forma de personificação de elementos físicos da realidade, pois montanhas não têm pés. Percebemos assim, uma forma de personificação da natureza, também em decorrência da característica de similaridade das metáforas.

A definição dada por Aristóteles, ainda na era clássica sobre os estudos da metáfora, como a transposição de nome de uma coisa para outra, funciona também como uma

transposição de significado. Para (RICOEUR, 2000) a definição de metáfora aristotélica se filia a três conceitos principais: o desvio, o empréstimo e a substituição. Pode ser compreendida, então, as metáforas como um desvio habitual lexical, também um empréstimo de sentido, uma substituição de uma palavra por outra, o que possibilita uma difusão de sentidos por aspectos linguísticos metafóricos.

“[...] a linguagem, como bem o viu Shelley, é “vitalmente metafórica”; se “bem metaforizar” é ter domínio das semelhanças, então não poderíamos sem ela apreender nenhuma relação inédita entre as coisas. Longe de ser um desvio em relação à operação comum da linguagem, a metáfora é “o princípio onipresente em toda a sua ação livre”; não constitui um poder adicional, mas a forma constitutiva da linguagem. (RICOEUR, 2000, p. 128)

Nesse contexto, a metáfora além de associar elementos da ordem sistêmica dos eixos sintáticos e paradigmáticos, também permite um apontar para fora, assumindo relações, tanto da ordem cognitiva quanto discursiva. Ela, por natureza essencial lexical estabelece inter-relação entre ser e mundo como tal garantindo a produção de sentidos. Situação que emerge a partir da complexa teia entre subjetividades dos sujeitos, constituição discursiva e história. Isso corrobora a proposta do Imaginário, que se configura como parte estruturante do ecossistema mental da língua, tendo em vista as relações sociais, culturais e linguísticas de um povo.

A metáfora, como já colocado, possui a capacidade de transmutar e ocupar posições diferentes. Isso serve para criar novos sentidos, por associações por similaridades. É o caso de usar o termo “boca suja”. Essa expressão está inserida em um circuito de sentido de semelhança com a boca e com as questões culturais de um povo, no caso, brasileiros. Alguém que tem a “boca suja” é que fala impropérios em situações que são inadequadas para isso.

Esse cenário é culturalmente inapropriado para a prática. Além disso, o sujo se relaciona àquilo que é ruim e desagradável, relacionado à boca, pode-se pensar em uma forma de interdição do sujeito. A similaridade com a boca com a interdição moral na expressão “boca suja” é associada à “lugares sujos”, por sua vez, desagradáveis, reprováveis e motivo de vergonha social.

Assim, pode-se entender que as metáforas não são meras formulações pertencentes às linguagens extraordinárias, pelo contrário, são fundamentalmente elementos linguísticos que estruturam nosso pensamento e a nossa prática no cotidiano, como também exemplificado acima. O nosso sistema de conceito é amplamente subsidiado pelas metáforas. Essa influência

é ampliada moldando diversos campos da vida humana, o aspecto cultural e a forma como nos interagimos com o mundo e uns com os outros, por exemplo. Duas dimensões importantes da nossa existência e vida em sociedade.

A ideia da metáfora enquanto instância cultural é tão forte que na atualidade, fase da história em que o capitalismo e a globalização ganham destaque, o dinheiro passou a ocupar lugar de enorme visibilidade. Por conseguinte, as relações e imbricações associadas a ele também têm influenciado na nossa forma de agir e estar no mundo. Isso pode ser exemplificado notoriamente pela citação abaixo:

Em nossa cultura, TEMPO É DINHEIRO de muitas formas: unidades de chamadas telefônicas, pagando por hora, taxas diárias de hotel, orçamentos anuais, juros sobre empréstimos e pagamento de dívida para com a sociedade através do “tempo de serviço”. Essas práticas são relativamente novas na história da humanidade e não existem em todas as culturas. Elas surgiram nas modernas sociedades industrializadas e estruturam profundamente nossas atividades cotidianas básicas. (LAKOFF; JHONSON, 2002, p. 51).

A citação explicita a relação que a cultura tem com a ideia da metáfora na nossa vida no cotidiano. Isso dá margem também para se pensar acerca da influência que o espaço físico exerce sobre a linguagem. É possível perceber que conforme houve transformações no mundo, mudanças de práticas sociais, inserção de um pensamento mercadológico e o desenvolvimento tecnológico, houve também alteração nas formas como interagimos com esse mesmo mundo.

Dessa forma, entender o modo como as metáforas são produzidas se torna algo mais amplo quando concebidas como atos que estruturam a consciência e a nossa prática. Nesse movimento é preciso considerar outras dimensões humanas, como a cultura (simbólico e polissêmico, por exemplo), também a cognição (a mente que encontra na interação dos reflexos advindos do corpo com o mundo) e a própria troca entre os sujeitos sociais (transmissão e relação de sentidos de palavras e expressões no mundo). Nessa perspectiva, segue:

A cultura, que é característica da sociedade humana, é organizada/organizadora via o veículo cognitivo que é a linguagem, a partir do capital cognitivo coletivo dos conhecimentos adquiridos, das aptidões aprendidas, das experiências vividas, da memória histórica, das crenças míticas de uma sociedade. Assim, se manifestam ‘representações coletivas’, ‘imaginário coletivo’. E, dispondo do seu capital cognitivo, a cultura institui as regras/normas que organizam a sociedade, dirigem os comportamentos individuais. As regras/normas culturais geram processos sociais e regeneram globalmente a complexidade social adquirida por essa mesma cultura. (MORIN, 1991, p. 17)

A semelhança é uma das principais características das metáforas que está sendo discutida neste trabalho. Ela colabora para fornecer aproximações entre elementos distantes de aspecto estrutural e semântico muitas vezes distintos. Nessa direção (RICOEUR, 2000, p. 301) “[...] a metáfora mostra o trabalho da semelhança porque, no enunciado metafórico, a contradição literal mantém a diferença, o “mesmo” e o “diferente” não são simplesmente misturados, mas permanecem opostos.” Apesar disso, a essencial se mantém no reservado da metáfora, em sua intimidade de significação e associação.

As metáforas e as metonímias são elementos do pensamento que estão articulados a processos mais amplos no mundo, é o caso do imaginário, da cultura, e da língua. As metáforas e as metonímias são também elementos que estruturam o nosso pensamento. Essa estruturação ocorre principalmente pela associação de uma ideia semelhante, a uma outra ideia. Acontece também por via da proximidade das funções, isto é, algumas palavras permitem expandir os seus sentidos porque as funções delas são muito próximas a outras coisas no mundo. É preciso que as palavras estejam em condição de aproximação com outras, ou cumpram função semelhantes, ou tenham forma semelhantes, ou qualquer outra proximidade que permita à palavra expandir o seu sentido mantendo um certo laço com o termo lexical anterior.

3 DESCORTINANDO PRINCÍPIOS: ALGUNS CONCEITOS BASES DA LINGUÍSTICA ECOSISTÊMICA

O objetivo principal deste capítulo é apresentar um panorama geral sobre a Linguística ecossistêmica, mais especificamente acerca do paradigma praticado no Brasil que tem como precursor Dr. Hildo Honório do Couto. Dessa forma, essa seção traz noções gerais sobre os pressupostos teóricos da Linguística ecossistêmica que foram relevantes para desenvolver este trabalho. Além disso, há uma discussão mais específica sobre algumas noções: a ideia da língua enquanto interação, a concepção de holismo, o processo de reciclagem, o processo de adaptação etc.

Pode-se notar, na contemporaneidade, que algumas ações e inquietações têm recebido atenção da mídia e da sociedade. Essas atitudes estão relacionadas à perspectiva

ecoconsciente. Isso significa que há uma constante busca por caminhos de interação saudáveis com o meio ambiente e com as pessoas, isto é, uma forma mais empática e harmônica de se conviver no mundo. Assim, surgem ações e políticas públicas voltadas para a manutenção e para a preservação do meio ambiente.

Os pensamentos que partem da perspectiva ecológica giram, de modo geral, em torno da preservação dos rios, da convivência social mais harmônica, da preservação dos mares, dos oceanos, da produção controlada do lixo, degradação do meio ambiente etc. As ações se voltam para a convivência harmônica das pessoas umas com as outras e com o meio ambiente, os animais, a fauna e a flora.

Esse conjunto de iniciativas dialoga com as proposições do paradigma de saberes da Linguística ecossistêmica (LE). Tal campo de conhecimento considera a língua(gem) partindo de uma ótica ecológica, de modo que as ações e a língua(gem) em si são orientadas no sentido de conscientizarem os indivíduos de acordo com a visão ecológica de mundo. Essa visão pode ser sintetizada pelas ações da sociedade em prol da proteção do meio ambiente, pensado como uma inter-relação e habitação conjunta de pessoas, animais e plantas. Quando dizemos “visão ecológica de mundo”, estamos pensando em todas as ações que tendem a propiciar uma convivência mais harmônica e responsável do ser humano com os outros e para com o mundo (meio ambiente).

Outros conceitos também constituem a LE, como o **holismo**, a **reciclagem** e a ideia da **interação/inter-relação**. O conceito de reciclagem acontece quando a língua oferece elementos para a produção de outras palavras dentro do seu vasto repertório linguístico. Assim, aplicando o conceito de reciclagem da língua como aparece em Couto (2016), podemos dizer que o processo de reciclagem da língua diz respeito a algo semelhante ao que acontece na natureza. Tal analogia pode ser exemplificada da seguinte maneira:

[...] o herbívoro come a planta e é comido pelo carnívoro. Ambos morrem e a matéria de seus corpos é transformada em nutrientes para as plantas de novo pelos decompositores. Assim sendo, os nutrientes e outros elementos são reaproveitados ao longo de toda a cadeia, embora a energia se dissipe em cada estágio. Esse aproveitamento da matéria é cíclico. (COUTO, H., 2016, p. 214).

De maneira análoga à citação acontece também com a língua, visto podermos dizer que as pessoas se aproveitam do sistema linguístico já disponível e, aqui, usam o corpo humano para servir de apoio a outras palavras e expressões. Tomemos como exemplo as palavras homônimas e homógrafas, ‘cedo’, presente do verbo ‘ceder’ e “cedo”, advérbio de

tempo. Também podemos pensar o “braço”, no corpo se refere à parte do corpo humano, mas o seu conceito se estende para “braço da cadeira”, por exemplo. É um caso de reaproveitar o léxico que já existe na língua.

Apesar de essa palavra ter pronúncia e grafia iguais, ela pode significar coisas diferentes no mundo: ‘cedo’ (como advérbio de tempo) e “cedo” (do verbo ceder). Assim, podemos dizer que nós fazemos uso daqueles termos que já existem na nossa língua para significar outras coisas, em situações diferentes de uso. Com isso, exemplificamos com a palavra “braço”, logo acima, uma das formas de ocorrência do processo de reciclagem lexicográfica que acontece quando as pessoas usam o sistema linguístico já existente.

Além da presença da terminologia que se mantém nas expressões metafóricas e metonímicas da língua, o processo parece prevalecer também quando olhamos para os sentidos delas. Um exemplo é ‘pé’ do corpo humano, membro inferior, que fica embaixo e, em virtude de seu sentido, deu margem a produções como ‘pé da montanha’. Ao nos referirmos a ‘pé da montanha’ estamos, ao mesmo tempo, preservando a terminologia ‘pé’, presente no corpo humano, e confirmamos a reciclagem sistêmica. A palavra ‘pé’ aparece, então, também em expressões metafóricas e metonímicas, mesmo que o sentido delas não seja o de sustentar o corpo humano, como é o caso de ‘pé da cadeira’; ‘pé da mesa’; ‘pé de toddy’ etc. Embora possamos testemunhar a presença de uma certa preservação da semântica ou da função desempenhada pelo pé.

Ademais, na nossa cultura, o ‘embaixo’ está relacionado ao que é ruim, que não é digno de honra. É possível verificar isso quando observamos os montanhistas, pessoas que desafiam a própria vida em busca de escaladas como forma de superação, por vezes, acima, no cume da montanha, e não no pé dela, na parte de baixo. Durand (2012) vai apresentar algumas ideias relacionadas à elevação da cabeça, como o pico, o topo, o que está em cima, segundo a linha de raciocínio do autor, o que está embaixo é referente ao aposto dos conceitos que circulam a ideia de supremacia.

Além disso, usamos ‘pé da montanha’ por tratar-se da base e, por isso, o significado da parte do corpo humano foi estendido à montanha, portanto, aplica-se o conceito desse membro a outras situações, tendo em vista a relação cultural e os processos cognitivos para a produção das metáforas/metonímias.

O processo de geração de sentido aparece aliado à noção que a sociedade concebe a sua cultura. Tomemos como exemplo a palavra ‘vaca’, usado, na sociedade brasileira, para se referir a uma pessoa com conotação negativa e ofensiva, diferentemente do que ocorre na Índia, país onde a vaca tem *status* de sagrado.

Talvez, de alguma forma, naquele país, a mesma terminologia apareça com uma conotação completamente diferente, sendo até proibido seu uso, dada a posição divinal que o animal lá ocupa. Assim, produção e transporte de sentido não é automático e universal entre as culturas, pois vai depender de como cada povo interage entre si e com o próprio meio ambiente onde estão inseridos.

Entendemos que o corpo humano oferece quantidade limitada de palavras para o léxico da língua, tendo em vista o quantitativo das partes que o constituem. Dessa maneira, o conceito de reciclagem da língua não é ousado e/ou inegável, pois as expressões metafóricas e metonímicas demonstram um empréstimo, um resíduo daquilo que existe, que está sendo usado, e recebe outras roupagens. Isso significa que nós buscamos, nas partes do corpo, palavras que fazem parte comum no uso do cotidiano, que, por sua vez, são relacionadas juntamente a outras, para, então, significarem outras coisas no mundo. Dessa forma, há sempre algo que sobra do termo de que se serviu primeiro, seja em sua estrutura linguística, seja nos sedimentos dos sentidos.

A partir de agora trataremos, com mais detalhes, de alguns conceitos ecolinguísticos já brevemente apresentados. O objetivo é contribuir para a compreensão do fenômeno linguístico sobre o qual se debruça esta pesquisa. Com isso, esperamos alcançar respostas mais consistentes e objetivas sobre algumas razões para o surgimento de expressões e de palavras que buscam nas partes do corpo humano amparo para suas materializações linguísticas.

Para responder à problemática imposta neste estudo é preciso entender de que maneira se estruturam fundamentos conceptuais como o **holismo** e também a qual noção de interação esta pesquisa se filia, bem como compreender o que vem a ser o ecossistema integral da LE. Conhecer esse percurso conceptual nos leva a uma compreensão mais clara sobre a importância da inter-relação como elemento constitutivo na produção de expressões e palavras metafóricas e metonímicas.

Além dos postulados gerais da LE, outros também trabalham juntos para construir o “ecossistema integral da língua” (COUTO, 2016, p. 230). Esse ecossistema integral é subdividido em ecossistema natural, ecossistema mental e ecossistema social. Segundo consta na definição: “[...] a existência de uma língua (L) pressupõe a existência de um povo (P) que a tenha formado e que a use, bem como de um lugar ou território (T) em que esse povo se encontra [...]” (COUTO, H., 2016, p. 230).

Por um longo período a tradição filosófico-científica da linguagem seguiu matriz racionalista, por vezes baseada em princípios dicotômicos e antropocêntricos. Desse modo, os

procedimentos de análise buscam observar as divisões e as partes que constituem os fenômenos científicos e, além disso, se orientavam a partir de uma visão puramente humana no que se refere a certa forma de egocentrismo. Tal premissa se filia à ideia de que tudo deve servir ao ser humano, como senhor de tudo e de todos.

Já o Iluminismo do século XVIII, que influenciou toda uma tradição de pensamento, seguiu orientando os estudos do filósofo e matemático francês René Descartes, que, em sua obra *Discurso sobre o método*, tradução do original em francês *Discours de la méthode pour bien conduire sa raison, et chercher la vérité dans les sciences*, aponta para a percepção de um aparente dualismo (mente separada do corpo), a capacidade racional que parte de uma visão antropocêntrica e a busca por uma verdade objetiva científica (HALL, 2003).

Tudo isso é, em certa medida, influência de um psicologismo individualista, em que o racionalismo parte do ser humano, reforçando a sua perspectiva individualista e suprema. Ademais, houve também interferência de ideias cuja orientação filosófica-científica foi de cunho Iluminista francês. Essa trajetória configurou os modos de pensamento e o raciocínio da sociedade, bem como os modos de experimentação científica.

A LE tem demonstrado – e também as teorias do pensamento complexo, bem como todas as outras ações que buscam a articulação das partes – que a visão dicotômica configura um erro procedimental se considerada como única na resolução de problemas científicos de forma mais ampla. Na ótica da LE, buscar uma verdade única, entender o todo a partir exclusivamente das partes ou conceber o conhecimento puramente calcados em valores antropogênicos não é adequado quando o objetivo é compreender o fenômeno na sua integralidade.

Esse pensamento deu força aos procedimentos analíticos que consideram apenas as partes como suficientes para se chegar a determinada “verdade” que poderia ser alcançada. Essa proposição encontra apoio em orientações metodológicas positivistas com base em Auguste Comte (1798-1857). Segundo o modelo analítico proposto por esse pensador, é preciso segmentar e trabalhar com dados materiais do mundo concreto a fim de se alcançar o conhecimento “verdadeiro”. Isto é, compreender e sistematizar os processos de análises de forma objetiva era tido como norma obrigatória para qualquer procedimento científico. Desse modo, se fosse preciso realizar uma pesquisa científica, o cientista deveria ser cauteloso, logicista e sistemático em suas análises para, supostamente, alcançar a verdade absoluta e responder às suas problemáticas.

Podemos dizer que até a própria Linguística, enquanto campo científico de produção e análise de dados, precisou se curvar a essa noção hierárquica de objetividade e verdade

absoluta. Essa ideia pode ser confirmada tendo como base a obra da Linguística *Curso de linguística Geral*, trabalho produzido pelos alunos do mestre genebrino Ferdinand de Saussure, que culminou na orientação linguístico-filosófica do Estruturalismo. Nesse estudo percebemos a língua enquanto objeto sistêmico.

Depois de apontar os modos de operação metodológicos baseados em objetividade e parcialidade, seguimos na direção contrária a isso. Agora, nos encontramos com a noção do **holismo**, ideia que encontra respaldo nos pensamentos presentes na filosofia Oriental. A filosofia Oriental é uma das orientações filosóficas presentes na Ecolinguística. Um dos conceitos mais fortes é a ideia do **holismo**. Esse termo é mais do que apenas uma palavra, beirando uma forma de percepção da vida, de orientação de práticas e pensamentos. Em resumo, ele deve ser compreendido como um estilo de ação da vida, capaz de possibilitar coordenar os modos de operação em análises de dados em uma pesquisa científica.

O **holismo** pode ser definido conforme (COUTO, H. 2016) uma forma de o ser humano enxergar a si mesmo no mundo e um modo de nos relacionar com o meio ambiente, observando a importância e a dimensão ampliada, sem se esquecer das partes. É preciso conceber, assim, que o todo está interligado pelas partes, nada é segmentado e/ou dividido. Assim, não é possível segmentar quando o objetivo é entender a vastidão e a completude das coisas que compõem os fenômenos científicos.

Em uma aplicação de análise científica, o **holismo** pode ser definido como uma forma de operacionalizar abordagens, métodos e saberes necessários para se atender a determinados objetivos, compreendendo a vastidão das possibilidades e a inter-relação desses. Ou seja, é o ato de “encarar o fenômeno observado em todas as direções, vale dizer, como inserido em uma rede de interações” (COUTO, 2018, p. 27). Diferentemente do proposto nas metodologias tradicionais, é um caminho para se enxergar a partir do ‘cume da montanha’, para observar além do que está posto, além das partes.

Dessa maneira, podemos dizer que o **holismo** é uma visão de mundo que considera a relação das partes para que se observe a totalidade das coisas. Não estamos dizendo não ser possível estudar as partes, apenas considerando que não podemos ficar reféns delas nas nossas análises. De modo coerente a essa colocação apresenta Couto (2016, p. 214): “O ecossistema é delimitado pelo observador que estabelece uma linha imaginária separando o segmento que deseja investigar do restante da imensa teia que é a natureza. Mesmo assim ele é estruturado, é um sistema, quando não porque é ecossistema”.

Não é à toa que a perspectiva holística se revela importante nesta pesquisa, pois, como veremos no decorrer do texto, é preciso um olhar “acima do horizonte”. Estamos fazendo isso

para poder analisar e buscar respostas para os fenômenos linguísticos, preservando um dos princípios básicos da Ecolinguística, a inter-relação ecossistêmica. Dessa forma, mesmo nos debruçando sob partes de uma realidade dada, é possível entender e conceber que aquela porção está intimamente conectada a um antes e a um depois. O movimento semântico se constitui sempre por via simbiótica, isto é, nas inter-relações entre presente-passado-futuro de um evento da existência. Na parte consta o todo, no todo consta a parte.

Após esses apontamentos, é possível tratar um pouco mais do fenômeno linguístico ecossistêmico em investigação neste trabalho. Para isso, é preciso entender os ecossistemas constitutivos da Ecosistema integral da LE numa perspectiva inter-relacionada: ecossistema metal, ecossistema social e ecossistema natural. Reconhecer esses elementos e descrevê-los com um pouco mais de detalhes se faz necessário para a compreensão da teoria e para atingir o objetivo da pesquisa, bem como para entender de que maneira eles estão interligados para produzir metáforas e metonímias no Português brasileiro.

Entender o fenômeno linguístico em discussão é algo, de modo geral, complexo, como também o são tantas outras problemáticas relacionadas à língua(gem), suas relações ideológicas, sua influência nas práticas sociais, seus efeitos de sentido no mundo etc. Esses pontos de vista são especificidades que alguns ramos da Linguística encontraram para tentar fornecer um olhar acerca do que seja a língua(gem) e suas inter-relações entre as pessoas e o mundo.

O primeiro ecossistema a ser discutido é o mental, contudo, é preciso ressaltar que este trabalho se define pela inter-relação de todos os ecossistemas. A ordem em que as postulações teóricas são apresentadas é apenas para proporcionar orientação e organização textual, já que o ecossistema mental é fruto também das relações entre os sujeitos e com o próprio mundo. Assim, há sempre uma troca, uma simbiose que não permite limitar a um único denominador como precursor de algum fenômeno linguístico.

Diferentemente de como ele é configurado em postulações teóricas como o Psicologismo Individual, o Mentalismo ou a Psicanálise, esse ecossistema se reveste de características próprias presentes na Ecolinguística. Um desses suportes se refere à Antropologia do Imaginário, de orientação durandiana. O próprio Durand (2019) vai apresentar as “**dominantes reflexas**” e o corpo aparece como importante elemento na interação e produção simbólica com o meio ambiente/mundo. Essa observação postulada pelo autor vai na direção que estamos afirmando, na qual corpo, mundo e mente são resultados da inter-relação complexa entre todos os ecossistemas que compõem a língua na perspectiva da

Linguística Ecosistêmica. Dada a sua complexidade e suas implicações, separamos uma seção apenas para discutir sobre o corpo e seu simbolismo, orientado por essa vertente teórica.

O ecossistema mental, na perspectiva da LE, deve ser entendido de forma semelhante a que aparece na ecologia da Biologia, configurando-se a partir de uma ótica ecológico-filosófica da linguagem. Ele trata de aspectos relacionados à mente, seus processamentos, sua estruturação, processos de significação e outros, dizendo respeito à parte que envolve operações mentais para a produção de palavras e expressões no mundo. Esse ecossistema, conecta o ser e o mundo, especialmente por meio dos sentidos da percepção humana como visão, audição, tato, paladar etc.

Assim, o ecossistema mental é apenas uma das partes da Linguística Ecológica, configurando-se esta como inter-relações entre os organismos, que estão interagindo entre eles e com o seu território, em diferentes espaços e sob diferentes leis da física, química, biologia, linguística, sociologia etc. Sobre o ecossistema mental, podemos dizer que nós não vamos explorar todas as unidades, filamentos, células e/ou estrutura física do cérebro humano, visto não ser esse o nosso objetivo. O olhar estará voltado para as aproximações entre o ecossistema mental e a Antropologia do Imaginário, a fim de se atingir o objetivo da pesquisa nesse diálogo.

Caso o leitor tenha interesse em expandir um pouco mais olhando os aspectos físicos do cérebro humano, há um estudo detalhado sobre esse órgão e suas partes anatômicas relacionadas à Ecolinguística, intitulado *Para compreender o meio mental: anotações de um ecolinguista sobre o cérebro*, de Frederico Schmaltz Neto (2019). Nele, o autor apresenta de forma detalhada a fisiologia, as funções e as partes que compõem o cérebro na perspectiva da Ecolinguística. Ademais, trata das sinapses, isto é, das conexões entre os dendritos dos neurônios e da composição interna do crânio humano como o espaço ecossistema natural.

O ecossistema mental se constitui de partes físicas, sendo suas partes o cérebro, o sistema nervoso periférico e as ramificações deste (COUTO, H., 2017). As interações entre os neurônios podem ser entendidas como as sinapses, correspondentes às interações linguísticas (L₂), interações mentais da língua, “[...] regras interacionais, vocabulário etc. [...]” (COUTO, 2016, p. 226). A título de analogia, as próprias conexões físicas neurais (P₂) correspondem à sociedade que habita o ambiente/espaço/*locus* que é o cérebro (T₂), sendo os próprios neurônios a sociedade que o habita. Essas são as três partes que compõem o ecossistema mental da língua na perspectiva da Linguística Ecosistêmica.

Dessa forma, a interconexão do ecossistema mental revela o cérebro em funcionamento, que, por sua vez, é a mente em funcionamento (COUTO, H., 2015). O

fenômeno linguístico é compreendido como biopsicossocial nessa perspectiva teórico-metodológica. A mente seria mais um componente complexo para se entender a inter-relação que subsidia a produção de palavras e expressões do Português brasileiro. Isso reafirma a ideia de que é nesse espaço, na mente, que se dão as “[...] interações mentais da aquisição, do armazenamento e do processamento da língua” (COUTO, H., 2016, p. 226).

Assim, podemos dizer que os processos de reciclagem e de adaptação da língua são elementos processuais reais que existem também em uma perspectiva mental, orientados por uma noção de língua como a própria interação. Ou seja, o cérebro incorpora palavras e as (res)significa para que elas possam se adaptar a outras, a fim de produzirem novas expressões com sentidos distintos, embora aproximados, dos seus sentidos originais, os deslizamentos de sentidos das palavras, como chamado na Análise do Discurso de linha francesa.

Estamos chamando de adaptação uma categoria presente dentro do processo de reciclagem. Este elemento, adaptação, se refere à forma como as palavras, que são partes do corpo humano, se associam a outras para gerar sentidos diferentes daqueles iniciais. A adaptação das palavras decorre da cultura, da nossa relação com o meio ambiente, da interação entre as pessoas etc.

A própria expressão “Pé na cova” é uma forma de adaptação da língua. Nela podemos ver que a terminologia pé se adaptou à cultura a conceptual e linguística de um povo para passar a significar a ideia de “Perto de morrer”. Essa interpretação se faz possível porque nós entendemos o que a cova significa dentro da nossa cultura e da sociedade. O corpo entra relação central porque ocupa o espaço na cova, o que transmite a ideia de morte. Essa é uma das formas para que possamos entender o processo de adaptação da língua, a união de conceitos e palavras com outras para gerar outros sentidos no mundo.

Passemos, então, para o ecossistema social, um dos elementos que constituem o ecossistema integral da língua com o mental e o natural. Na perspectiva da Linguística Ecolinguística, não é possível dizer que a língua está relacionada a apenas um elemento do mundo, ou que ela seja um produto puramente abstrato, como defendido por correntes estruturalistas. A língua, ecolinguisticamente pensada, é compreendida como inter-relacionada aos ecossistemas natural, mental e social.

A língua não é apenas interação social, como apontado por correntes de pensamento como a Sociolinguística, nem só evento psicológico, mas, sim, como a definição proposta pela Linguística ecolinguística, ou seja, tudo isso junto, social, mental e natural. Ela (língua(gem)) pode ser cada uma desses elementos ou todos eles juntos. É nessa confluência que podemos afirmar que a língua é interação comunicativa, isto é, pode ser código

linguístico, psicologismo, interação, mundo/meio-ambiente, isto é, pode ser segmentada para estudo, mas está permanentemente articulada. Sendo assim, tudo ao mesmo tempo. Essa configuração é o que constitui o ecossistema integral da língua para a ecolinguística:

Tudo depende da pergunta que o investigador fizer. Se ele se perguntar se a língua é uma realidade genérica, específica do ser humano, a resposta é sim. Após essa pergunta fundamental, ele pode ainda querer saber se ela é algo natural, mental, ou social. Se indagar se ela é um fenômeno natural, a resposta será afirmativa, uma vez que ela se manifesta concretamente como ondas sonoras, é usada por seres de natureza física (biológica) para se relacionar entre si e com o mundo natural etc. Se perguntar se ela é um fenômeno mental, como faz Chomsky, obterá uma resposta também afirmativa. Por fim, se quiser saber se ela é social, ficará sabendo que ela o é. (COUTO, 2016, p. 224).

Na Linguística ecossistêmica os ecossistemas são estudados inter-relacionados. Diferentemente do ecossistema mental, o ecossistema social da língua se justifica conceitualmente a partir de uma coletividade e, logo, da noção da “biodiversidade e linguodiversidade” (COUTO, 2016, p. 229). Dessa forma, a sociedade está sempre ativa enquanto falante, representando e expressando sua cultura, sua moral, sua arte, suas ansiedades, seus desejos etc.

Nessa perspectiva, pensar a interação em termos de linguística ecossistêmica é avançar um pouco mais na definição de interação que outras teorias utilizam. Uma das razões que permitem afirmar isso é o fato de a LE considerar, como tripé essencial e indissociável, os seus três ecossistemas fundamentais (natural, mental e social). As análises apresentam partes que estão relacionadas, cujo produto é o próprio fenômeno linguístico em discussão.

Assim, é pertinente afirmar que as partes do corpo humano oferecem repertório linguístico limitado para a produção de inúmeras expressões e palavras metafóricas/metonímicas. O movimento é sempre de trajeto, sendo um percurso que se frutifica na inter-relação ecossistêmica. O ecossistemas natural (corpo), social (adaptação, reciclagem, interação) e mental (simbólico, os deslizamentos de sentidos, as polissemias etc.) se articulam, portanto, para produzir palavras e expressões nas categorias em análise.

O ecossistema social é um dos componentes que constituem a base fundacional do quarto ecossistema linguístico, construindo, em conjunto, o ecossistema da língua, por meio de um povo que usa uma língua, permitindo-lhe se naturalizar e se adaptar a determinado território. Ainda sobre o ecossistema social, podemos dizer que ele se refere às interações ocorridas nos eventos comunicativos nas relações organismo-organismo/indivíduo-indivíduo. A interação entre os indivíduos socialmente organizados é uma forma explícita de configurar

esse ecossistema porque se relaciona a toda uma complexa rede de inter-relações de ordens outras.

Esse campo científico se preocupa com as concepções que vão além do estritamente social, considerando o meio ambiente, a interação, o holismo etc., bem como a possibilidade de integração menos nociva da vida ecossistêmica como um todo. Tendo em vista que é composto, também, pela interação pessoa-pessoa, podemos inferir que há, pois, um processo de trocas.

No ecossistema social da língua estão presentes aspectos da humanidade de ordem mais abstrata, como a cultura, a língua como interação e as ações humanas, por exemplo. É um processo de produção entre as pessoas dentro de uma sociedade, que contribui para expandir as adaptações das palavras, bem como reciclar conceitos. Esse fenômeno linguístico acontece semelhante à lexicalização na produção de palavras. Vejamos:

O indivíduo X pode identificar diversas plantas [...] mas a imagem mental ainda não é parte da língua, justamente por ser apenas uma imagem individual. No momento em que esse indivíduo compartilhar essa percepção com outros indivíduos, terá início o processo de conceptualização que, etimologicamente, quer dizer exatamente “captar com”, o que já é um princípio de socialização. Se isso se espalhar por todo o conjunto dos membros P ou por uma maioria deles, surgirá a necessidade de dominá-lo. A denominação representa a entrada do fenômeno em questão na língua, sob a forma de *designatum*. (COUTO, 2007, p. 128-129).

O processo acima, apesar de representar um sistema processual de lexicalização, pode servir, evidentemente, a uma analogia sobre a hereditariedade para a produção de metáforas e metonímias na língua portuguesa. Isso quer dizer que se trata de um dos caminhos possíveis para que as metáforas e as metonímias, objetos deste estudo, possam ser também transmitidas socialmente, a partir do âmbito mais concreto para o aspecto mais abstrato da língua. Assim, entendemos que o ecossistema social da língua, ao instituir a relação pessoa-pessoa, sugere também um processo de inter-relação cultural de trocas de informações adquiridas ao longo do trajeto antropológico de cada indivíduo no mundo.

Isso posto, a ideia geral é a de entender o processo por meio do qual se constroem as expressões metafóricas e metonímicas que têm como fonte as partes do corpo humano. Isto é, o que queremos é demonstrar e explicar como as partes do corpo humano se transformam em expressões metafóricas/metonímicas com sentidos diferentes daqueles remetidos à puro membro biológico constituinte do corpo humano. Dessa forma é interessante dizer que o

corpo trabalha em conjunto com o social e mental para gerar palavras com sentidos diferentes daqueles iniciais, embora apresentem semelhanças semânticas, funcionais e/ou estruturais.

É o caso de ‘boca para abertura’, ‘pé para apoio’ no chão, por exemplo. Podemos dizer, sustentados pelos apêndices anexos, que há uma infinidade de léxicos metafóricos e metonímicos na língua portuguesa, e isso ajuda a fundamentar a ideia de uma limitação de palavras. O corpo serve como base para produzir palavras no mundo e o repertório do mundo encontra fundamento no concreto, naquilo que já existe de material para avançar rumo ao abstrato.

Como acontece na Lexicologia, a produção de palavras e expressões é um percurso que parte do corpo, presente tanto na Ecolinguística, enquanto objeto natural, quanto na Antropologia do Imaginário, como interação primeira para produzir imagens simbólicas. A Ecolinguística permite pensar no movimento que vai do campo do natural, representado pelo corpo, para o campo mais abstrato, materializado nas metáforas e nas metonímias (mental e social). Podemos, então, exemplificar as interações dos meios ambientes que acontecem para dar forma ao fenômeno linguístico em investigação neste trabalho.

Tudo isso é perceptível porque a língua é vista como interação, conforme aponta Couto (2007, 2015, 2016); é uma forma de entender como o número limitado de léxicos oferecidos pelo corpo humano se constituem em distribuições de nomes, palavras, apropriações linguísticas e conceitos presentes no meio social.

Reconhecendo que a língua é também social e, conseqüentemente, confirmando a importância desse ecossistema, podemos afirmar que a língua revela também algumas das suas funções fundamentais, a interação comunicativa. Nesse contexto, é preciso entender que se expressar é exteriorizar o que está na mente e, logo, no mundo. O pensamento é o recipiente das nossas experiências sensoriais com o meio ambiente/mundo. Essas palavras instituem novos conceitos e/ou definições ao se misturarem à realidade existencial de cada sujeito social.

A partir do ecossistema social pode-se olhar para dimensões outras da constituição humana, a moral, os sentimentos, o político, o filosófico e o sociológico, por exemplo. Dessa forma, raciocinar sobre a língua é, atualmente, buscar articulações teórico-metodológicas robustas, com vistas a diminuir as limitações nas análises. É preciso considerar o caos, a diversidade, os paradoxos, as faltas, isto é, todos os elementos que fazem parte da esfera concreta, do mundo real e do imaginário.

De acordo com essas afirmações, passamos ao plano do Ecossistema Social da língua para alargar a noção dentro do ecossistema natural/físico, mais uma parte constitutiva do

Ecosistema Fundacional da Língua para a Ecolinguística (EFL). O ecossistema natural é o mecanismo por meio do qual o povo interage com o meio ambiente/mundo, que se compõe “[...] de um povo (P), vivendo em seu território (T) e interagindo verbalmente mediante sua própria língua (L)” (COUTO, 2017, p. 219). É interessante apontar que a relação de atos de significação com o mundo/meio ambiente não ocorre de modo direto e objetivo, pelo contrário, sempre é mediada por um povo falando uma língua.

Como forma de visualizar o ecossistema natural da língua, aqui, apenas neste trabalho, estamos dizendo que ele corresponde ao corpo, visto ser matéria que ocupa um espaço geográfico e mantém relações com outros seres vivos. O corpo, como elemento concreto/natural, é parte importante na produção das palavras de ordem abstrata mais amplas, pois ele é a fonte para a produção das metáforas e das metonímias que compõem os apêndices do estudo.

Pensando em termos de ecossistema mental e ecossistema social da língua, podemos dizer que eles correspondem, no estudo, às mutações, às relações, às transformações sofridas pelas palavras ao longo do tempo e motivadas pelo seu uso no campo social. No caso, seria o trajeto que parte do corpo para os campos mais abstratos da linguagem, no entanto, não é possível precisar com exatidão os momentos específicos em que isso acontece e tampouco é este o objetivo geral do estudo, visto que a compreensão é em perspectiva mais ampla.

A língua é vista, nesse ecossistema, de modo um pouco diferente da forma como é concebida em algumas teorias linguísticas, dentre elas o Estruturalismo, o Gerativismo, a Filologia etc. Queremos dizer que ela não pode ser vista estritamente como um elemento da interação ou um mecanismo, ou até mesmo uma possibilidade e/ou objeto que permite a interação com o mundo. Ela representa, na verdade, nos moldes da linguística ecossistema, a própria interação, o elo que estabelece inter-relações legítimas e reais entre os povos e com o meio ambiente.

Um dos muitos exemplos que podem confirmar a relação da língua com o mundo concreto/natural aparece no processo de nomeação em Lexicologia e o primeiro exemplo é como apontado nas relações de produção de léxico na Onomasiologia. Essa vertente entende que compreender a produção de conceitos é também entender as nomeações e o modo como percebemos e nos relacionamos com o mundo. Tal campo se ocupa de mutações das palavras ao longo do tempo. A Semasiologia, um pouco diferente, tende a partir do significante para determinar o conceito. Essas visões partem de conceitos e/ou palavras dadas para nomeação daquilo que vai existir, linguisticamente falando, ou que já exista. Assim, podemos ver a relação de troca com o mundo natural em diálogo permanente.

Desse modo, o campo físico/natural/concreto oferece legitimidade para a produção de palavras no mundo abstrato da humanidade, sempre pensando em um movimento muito semelhante ao descrito no fenômeno lexicológico. Tendemos, em virtude disso, a nos apoiar naquele repertório linguístico disponível para, então, produzir outros conceitos e expressões no meio ambiente/mundo, mediados pela prática da interação/inter-relação, como colocado pela Linguística Ecológica.

Explicitada a noção de língua como interação/inter-relação, resta-nos discorrer de que maneira a linguística ecológica compreende o conceito de “interação comunicativa”. Isso se faz necessário tendo em vista a quantidade significativa de produções teóricas e científicas que reivindicaram ou reivindicam o conceito de interação linguística. Ademais, compreender mais claramente a definição dada pela orientação ecológica da linguagem ao termo “interação” é uma das questões primordiais no que se refere a oferecer uma resposta à problemática instaurada neste estudo.

O termo interação não é novo e pode ser facilmente encontrado em diversas literaturas de grandes nomes, em variadas áreas: na Biologia, interação entre os seres vivos; na física quântica, temos as interações entre os átomos e entre as moléculas; na Sociologia, estudos acerca da interação social etc. Poderíamos discutir os posicionamentos teóricos mais distintos sobre o assunto. Entretanto, interessa-nos o campo da Ecolinguística. Um exemplo inicial do emprego do termo voltado à teoria da língua aparece na seguinte passagem:

A denominação “ecologia da língua” deixa clara a concepção que a linguística ecológica tem dos fenômenos da linguagem. Para ela, a língua são as interações verbais que se dão entre os membros da população ou povo e entre eles e o mundo ou território, exatamente como na ecologia biológica. (COUTO, H., 2016, p. 221).

Percebemos, com essa passagem, a representação linguística da noção de inter-relação como concebida na Ecolinguística. É o mundo concreto interagindo para produzir abstração. Essa noção amplia a visão de língua enquanto sistema holístico, além de ajudar a compreender a produção das metáforas e metonímias que partem do corpo para significarem outras coisas no mundo. A relação ecológica é válida e essencial para auxiliar no entendimento sobre o modo como a língua se comporta em atividade.

Ainda pensando sobre os inúmeros conceitos de interação, poderíamos somar nossa voz à de Mikhail Bakhtin, que, em seu livro, muitas vezes sob o nome do seu discípulo Valentin Voloshinov, *Marxismo e Filosofia da linguagem* (1920), descreveu as interações sociológicas constitutivas da língua(gem). Seu trabalho, de modo geral, afirma que a língua é,

de fato, sociológica. Dessa maneira, estamos apenas confirmando a noção de interação como aspecto social. A Ecolinguística ajuda a expandir o conceito de interação/inter-relação para dar conta dos fenômenos complexos imbricados na língua(gem) humana. Esse campo do conhecimento científico nos permite entender como a língua pode se adaptar, simbolizar e se reciclar a partir das interações ecossistêmicas.

Assim, podemos dizer que os conceitos em torno do que seja a “Interação” não são algo novo, pois há outras referências para essa dimensão. Como apontamos, a LE entende esse elemento por uma ótica expandida. Vemos, portanto, a tríade inter-relacionada, meio ambiente natural, mental e social, que constituem a língua e subsidiam os fenômenos dessa. Esses meios ambientes obrigatoriamente se articulam para gerar a língua.

É possível afirmar isso ilustrando com um exemplo retirado do apêndice que compõe este estudo. Na expressão ‘tirar a barriga da miséria’ (aproveitar em demasia de algo que não se tinha) é possível notar os três meios ambientes em ação. A relação com o espaço físico da privação de alimentos, o compartilhamento de conceitos, sentidos e significados e, por último, o descolamento por semelhanças de uma palavra para outra.

Quando dizemos que alguém ‘tirou a barriga da miséria’ estamos afirmando que essa pessoa comeu muita comida. Para que a sentença faça sentido, é preciso entender o que quer dizer ‘miséria’, relacionando-a, aqui, ao espaço físico da privação de alimentos. A relação com o espaço de falta e de carência de alimento é ativada. Compartilhamos conceitos uns com os outros, que são mobilizados e deslocados para significar outras coisas, como é o caso da ‘barriga’, que assume, nesse sentido, a ideia de estômago cheio.

A junção dos meios ambientes que compõem o Ecossistema integral da língua serve para dar corpora legítima e completa à língua. Logo, não é viável segregar os ecossistemas quando o objetivo é a compreensão do todo: “A relação entre essas esferas dá forma ao ecossistema linguístico em sua integralidade, sendo indissociáveis na interação comunicativa prototípica, ou seja, na interação face a face” (NOWOGRODZKI, 2019, p. 58). Assim, chegamos à interação/inter-relação como proposta pela LE.

Essa inter-relação fortifica a noção de língua enquanto interação comunicativa isto é, que pode, como demonstramos nas análises feitas, ser reciclado, ser adaptado e simbolizado com a humanidade nas suas mais diferentes formas, porque ela, a língua, na vertente ecológica, é organismo vivo e interativo. Ela é a própria interação humana; é adaptada, reciclada e simbolizada. Essas são exemplificações válidas para o fenômeno linguístico em investigação neste estudo.

É nesse sentido que faremos uso da noção de **holismo**, que serve para entender e compreender a necessidade de se pensar um pouco fora do padrão analítico amplamente presente na academia. A orientação filosófica-oriental é basilar na LE, permitindo pensar as transformações sociais a longo prazo. Quando formos analisar, é preciso olharmos para os dados a partir do todo, de todas as suas possíveis relações e imbricações.

Também trazemos, para o estudo, a ideia do trajeto (concreto para o abstrato). Como a LE trabalha com os meios ambientes, entendemos ser possível pensar o corpo como a parte natural, enquanto as metáforas e as metonímias corresponderiam ao campo da abstração da língua. Nessa perspectiva, o trajeto de produção das palavras e das expressões em discussão se configura como mais uma ideia a ser explorada na perspectiva da linguística ecológica.

Além dos elementos citados, o trabalho também busca discutir um pouco sobre o ecossistema social, que pode ser pensando como os processos de reciclagem e adaptação da língua. Essas categorias estão no meio, entre o concreto e o abstrato da língua. São caminhos pelos quais a língua passa para produzir expressões e palavras no mundo, seguindo postulados ecolinguísticos.

A Linguística Ecológica ajuda a avançar no sentido de permitir ao analista estender a noção de interação comunicativa. Isso posto, a própria forma/ação de observar e descrever os dados de uma pesquisa se alteram. Olhamos o fenômeno linguístico por meio das partes (expressões metafóricas e metonímicas) para observar a que elas correspondem, bem como a inter-relação ecossistema e corpo no mundo para produzir palavras abstratas.

A noção de **holismo**, portanto, subsidia a noção de interação na perspectiva ecossistêmica, os conceitos de adaptação, de reciclagem e de simbolismo. Esses elementos conceituais estão introduzidos nos ecossistemas que constituem a língua da sua visão integral. A correlação é fundamental para oferecer uma resposta cientificamente válida ao fenômeno linguístico em investigação neste estudo, qual seja: entender como as partes do corpo humano servem para produzir metáforas e metonímias no mundo.

A materialidade linguística não é força do acaso, muito menos motivação individual unicamente; ela é interação, parte social, parte natural e parte mental. As produções linguísticas são substratos de um complexo conjunto de inter-relações se realizando a todo momento durante a existência humana. Tal como ela, deve ser pensada quando o pesquisador se dispõe a buscar uma origem, uma explicação e/ou uma compreensão. Assim, a linguagem transcende todas essas narrativas óbvias e objetivas, exigindo um olhar mais denso, profundo e expandido. É, então, inegavelmente complexa.

4 ECOSSISTEMA MENTAL: UMA ARTICULAÇÃO POSSÍVEL COM A TEORIA DO IMAGINÁRIO PARA A PRODUÇÃO DE EXPRESSÕES METAFÓRICAS E METONÍMICAS

Nesta seção, serão apresentadas perspectivas teóricas sobre a Antropologia do Imaginário como tratada por Gilbert Durand (2012), em articulação com o ecossistema mental da Linguística Ecológica. O objetivo é entender como os processos simbólicos estão articulados às produções das expressões metafóricas/metonímicas da língua portuguesa. Para isso, tentamos relacionar o ecossistema mental da Linguística Ecológica com a teoria do Imaginário partindo do terreno mais abstrato, a mente. O diálogo se faz possível, tendo em vista que ambas tratam do campo abstrato da linguagem, do seu simbolismo: as relações com os mitos, símbolos; práticas da cultura: por via da proximidade e da semelhança; dos processos cognitivos: como a composição lexical, por exemplo.

4.1 Noções gerais acerca da teoria do Imaginário

Há muito a humanidade tem demonstrado grande interesse sobre questões relacionadas à sua existência no mundo, como de onde viemos e para onde vamos. Essas são algumas das perguntas que permeiam a mente da humanidade nas suas mais diferentes culturas e apresentações. Ao longo do percurso existencial os seres humanos foram colecionando as mais variadas narrativas com o fim único de sanar as dúvidas quanto à sua posição frente à passagem do tempo e frente à morte. Essas duas incógnitas, tempo e morte, servem como brecha para as mais diferentes narrativas da humanidade, tais ideias estão postas na obra *As Estruturas Antropológicas do Imaginário* – Gilbert Durand (2012).

O tempo e a morte se configuram como incompreensíveis devido a permanente fluidez do tempo e a finitude arbitrária da vida. Nesse entremeio tendemos a criar narrativas simbólicas a fim de preencher o espaço do vazio e dar significado a nossa vida. Como exemplo temos a arte, a religião, os rituais místicos, as ciências etc. Todas essas atividades humanas são representações do modo como tentamos dar sentido às nossas vidas diante da passagem do tempo e certeza da morte.

Diante desse cenário, campos do saber de áreas distintas têm buscado respostas para questões associadas à existência do ser. Dentre esses campos do conhecimento, podemos citar a física quântica (ao se debruçar sobre o estudo atômico), a Psicologia (olhando o psicologismo humano), com Lacan, Freud etc., e a própria Linguística (investigando as

implicações complexas envolvidas na língua(gem), por exemplo). Poderíamos dizer que nenhuma dessas áreas escapa a uma busca incessante por uma resposta sobre a passagem do tempo e da morte.

Esses elementos inerentemente fenomenológicos da vida natural estão associados às questões de uma forma direta ou indireta, coadunando com os pensamentos filosóficos da Antiguidade. Um deles se refere à filosofia elaborada por Heráclito de Éfeso, por volta de 540 a. C. Segundo esse pensamento, uma das únicas certezas da vida é a fluidez, o movimento, o trânsito de todas as coisas. Semelhante a essa ideia aparece a morte, elemento cujo fenômeno é naturalmente existencial, capaz de gerar as mais insanas mitologias e pressuposições.

O Imaginário aparece como um paradigma de conhecimentos científicos que busca entender como o capital de imagens dos seres humanos ao longo de toda sua existência se articula para significar o mundo e dar sentido à vida. Essa teoria tem sido um campo de conhecimento constantemente marginalizado ao longo de toda sua história de formação. Algumas visões como as de Bergson, de Jung e de Sartre refletem as perspectivas pelas quais passou a Teoria do Imaginário até Gilbert Durand (DURAND, 2012).

A Antropologia do Imaginário já tem sido objeto de interesse de alguns pensadores, dentre eles Bergson e Sartre, por exemplo. O objetivo geral foi sempre o mesmo: buscar uma articulação e uma explicação lógica, dentro de uma perspectiva científica, para o estudo dos símbolos e mitos correntes na humanidade. A princípio, o Imaginário sofreu duras críticas, pois era tido como produto de utopias e ilusões descabidas, como aponta Durand (2002).

O autor destaca noções relevantes para a teoria, algumas criticadas negativamente por ele, outras aprovadas. É o caso de Bergson, que vai tentar justificar positivamente o Imaginário, no entanto, por meio da consciência. Para ele, seria uma forma de *continuum* da consciência humana, uma forma de asociacionismo: “[...] a imaginação reduz-se à memória, a uma espécie de contador da existência, que funciona mal no abandono do sonho, mas que volta a se realizar pela atenção perceptiva à vida” (DURAND, 2012, p. 22). Como o autor (2002) ainda aponta, apesar de Bergson contribuir de alguma maneira para com o avanço da teoria do imaginário, seu pensamento ainda se mantém refém de uma articulação com a psicologia clássica.

Outro teórico que sofreu o peso das palavras do Gilbert Durand é Jean Paul Sartre. Segundo Durand (2012, p. 23), Sartre teria criado uma espécie de “nirvana intelectual”. Isso nada mais é do que uma tentativa de perpetuar o estigma negativo sobre o imaginário. Ainda, continua dizendo que o pensador elabora quatro características para o imaginário a partir do método fenomenológico: a imagem seria uma consciência; a segunda característica da

imagem seria dada no que ela realmente o é de imediato; na terceira, a consciência entende o objeto como um nada, “o não-ser”, ou seja, uma forma de espontaneidade (DURAND, 2012). Por fim, entende-se que Sartre contribuiu, nas páginas finais do seu trabalho, com a compreensão específica do funcionamento da imaginação e a cisão dele com o comportamento perceptivo e ligado à *mimesis*.

Gilberto Durand ao postular a teoria do Imaginário acaba também se afastando de alguns estigmas que circunscreviam a teoria, como os apontados acima. Uma dessas marcas negativas que envolviam a noção de Imaginário se refere ao aspecto da imaginação. Assim, o Imaginário foi há muito confundido com a imaginação, no entanto, é relevante fazer uma distinção entre essas duas palavras. Segundo Durand (2012) a imaginação pode ser definida como a capacidade que o ser humano tem de criar, lembrar e estruturar as suas ideias. Tal definição se afasta da realidade objetiva, forjando uma certa forma de se interpretar o mundo, aliada a uma subjetividade, se aproximando muito mais das interpretações, ou seja, não é a realidade em si, mas a forma como a percebemos. Essa é uma das definições para a imaginação.

Diferentemente da imaginação, o Imaginário humano está muito mais inclinado para a forma como organizamos e operacionalizamos os elementos da imaginação. Para exemplificar tal fato, podemos pedir para que uma pessoa imagine uma “cabeça”, apesar de todos nós sabemos o que é uma cabeça, uma das partes do corpo humano, por exemplo, por causa do Imaginário as infinitas formas de se pensar sobre esse elemento serão diferentes umas das outras. Alguns podem pensar em uma “mula sem cabeça” (Lenda do folclore brasileiro); “O cabeça” (Alguém que é o sabe tudo do grupo); “Decapitação” (Ideia contida nos livros de histórias e filmes) etc. Isso ocorre porque todo imaginário é parte do Trajeto Antropológico percorrido pelo ser humano na sua existência.

O trajeto Antropológico de Durand (2012) nada mais é do que a congruência de dois lados que compõem a história existencial da humanidade, a parte subjetiva, da natureza o que é inerente à pessoa, em conjunto com o objetivo, o social, o cultural, as manifestações da cultura. Essa é a definição que o autor traz acerca do que seria o Trajeto Antropológico humano. Essa perspectiva auxilia na compreensão acerca das variadas formas de se conceber determinadas realidades objetivas, como é o caso do exemplo acima, com a cabeça, que poderia significar “uma pessoa que é inteligente”; “o controlador”; “a razão”; “cabeça de mulher”; “cabeça de criança” etc. Infinitas possibilidades que revelam as experiências biopsicossociais de cada pessoa ou da cultura de um povo.

Diferentemente dos pensadores citados, Jung e Piaget foram valorizados aos olhos de Durand, especialmente quando relacionados aos arquétipos e às unidades de formas de representação:

Jung, na esteira da psicanálise, viu igualmente bem que todo o pensamento repousa em imagens gerais, os arquétipos, “esquemas ou potencialidades funcionais” que “determinam inconscientemente o pensamento”. Piaget consagra toda a terceira parte de uma longa obra a mostrar, a partir de observações concretas, a “coerência funcional” do pensamento simbólico e do sentido conceitual, afirmando assim a unidade e a solidariedade de todas as formas de representação. (DURAND, 2012, p. 30)

Nessas poucas linhas, podemos observar os grandes desafios teórico-metodológicos pelos quais Durand passou a fim de estruturar as bases para sua Teoria do Imaginário nos moldes como aparece em *As estruturas antropológicas do Imaginário*. Outros autores foram, ao longo do século XX, se debruçando, cada qual à sua maneira, sobre essa mesma corrente de pensamento: Paul Ricoeur, Jacques Lacan, Gaston Bachelard etc

De modo geral, a teoria do Imaginário proposta por Durand tem como preâmbulo que o ser humano objetiva preencher sua angústia diante da morte e o vazio deixado pela passagem do tempo. Essa instabilidade existencial da humanidade funciona como um impulso que direciona as mais diversas narrativas com o fim de se justificar a morte e buscar um objetivo concreto para sua existência no mundo. Na sua obra *As estruturas antropológicas do Imaginário*, Gilbert Durand (2002) cita questões relacionadas a processos de simbolização pelos quais os seres humanos passam: é o caso dos gestos e reflexos; Regimes Noturnos e Regimes Diurnos das imagens (os sentidos por trás disso tudo se dividem em uma interminável luta contra as trevas, por vezes aguerrida, por vezes mais pacífica).

Somente por volta de 1960 Gilberto Durand reinicia os estudos sobre o imaginário humano, retomando algumas ideias de G. Bachelard. Segundo Durand (2012) o modo de operacionalização da imaginação seria o que ele chama de Trajeto *antropológico do imaginário*. Uma disputa de forças biopsicopulsional, ora ação subjetiva, ora imposição do meio social. O teórico baseou seus estudos em revisões de pesquisas da Escola de Leningrado sobre os reflexos dominantes dos seres vivos verificando que os reflexos agem como forças:

Para conhecer a operacionalidade dessas forças, Durand (ibid., 1989, p. 34) recorreu às pesquisas realizadas pela Escola de Reflexologia de Leningrado sobre os reflexos dominantes nos seres vivos e verificou que tais reflexos agem como forças e podem ser classificados como: postural, digestivo e copulativo. Considerando que essas forças podem ser examinadas segundo a equação criada por A. Leroi-Gourhan “força+matéria = utensílio”, Durand (ibid., p. 37-9) reconheceu que a cada reflexo

corresponde a força impulsionadora de um “gesto” e que este, por sua vez, pode estabelecer interação com uma matéria. Essa interação implica o uso de um instrumento ou de uma forma de organização mental e afetiva, constituindo o conjunto de estratégias usadas pelo homem para vencer obstáculos. (STRÔNGOLI, 2009, p. 26).

Ainda segundo Durand (2012) são essas mesmas forças que irão ordenar melhor adequação do “reflexo dominante” podendo ser ela: postural, digestiva e copulativa. Acerca disso podemos imaginar, por exemplo, quando o bebê começa a sair da posição de engatinhar para a posição ereta do corpo. Isso, além de outros fatores, é interpretado pelo Imaginário como uma resposta a uma busca por autonomia do indivíduo, o corpo assume uma postura de certa hierarquia em relação às outras coisas, gerando maior independência de si e controle sobre o mundo. Essa situação ajuda a compreender as formas e os desejos pela dominação presentes nos cenários de poder, cargos hierárquicos, por exemplo.

Expressões como ‘braço de ferro’ (autoridade rigorosa) encontra seus resquícios semânticos nessa simbologia, pois significa aquele que domina, que controla e gerencia. As dominantes posturais propostas por Durand (2012) apenas exemplificam a origem das nossas relações simbólicas. Os sentidos construídos em torno da ideia do “braço de ferro” só são possíveis porque a nossa cognição, que também é parte do Imaginário, uma construção do ser em si no seu Trajeto Antropológico, entende o ‘ferro’ como algo rígido e capaz de ferir e resistir, juntamente com os braços, que orienta, permite o movimento e a interação com o meio ambiente. Dessa maneira, entendemos o quanto o simbólico, a partir dos seus movimentos primeiros contribuem para expandir os sentidos dados às palavras quando metaforizadas.

Durand (2012) assera que o dinamismo das forças em ação encontra, em algum momento, congruência. Essa, por sua vez, constela em torno de dois regimes: diurno e noturno. Os regimes são definidos como:

O Regime Diurno congrega as imagens heróicas ou esquizomorfas que manifestam os reflexos posturais, os gestos de ascensão e poder ou de confronto e luta, assim como a afetividade motivada pela função do Pai. Suas estruturas privilegiam a racionalidade e suas imagens classificam-se em dois grupos: “As faces do tempo” (símbolos teriomorfos, nictomorfos e catamorfos)³ e “O cetro e o gládio” (símbolos ascensionais, espetaculares e dieréticos).⁴ O Regime Noturno reúne as imagens místicas e sintéticas que correspondem aos reflexos digestivos e copulativos, aos gestos que se voltam para a intimidade ou para o cíclico e expressam a afetividade motivada pela imagem e função da Mãe. A articulação de suas estruturas privilegia a sensorialidade e compreende também dois grupos: A descida e a taça (símbolos místicos, da inversão e da intimidade) e Do denário⁵ ao pau (símbolos cíclicos, do esquema rítmico ao mito do progresso, estilos históricos e mitos). (STRÔNGOLI, 2009, p. 27).

O regime diurno se conceitua nas antíteses e na contradição, tendo em vista que seus valores como, positivos ou negativos, vão depender do momento histórico e do indivíduo em que estão presentes. O regime diurno se relaciona a um encadeamento de imagens atribuídas diante da passagem do tempo, diante do destino desconhecido e, também pela proximidade com a morte. Todo esse marasma de incertezas gera no indivíduo a sensação de medo e de insegurança, o que contribui para produzir imagens antitéticas.

Os símbolos que representam o tempo são definidos por Durand (2012) como teriomórficos (animalidade), nictomórficos (trevas) e catamórficos (queda). O regime diurno é tido como o combatente. Aquele que busca vencer o tempo que passa. Ainda diante da angústia acerca do dinamismo do tempo é que aparecem os símbolos ascensionais, espetaculares e diairéticos. Também os esquemas do regime diurno estão associados à separação, à luta, à visão, à corporalidade e ao racional.

Os símbolos ascensionais representam a face positiva do tempo, em distorção com a percepção negativa frente ao tempo que flui. Assim, a imagem do voo é uma forma de minimizar a possibilidade de cair, a luz aparece para ofuscar a escuridão etc. O ascensional está ligado a elevação moral, à virtude, ao que é grande e poderoso. Os símbolos que representam isso podem ser exemplificados pela: escada, flecha, o ar, os pássaros (o voar) etc. O espetacular é relativo ao sol, ao olho, à auréola, à coroa etc. Esse liga ao que é divinal, à ascensão, ao poder, ao que está acima. A reflexo dominante postural. Já os símbolos diairéticos estão associados ao ato combativo da moral, de ascensão social, força política etc. Esse último aparece em símbolos como: o gládio, o cedro, a flecha, o machado etc.

Os esquemas diurnos representam a dominante postural de ascensão, sempre projetados nas figuras do pai, do rei e da divindade. Em muitos casos, são de fato representações historicamente ocupadas por homens por representar uma suposta virilidade masculina perpetuada pela historicidade patriarcal. As estruturas heroicas que podem ser identificadas estão associadas à autonomia, ao poder de raciocínio, com a simetria, com a lógica, e, por fim, à dualidade, projetada nas imagens antitéticas.

O regime noturno é diferente do regime diurno, pois as estruturas desse polo se encontram na conversão e no eufemismo sobre as coisas. Ao contrário de buscar uma ascensão, a inserção aqui é lenta, profunda e reconfortante. É a dominante reflexológica digestiva. Símbolos da inversão e da intimidade podem ser facilmente identificados. Ainda que esse regime conserve as manifestações tenebrosas, há uma certa mitigação dos seus efeitos. Aparece no regime noturno os arquétipos da terra que é a mãe e da água que apresenta a vida. As imagens se referem à queda e à taça, cujo objetivo é buscar o centro, o mais

profundo, o útero relacionado à mãe, à proteção e ao conforto; à terra como provedora da vida. A taça seria o espaço do líquido que o símbolo guarda como alimento, imagem da água, o que se liga à ideia do continente e do conteúdo.

A morte no regime noturno ganha características positivas, diferentemente de como ela é concebida no regime diurno. Aqui ela é vista por uma perspectiva reconfortante, pois traz no berço/sepulcro; o retorno ao ventre da mãe; casa/caverna/gruta, símbolos associados ao repouso do corpo. As estruturas guiadas pelo gosto à união e à intimidade, à perseverança no processo de eufemização. Assim, a estrutura da recusa à segregação projetadas nos verbos, ligar, abraçar, aproximar etc, o realismo sensorial da intimidade e a resignação como forma de fugir à gigante e assustadora noite.

O arquétipo pode ser muito bem descrito como a imagem primeira de caráter coletivo e inato (união entre o imaginário e processos racionais). É a construção imagética apoiada no coletivo, a exemplo do cangaceiro como herói, bravo, destemido, rude e justiceiro; da mãe, carinhosa, que afaga e protetora. Quando há um rompimento dessa definição conceptual simbólica a mãe passa a ser moralmente criminalizada, pois, em perspectiva simbólica, houve uma ruptura com o padrão/arquétipo do que se define como ser mãe em uma projeção simbólica coletiva.

O terceiro elemento se refere ao próprio símbolo concreto, que conjura algo aparentemente ausente, de difícil perceptibilidade. Esse último é amplamente encontrado em rituais ao longo de toda a história da humanidade, tanto em momentos primitivos da história do ser humano quanto nos dias atuais, a saber: igrejas, cruz, foice e o martelo do Comunismo, a suástica nazista, as máscaras de tribos indígenas e tantos outros exemplos.

Um símbolo muito forte na nossa sociedade é a cabeça, que, ao longo da história, foi tida como forma de conquista nas guerras medievais, tendo em vista que os cavaleiros traziam as cabeças das suas vítimas. Ela também é símbolo de conhecimento e razão. A expressão ‘de cabeça’ (sem recorrer a cálculos e escritas), assim como tantas outras relacionadas a essa parte do corpo, encontra base na simbologia, isto é, de cabeça é sem pestanejar, algo feito às pressas e de forma impensável. Podemos ver, aqui, o rompimento com a razão, o que a aproxima da racionalidade imbricada à cabeça.

O quarto e último, mitos, é definido como um sistema dinâmico de símbolos, composto pelos outros elementos, que se apresentam em forma de narrativas. Nele podem ser encontrados, bem como nos símbolos, inúmeros exemplos, como mito de Deus para o Cristianismo, os deuses mitológicos gregos, romanos, nórdicos, as apoteoses de algumas

ciências e/ou figuras humanas como divindades etc. Essa seria, segundo Durand, a ordem cronológica mais adequada para se pensar a formação imaginária da humanidade.

Desse modo, teríamos a interação do corpo através das dominantes reflexas, dos esquemas, dos símbolos e dos mitos. Esse processo ajuda a relacionar e a constituir o capital de imagens na cabeça humana. Isso também contribui para que se produzam outras expressões e palavras no mundo, tendo em vista que as expressões que trouxemos, como ‘braço de ferro’ e ‘de cabeça’, são produto das interações da cultura, do nosso cognitivo e das relações e derivações do simbolismo, que também está presente nas partes do corpo humano pela história e pelos rituais.

Daqui em diante podemos dizer que a noção de Imaginário que sustenta este estudo está dada, pois como demonstrado nas definições mais gerais, há uma estruturação lógica e científica para ele. Essas definições nos permitem prosseguir em nosso itinerário a fim de demonstrar, juntamente com a Ecolinguística, como a língua(gem) está intimamente relacionada à simbologia e à realidade concreta; trata-se de algo que transita entre os campos, naturais, mentais e sociais. O corpo é a aliança que melhor representa as inter-relações com essas duas teorias – Imaginário e Ecolinguística – e suas implicações, mitos, símbolos, subecossistemas etc.

4.2 O corpo humano como objeto simbólico na sociedade e nas literaturas

O corpo humano aqui abordado se configura sob uma perspectiva biológica e simbólica. As especulações em torno do corpo como algo estritamente material aparecem com muita frequência nos estudos dos séculos XVIII, XIX e XX, períodos em que se nota com frequência uma cisão da *psique* e do corpo. Esse dualismo aparece também no pensamento de René Descartes, Platão, John Locke, Heráclito de Éfeso etc. Ao longo da história, houve uma propagação dessa filosofia, o que fez com que ela se difundisse como verdade instituída pela ciência. A dicotomia/dualismo contribuiu, então, para as piores afirmações delegadas ao corpo humano. O corpo foi tudo aquilo que, dividido, não o podia ser.

Diferentemente da dualística que coordenou as filosofias de pensamento relacionadas ao corpo, outros autores buscam alargar a noção e as implicações relacionadas a ele. É o caso, por exemplo, do trabalho de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant – *Dicionário de Símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores e números* (2019) que está aliado à noção de Imaginário como proposta por Gilbert Durand, potencializa a noção do corpo humano enquanto dimensão simbólica.

Assim, não é possível conceber o corpo no seu aspecto único do meio ambiente natural (estrutura física), é preciso caminhar além. O passo seguinte está relacionado aos meios ambientes mentais e sociais (simbólico, adaptação, reciclagem, interação etc.). Nessa perspectiva, como demonstrado nas análises que compõem este trabalho, é inegável a dimensão simbólica que se relaciona às partes do corpo humano. Essa noção contribui em muito para entendermos o fenômeno em investigação, a produção de expressões metafóricas e metonímicas que partem do corpo humano.

A despeito de toda forma de crítica negativa dirigida ao uso do *Dicionário de Símbolos* de Chevalier e Gheerbrant (2019), uma delas se referindo à forma como alguns pesquisadores a usam. Isso porque quando se pensa nesses elementos é preciso considerar toda a sua grandeza e complexidade constitutiva. Além desse dicionário, o trabalho também apresenta um olhar consistente acerca da estruturação do Imaginário enquanto teoria e ciência, baseados em Gilbert Durand. Em vista do objetivo do estudo, acreditamos que o livro de símbolos cumpre o seu papel, ao passo que permite expor exemplos de imbricações simbólicas nas partes do corpo humano.

A obra de Chevalier e Gheerbrant (2019) vai oferecer exemplos, nas mais diferentes culturas e povos, sobre o simbolismo presente nas partes do corpo humano. Não é nenhuma ousadia e/ou matéria do acaso dizer que o corpo é, por história, elemento altamente simbólico.

Por isso, entendemos ser preciso pensar o fenômeno linguístico em investigação como um trajeto que inicia no concreto e desemboca no abstrato. O curso é complexo, mas a Linguística Ecológica e o Imaginário são eficientes em oferecer um olhar consistente sobre o assunto.

Dessa maneira, caminhamos em conjunto com a perspectiva simbólica do corpo, baseados em estudos de teóricos como *A estrutura Antropológica do Imaginário* - Gilbert Durand (2012). Nosso objetivo é vislumbrar o trajeto do concreto ao abstrato, em que conforma ecossistema natural, mental e social, o corpo enquanto instância concreta se diluindo nas abstrações do tempo e da ação humana.

Para pensar sobre a relação corpo e mente se faz necessário retomar a noção de mente e corpo como instâncias independentes, para isso citamos *A República (Politeia)*, do filósofo Platão, por volta do século IV a. C. Tal trabalho entendia que a alma residia no mundo das ideias (perfeito para ele) antes de se unir ao corpo e tornar-se imperfeita. Descartes, filósofo Iluminista, também contribuiu para difundir a ideia de corpo e mente como partes separadas uma da outra.

Entretanto, na atualidade, podemos afirmar que corpo e mente são elementos complementares. Como já vimos, esses elementos atuam na inter-relação com o meio ambiente, gerando processos dinâmicos e complexos de significação/simbolização. O estar no mundo do ser humano atua como uma ponte. Essa pode ser representada pela língua, a qual ajuda a disseminar e a trocar informações com o mundo real. Tal apontamento pode ser muito bem colocado em uma passagem cognitivista, campo científico que se ocupa de estudos relacionados à mente:

Os cognitivistas propõem também que o pensamento provém da constituição corporal humana, apresentando características derivadas da estrutura e do movimento do corpo e da experiência física e social que os humanos vivenciam por meio dele. Além disso, o pensamento é imaginativo, o que significa dizer que, para compreender conceitos que não são diretamente associados à experiência física, emprega metáforas e metonímias que levam a mente humana para além do que se pode ver ou sentir. Sendo assim, a sintaxe não é autônoma, mas subordinada a mecanismos semânticos que nossa mente processa durante a produção linguística em determinados contextos de uso. (MARTELOTTA; AREAS, 2003, p. 23).

Dessa maneira, podemos dizer que os cognitivistas também reconhecem a grandeza do contato do corpo com o mundo para produzir palavras, sintaxes e, até mesmo, gramática. Apesar de o estudo não se orientar por via cognitivista, esse campo ajuda a potencializar a necessidade de se considerar a mente enquanto aspecto subjetivo condicionada à objetividade da exterioridade/mundo. Como apontado, é interessante levar em consideração que o

pensamento também é um elemento que faz parte do campo da imaginação, logo, do imaginário humano, mais uma vez reforçando o elo entre corpo e imaginário através da interação experimental com o meio ambiente/mundo.

A união dessas dimensões humanas é potencialmente favorável à produção simbólica do homem em inter-relação consigo mesmo e com o mundo/meio ambiente onde está inserido. Durand (2012), em sua obra *As estruturas antropológicas do Imaginário*, edifica a espinha dorsal para o estudo do Imaginário de forma sistematizada, buscando no concreto do mundo/meio ambiente e da humanidade. Escreve ele:

[...] dominante de “posição” segundo essa todas as suas definições as orientações, verticalidade e horizontalidade serviriam para conformar uma espécie de simbolismo hierárquico, conseqüentemente um regime de classificação, alto *versus* baixo, maiores *versus* menores, largo *versus* estreito, bons *versus* maus, feio *versus* bonito etc. A dominante da “nutrição”, a fase de sucção labial, ato de deglutição e defecação, se associam a ela as metáforas do aconchego, do lar etc. A terceira dominante, um pouco mais tarde aparece, dominante “copulativa” caracterizada pelos reflexos do movimento, os atos sexuais, as danças para o acasalamento são marcas de muitas espécies animais. (DURAND, 2012, p. 48-49).

Aqui temos um exemplo evidente do nosso primeiro contato com o mundo externo, o mundo concreto. O corpo, ao se relacionar com o externo, gera um processo simbiótico que permite ao ser humano conhecer, significando o mundo e a si mesmo. Fica evidente, então, a necessidade de se pensar o corpo humano enquanto elemento do espectro concreto e do espaço abstrato materializado no simbolismo, por exemplo. Seria um erro imperdoável de procedimento excluir o corpo humano da sua intermediação como espaço de inter-relação corpo/mente/mundo. Isso permite potencializar perspectivas relacionadas à estrutura da psique humana.

No que se refere à parte criativa humana, criativo aqui lido como formas de significação com o mundo, é possível demonstrar as inumeráveis atribuições imaginárias que constelam em torno do corpo humano e de suas partes. É o caso, por exemplo, de *Shiva*, deus hindu associado ao “benéfico”, um deus capaz de gerar transformações positivas nos seus fiéis e também apresentado nas formas pictóricas com dois braços e dois pés. Uma das justificativas se pauta no mito da criação do mundo, que está associado à ideia do movimento. Daí os vários braços, simbolizando o movimento.

Ao se buscar uma relação com o mitológico, parte do imaginário humano, é possível pensar na expressão metafórica/metonímica “calcanhar de Judas” (lugar muito distante). Não é difícil, especialmente no Ocidente, associar o nome “Judas” ao apóstolo de Jesus. O

conhecido Judas Iscariotes foi culpado pela traição de Jesus, segundo a tradição judaico-cristã. Levando isso em consideração, essa expressão é comumente usada para representar alguém que vive muito distante. Como demonstrado, é possível aproximar a relação de construção a partir do mito bíblico. Quando se pensa em “distância” e “longe” infere-se que há associação com o espaço histórico do Oriente Médio (onde se passa história). Outro aspecto se refere à memória da sociedade, capaz de relacionar o nome de Judas com calcanhar (parte mais embaixo do corpo) para criar sentido de “distante”, “exaustivo para se chegar” etc.

Outro exemplo é a cabeça humana, espaço que permite também a comunicação, lugar do racional, da objeção, da submissão etc. Poderíamos, é verdade, nos desfazer em infinitos exemplos relacionados à “cabeça”, buscando desde o início da humanidade até sua forma mais contemporânea. A cabeça aparece na mitologia bíblica nas seguintes passagens: “Mas quero que saibais que Cristo é a cabeça de todo o homem, e o homem a cabeça da mulher, e Deus a cabeça de Cristo” (1 Coríntios 11:3) e “E ainda lhes sou opróbrio; quando me contemplam, movem as cabeças” (Salmos 109:25) (Bíblia online). São apenas dois exemplos de uma extensa lista possível, em que a palavra “cabeça” poderia aparecer relacionada ao simbólico da história humana. Os exemplos serviram apenas para ilustrar o simbolismo das partes do corpo humano pela humanidade.

Outro exemplo se refere ao poema heroico do Grego Homero – *Ilíada* (2009). Nele podemos ver um dos personagens de mais notável relevância, o guerreiro Aquiles. Segundo o poema grego, o semideus era filho de *Tétis* e *Pelego*, rei dos *mirmitões*. Conta o mito que, ainda pequeno, Aquiles foi banhado nas águas do rio *Estige*, a fim de que se tornasse imortal, mas, ao ser segurado pelo calcanhar, esses permaneceram fora das águas. Assim, essa parte do corpo do guerreiro tornou-se seu ponto fraco, por ser a única que poderia causar sua morte, dando origem a expressão “calcanhar de Aquiles”.

Alguns gestos pelo mundo se diferenciam em conformidade com a geografia e a cultura daquele povo, justamente pela sua inter-relação com o corpo e o mundo, o movimento do concreto para o abstrato. A língua é viva, pois pode variar dependendo das suas interações com o meio ambiente e entre os povos de determinada cultura, geografia e tempo histórico específico. Em algumas regiões do Tibet, mostrar o dedo do meio, por exemplo, é um sinal de cumprimento, diferentemente de como ocorre em outras partes do mundo, como o Ocidente, onde é algo ofensivo (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2019).

Assim, é válido afirmar que há uma imensidão de símbolos associados às partes do corpo humano quando observamos a história da humanidade, de forma que podemos afirmar que o as partes do corpo humano guardam significações como também as expressa. O corpo é

um inesgotável elemento de produção imaginária, justamente por apresentar uma forma intermediária de comunicação interacional do ser com o meio ambiente/mundo e desse com o ser.

A relação do corpo com o mundo é o que nós temos visto, considerando que suas partes aparecem nas expressões em investigação. Ainda mais, as partes do corpo são contornadas por simbolismos, rituais e mitos, como demonstramos. Isso ressoa na produção de expressões como “calcanhar de Judas”; “calcanhar de Aquiles” e “o cabeça”, por exemplo. Essas são algumas das expressões metafóricas e metonímicas que encontram interação com os rituais e mitos da história da humanidade.

O contato do corpo com o meio ambiente é o processo pelo qual o indivíduo conhece o mundo, significando a ele e a si próprio, muito semelhante aos movimentos simbióticos de construção lexicográfica da Onomasiologia e da Semasiologia. Essa dialética ecossistêmica só se torna possível e mais ampla quando considerada na perspectiva da Linguística Ecossistêmica, isto é, o encontro dos ecossistemas natural, mental e social, em que aparecem as inter-relações, as reciclagens e adaptações da língua. Nessa situação aparecem as trocas, as tensões, os encontros, as harmonias etc., toda a complexidade imbricada na língua.

4.3 Noções mais específicas sobre a mente e o imaginário na língua(gem)

Após apontarmos algumas noções mais gerais acerca da Antropologia do Imaginário à qual esta pesquisa se filia, e também depois de termos discutido as complexidades em torno do corpo humano, julgamos pertinente explicitar alguns pontos e o primeiro deles se refere ao ecossistema mental da língua, aqui materializado sob a teoria do Imaginário. Em seguida, discutimos a noção de língua(gem) enquanto produto da inter-relação na perspectiva da Ecolinguística.

O imaginário, quando pensado, amplia sua complexidade justamente por ser algo do ser humano, pois envolve dimensões distintas da existência, a inter-relação entre seres que constituem o meio ambiente e onde eles habitam. Podemos tentar caracterizar o Imaginário conforme o explicita muito bem Gilbert Durand, concordando com Piaget:

[...] as representações subjetivas se explicam pelas “acomodações anteriores do sujeito” ao meio objetivo. [...] não que o pensamento simbólico seja anárquica assimilação, mas sempre assimilação que se lembra de algum modo das atitudes acomodativas e que, se “afasta qualquer acomodação atual”, excluindo com isso “a consciência do eu e a tomada de consciência dos mecanismos assimiladores, não esquece, no entanto, as intimações

acomodativas que lhe dão de alguma maneira o conteúdo semântico. (DURAND, 2012, p. 41).

Assim, podemos concluir que as considerações expostas servem como exemplos para representar o modo como o imaginário pode trabalhar a fim de se construir expressões metáforas/metonímias que partem do corpo humano. É sempre um processo interativo e inter-relacionado. Consoante a essa ideia, aponta Nowogrodzki (2019, p. 231) que “[...]o símbolo é tanto natural quanto cultural, o símbolo não é uma separação entre natureza e cultura, mas sim uma conjugação das duas, ou melhor dizendo, uma adaptação e afetação recíproca de uma pela outra”.

Com o objetivo de compreender ainda mais a teoria Antropológica do Imaginário se faz necessário considerar como ponto de partida a tríade constitutiva da Ecolinguística, seus ecossistemas básicos: ecossistema natural, ecossistema mental e ecossistema social. Essas partes trabalham, na perspectiva da ecologia linguística, de formas inter-relacionadas, conectadas e em movimento de permanentes trocas.

Os ecossistemas fundamentais, mental, natural e social ajudam a entender melhor os fenômenos da língua e do imaginário, pois articula o espaço físico, as ações sociais e os processos mentais. Os três elementos constroem, simultaneamente, o organismo vivo chamado Língua, formando, como já demonstrado anteriormente, o Ecossistema Fundacional da Língua. Como já falamos também sobre os ecossistemas natural e social, nos deteremos, nesse momento, na discussão acerca do ecossistema mental.

O meio ambiente mental (MA), conforme postulado pela Linguística Ecossistêmica, pode ser conceptualizado como uma construção a partir de uma unidade física T [T₂] (cérebro/crânio), P (Neurônios) e L [L₂] (interações neurais, sinapses). De modo que o cérebro em funcionamento seria a mente humana. Essa, por sua vez, nada mais é do que um intermédio entre o natural e o social. De igual maneira, pode ser confirmada na seguinte passagem: “[...] no presente sentido é uma espécie de elo entre o natural e o social” (COUTO, 2016, p. 226). Tal situação evidencia a relação com aquilo que é material, que é físico, que é concreto, como elementos relevantes para as formações da língua.

Evoluímos para nos articular à proposta simbólica da mente, vista como resultado da interação com o mundo concreto até suas dimensões abstratas. Já a dimensão imaginária/simbólica da mente humana é a interação de um conjunto complexo e vasto de imagens internalizadas por meio do trajeto antropológico. A relação entre a mente e a língua(gem), ainda que limitada a uma perspectiva internalista da mente, ganha notória

importância com as postulações de Chomsky, por volta de 1957, tendo em vista que o autor vai defender que a propriedade da linguagem beira a noção de órgão, o “órgão da linguagem” (CHOMSKY, 2005, p. 31).

Além de Chomsky, outros tantos teóricos se propuseram a entender os processos de formação e estruturação que orientam o dualismo mente e língua(gem), como Putnam (1975), Fodor (1975), Searle (1997) e outros. Ainda que observadas, cada qual com as suas respectivas especificidades, o objetivo tem sido constantemente o mesmo, entender de que maneira funciona e se estrutura na relação mente e língua(gem). Esse campo de pesquisa se encontra consolidado, pois há uma constante e extensiva produção de estudos sob orientações e contribuições das mais diferentes áreas e diferentes perspectivas teóricas, sendo um desafio. No entanto, é sempre frutífero e instigante para quem se aventura pelo caminho dos estudos acerca da língua(gem).

Essas pontuações serviram para nos mostrar que mente e língua(gem) estão intimamente ligadas, além de, apresentar, brevemente, pesquisadores comprometidos com os estudos da mente, de maneira a legitimar e demonstrar as múltiplas dimensões constitutivas imbricadas na língua nas suas mais diferentes relações – cognitiva, natural, social e, por que não, simbólica.

5. METÁFORAS E METONÍMIAS DO CORPO HUMANO: UM OLHAR DA ECOLINGUÍSTICA E DO IMAGINÁRIO

Neste capítulo vamos apresentar a relação entre o simbólico, o corpo e as metáforas/metonímias. Assim, o objetivo é discutir um pouco mais sobre a relação das expressões metafóricas/metonímicas com a cultura, nos seus rituais, seus mitos, seus símbolos, e entender como essas expressões metafóricas/metonímicas permitem a interação entre o mundo e as pessoas. Essas pontuações nos ajudam a refletir com maior força sobre a importância que as partes do corpo humano tem para estabelecer relações com a língua.

O corpo, na perspectiva em que estamos discutindo, representa um elo que traduz a inter-relação com o meio ambiente/mundo. Isso reforça a tênue premissa de que ele seja o primeiro contato do ser humano com o seu mundo exterior. Isso em vista, no campo das categorias, metáforas e metonímias, demonstraremos, através de aplicação, o trajeto de produção desses elementos no Português brasileiro.

Em termos linguísticos, pode-se inferir que a produção de expressões a partir do corpo humano, as metáforas e as metonímias do dia a dia, se estendem de um ponto concreto para um campo de maior abstração. Esse caminho é complexo, pois envolve visões teóricas e filosóficas as mais diferentes possíveis. A problemática em investigação é mais ampla. Razão pela qual se faz necessário buscar compreender o fenômeno através de uma lente investigativa mais amplificada.

É importante reforçar que a explicação que trazemos não é relativista, ou mesmo a busca por uma motivação semântica específica de uma determinada expressão. Ainda que essa perspectiva seja possível, não é o nosso objetivo neste estudo. A demonstração aqui partirá de um ponto que encontra o concreto, o natural como fonte, sobretudo quando pensamos no corpo humano. Elemento mais concreto possível.

Nesse percurso, objetivamos entender as formações de expressões metafóricas e metonímicas ligadas às partes do corpo humano por algumas facetas possíveis, reciclagem, adaptação e formações imaginárias. Essas projeções de uma inter-relação complexa e maior são partes de um Ecossistema Geral da Língua. Isso porque estamos concebendo a língua como organismo inerentemente ecológico. Tese confirmada por Couto (2007, 2015 e 2016). Além da língua, o corpo também representa um campo ecológico, como exposto por Sánchez, (2011).

Por último, iremos buscar um olhar para o campo mais abstrato da linguagem. Nos aventuramos pelas dimensões imaginativas dos seres humanos. Representando o ecossistema mental da língua para a Linguística Ecolinguística. Nesse processo quer-se encontrar as expressões polissêmicas das metáforas e das metonímias. Duas categorias de palavras que permitem uma extensa possibilidade semântica em suas ocorrências de uso. Apesar disso, investigar conotações e denotações desses elementos linguísticos não é o objetivo deste trabalho.

É necessário compreender mais de que maneira a Antropologia do Imaginário se relaciona às partes do corpo humano na produção das expressões metafóricas/metonímicas. O capital imagético da humanidade ajuda a dar forma à mente a partir de movimentos concretos como já demonstrado nos primeiros movimentos do corpo rumo à interação com o mundo, por exemplo, *As Dominantes Reflexas* de base durandiana. Isso em mente, não podemos negar, mesmo que a priori, a dimensão simbólica que constela o corpo humano e suas partes.

Como já posto, este trabalho tem por objetivo geral apresentar uma articulação entre Ecolinguística e Imaginário. Além disso, o objetivo geral é o de apresentar respostas possíveis para o objeto da nossa investigação científica, de que maneira o corpo serve como fonte para que sejam produzidas expressões metafóricas e metonímicas no léxico da língua portuguesa. Para isso, dedicamos longas páginas destacando os pontos mais relevantes de cada uma das duas teorias que fundamentam este estudo para alcançar nosso objetivo.

Tomamos como base três fatores básicos na catalogação dos dados: a grande quantidade, a limitação do gênero textual e a suficiência da materialidade. Então, por conta disso, optamos por nos deter em nossa análise às palavras e às expressões que mais se destacaram em níveis de quantidade, uma média acima de 30 expressões e/ou palavras.

Abaixo trazemos uma tabela contendo os léxicos e suas respectivas expressões que foram encontradas nos dois dicionários que serviram como base para coleta de dados deste estudo. É importante dizer que as palavras desse quadro são as mesmas que foram analisadas nesta pesquisa. O primeiro, dicionário Aurélio, se refere ao aplicativo disponível para download na internet. O dicionário *Houaiss* foi encontrado apenas com a sua versão paga no site do Uol. (Todas as referências para acesso de ambos os dicionários se encontram nas páginas finais desta dissertação). Além disso, as palavras, seus sentidos, foram todas, sem alteração, retiradas desses dicionários. Tudo isso consta no quadro a seguir:

Termos lexicais	Expressões	Dicionário	Dicionário

	metafóricas/metonímicas	AURÉLIO	HOUAISS
Boca	Boca suja	Dado a usar palavrões, desbocado	Falar palavrões
Boca	Da boca para fora		Fingidamente
Boca	Botar a boca no trombone	Denunciar, deletar, reclamar, protestar	Denunciar publicamente
Boca	Boca de fumo		Ponto de venda de drogas ilícitas
Cabeça	Cortar a cabeça	Demitir de posto ou função, por motivos políticos, interesses pessoas etc	Tirar o poder de comando, de decisão.
Cabeça	Abrir a cabeça		Se abrir a ideias novas
Cabeça	Cabeça de coco		Indivíduo desatento
Língua	Língua afiada	Língua de palmo	Língua cumprida
Língua	Dar com a língua nos dentes	Falar indiscretamente, revelar um segredo, bater com a língua nos dentes, dar à língua, dar de língua	
Língua	Estar com a língua coçando	Estar com vontade de falar algo que não deva	Ter vontade de contar algo que não pode ser contado

Língua	Na ponta da língua		Bem decorado, de imediato
Língua	Língua de trapo	Criança que ainda não sabe falar corretamente, pessoas que fala de modo muito confuso, que articula mal as palavras	Fofoqueiro
Língua	Língua cumprida		Língua afiada
Mãos	Mão dupla	Mão nos dois sentidos	
Mãos	Com a mão na massa	Trabalhando com determinada coisa no momento, com as mãos na massa	Em pleno ato
Mãos	Levantar as mãos para o céu		
Mãos	Deitar a mão em	Apoderar-se de, agarrar, deitar a mão em	
Mãos	Aguentar a mão	Enfrentar ou suportar situação penosa ou trabalhosa; aguentar o repuxo, aguentar a parada, aguentar as pontas; esperar ou aguardar pacientemente; aguentar as pontas	

Mãos	Banhar as mãos de sangue	Ter as mãos sujas	
Pé	Pé no saco	Um saco	Pessoa maçante
Pé	Ao pé do ouvido	Em segredo, discretamente	Discretamente
Pé	Pé na bunda		Rejeição
Pé	Pé na cova	Pessoa perto da morrer	Pessoa envelhecida
Pé	Pé da montanha	Base da montanha	
Pé	Ter os pés no chão		Ligada a realidade
Pé	Pegar no pé	Mostrar-se muito insistente, inoportuno	

QUADRO 3: PALAVRAS ANALISADAS E SEUS SIGNIFICADOS NOS DICIONÁRIOS: AURÉLIO E *HOUAISS*

Assim, analisamos as palavras que mais se destacaram conforme presente nos (GRÁFICO 1) e (GRÁFICO 2). Embora a nossa análise não se atenha a todas as expressões, há quantidade suficiente e legítima capaz de descrever e explicar o fenômeno em investigação. A fim de facilitar o acesso e a visualização dos dados coletados, seguem abaixo os dois gráficos criados a partir das listas de palavras e expressões. Dados retirados dos dois dicionários que serviram de materiais para a nossa pesquisa.

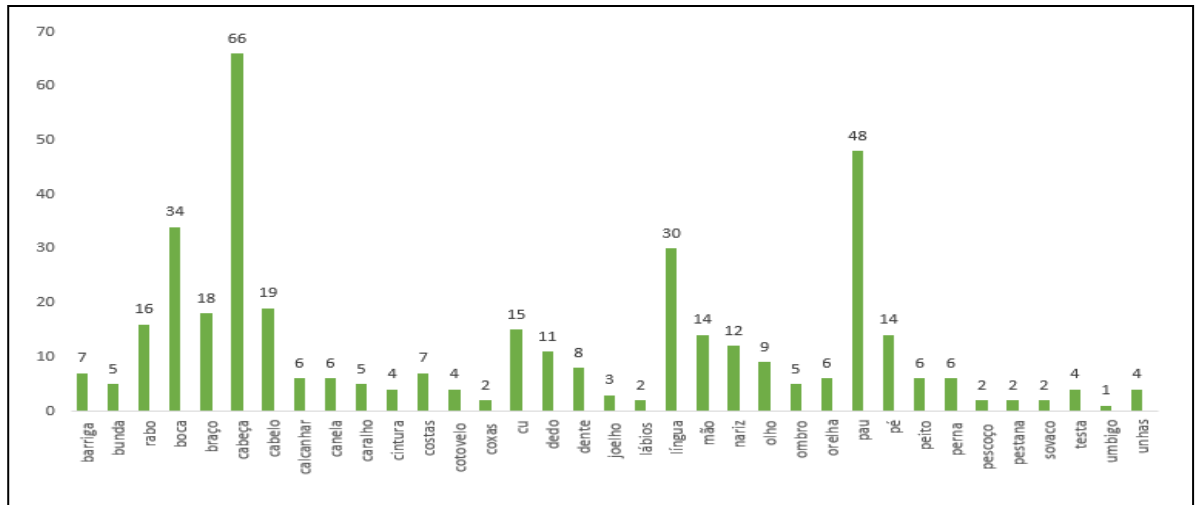


Gráfico 1 Dicionário Houaiss

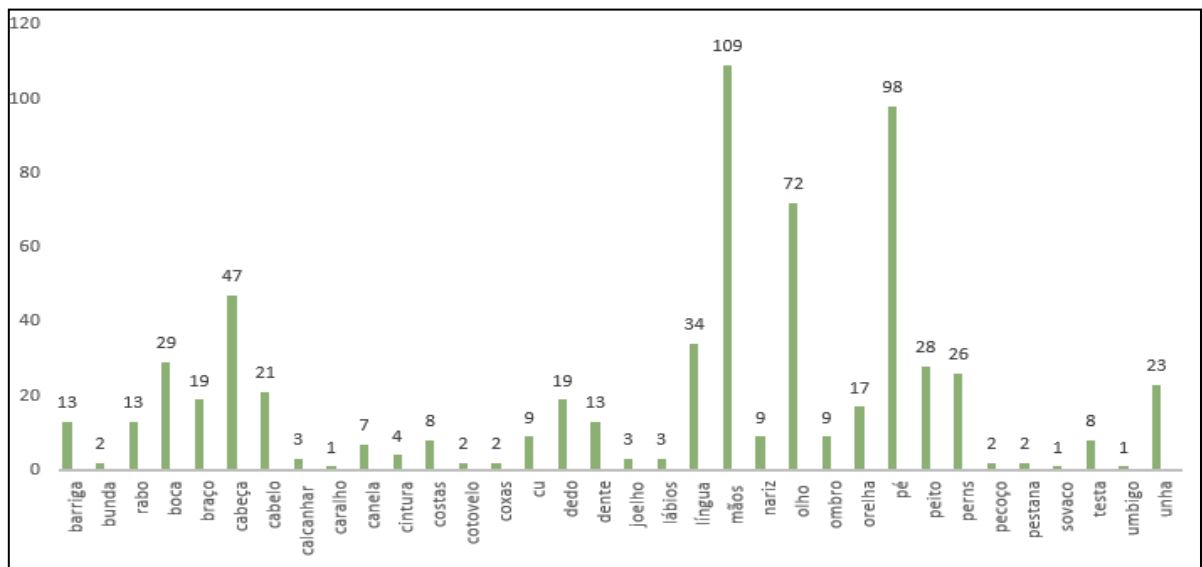


Gráfico 2 Dicionário Aurélio

Em ambos os gráficos podemos observar as partes que constituem o corpo humano na sua integridade física. Por meio delas são criadas expressões e léxicos metafóricos e metonímicos na língua portuguesa. Algumas dessas terminologias aparecem em maior quantidade, outras em menor quantidade, e outras nenhuma vez (Essas não constam nos gráficos). Optamos por selecionar nos gráficos as palavras que apareceram em maior quantidade no apêndice. De modo que iremos analisar: boca; cabeça; língua; mãos e pés.

Como já apresentado, o corpo humano foi/é dotado de revestimento axiológico que transcende as postulações guiadas pelo clássico logicismo, indo para além daquilo que poderia ser objetivamente descrito como razão pura. Assim, envolve questões da ordem do imaginário, do cultural, do simbólico, da moral, do esoterismo etc. Pensando nisso, é preciso apresentar alguns caminhos que expliquem o trajeto do concreto para o abstrato, bem como seu interim, adaptação e reciclagem. Isto é, uma maneira de se apresentar o movimento do concreto (natural), para abstrato/social e mental (reciclagem, adaptação, simbólico etc).

A partir deste ponto, explicitamos os caminhos que direcionam o fenômeno em investigação neste estudo, embasados pelos postulados teóricos-metodológicos discutidos ao longo do texto.

Boca: esse registro linguístico aparece em ambos os dicionários que foram analisados. Através da boca podemos expressar as mais diversas formas de emoções, dores, vontades, raiva etc. É também, por meio dela que estabelecemos relações com o mundo e com as outras pessoas do meio ambiente. De modo que foram encontradas cerca de quarenta e nove expressões metafóricas e metonímicas que se apropriaram dessa parte do corpo humano para produzir sentidos outros.

Como já tem sido afirmado ao longo do trabalho, uma das questões a serem apresentadas nessa discussão se refere à base imaginária que fundamenta a língua(guem). Assim, não seria diferente com a palavra “boca”, órgão palatal do corpo humano muito presente e usado. É, também, pela boca que expressamos palavras, nos alimentamos, saciamos nossos desejos mais íntimos, expressamos carícias etc. Como apontado este estudo aborda as metáforas a partir da sua concepção de estrutural do pensamento e das ações. Essa definição tem ajudado a ampliar a noção das metáforas e das metonímias para além de suas propriedades estritas de sentidos.

Os significados das expressões e/ou palavras metafóricas e metonímicas que aparecem ao longo deste estudo são os mesmos que constam nos dicionários que serviram como material para a coleta dos dados. Então, ainda que possa haver outras interpretações, outros sentidos e outros usos para as mesmas sentenças metafóricas, os sentidos neste estudo têm como base os dicionários descritos, Aurélio e *Houaiss*.

Quando pensamos na boca ela é a fonte de onde emana as palavras, o controle, a relação com os outros, parte do corpo que estabelece relação. Por ser o local de onde partem as palavras, ela também está ligada à noção de moral. A moral social aqui relacionada a boca se apresenta à ideia da polidez. É o caso de puxar como exemplo a expressão “De boca suja”

(Diz muitos palavrões). Como as metáforas são constituídas de relação de similaridade, podemos dizer que a sociedade sente aversão àquilo que é sujo, lugares sujos, pessoas sujas, ambiente em insalubre tendem a ser reprovados socialmente. Assim, a ideia da imundícia é ampliada para se relacionar à boca para que haja preservação de um linguajar polido.

Podemos perceber assim, a relação do meio ambiente com o imaginário, especialmente o meio ambiente mental da Linguística ecossistêmica. Um exemplo é o que ocorre com a boca quando definida como o espaço do sagrado, que não se aceita “palavrões”. Pessoas que fazem uso da boca para praguejar ou expressar impropérios são punidas com reprovação. Ao se pensar em interação entre seres sociais podemos afirmar que o sentido, ou seja, a compreensão de “Boca suja” acontece somente porque o povo que compartilha determinado ambiente entende a proximidade impregnada nessa expressão metafórica. Os processos de similaridade das metáforas/metonímias ocorrem na mente, o que faz com que sejamos capazes de transportar características, funções e ou formar semelhantes para outras coisas no mundo.

Nada mais justo, pois estamos vendo as interações ecossistêmicas em movimento, uma parte do corpo (natural), produzindo sentidos outros (mental), por causa de compartilhamento entre os membros de um determinado espaço ambiental. Além disso, o próprio corpo se firma como elemento ecológico, isto é, algo que detém características que se assemelham ao dinamismo ecológico como proposto pela Ecolinguística e pela Ecologia biológica. Assim, o corpo tende a fornecer as palavras que nomeiam as suas partes para que novas palavras e expressões possam ser produzidas, como foi o caso de “Boca suja”, por exemplo.

Além dessa noção, é possível entender a formação da expressão anterior como elemento ecológico, dentro de uma concepção de adaptação e reciclagem. Nela temos que o termo “boca” que toma a denotação primeira, da fonte, para então, se juntar a outras palavras. Aqui, “boca” se junta a “suja” para significar especificamente pessoa que fala palavrão/impropérios. Demonstramos o processo de reciclagem da língua tendo em vista que há um residual no sistema linguístico ao se preservar a palavra retirada do corpo. Aqui fica mais uma vez demonstrado processo de adaptação e reciclagem das expressões metafóricas/metonímicas, logo, propriedade ecológica da língua.

Além da estrutura frasal da expressão “de boca suja”, que, como dito, mantém o item lexical primeiro, podemos observar preservação também no seu sentido. Apesar de a frase metafórica se constituir de uma polissemia no que se refere à sua significação, ela também guarda um pouco do sentido original. Nessa expressão podemos ver que “de boca suja” está ligado à noção de algo desagradável, impróprio para determinadas situações. “Boca” aqui

ainda preserva seu sentido primeiro de parte do corpo humano, mas passa a significar outras coisas ao se relacionar com outras terminologias.

A boca sempre foi cercada por simbolismo, um exemplo é a sociedade egípcia que nos rituais de morte, tendiam a deixar a boca dos mortos abertas para, segundo eles, manter todas as funções fisiológicas dos órgãos ativos (Cf. CHAVALIER; GHEERBRANT, 2019). A boca também é vista como objeto de construção, de edificação. Mas o inverso também acontece, são incontáveis as vezes que, através dela, praguejamos, desconstruímos e reconstruímos o mundo e uns aos outros. A boca também aparece em outras culturas, Grega, Gália, esoterismo (Ibidem).

Quando pensamos na teoria do Imaginário como proposta por Gilbert Durand, estamos, indiretamente, dialogando com a epistemologia da Ecolinguística, visto que trajeto antropológico é resultado do ser humano em constante inter-relação com mundo. O diálogo que permite a significação é mediado por práticas, por vezes linguísticas, que auxiliam os seres humanos a incorporem imagens e conceituações dessas imagens sobre e no mundo. A Ecolinguística é isso, inter-relação com o mundo por via linguística.

Ainda entendendo as expressões metafóricas e metonímicas como elementos que estruturam os pensamentos e as nossas práticas, tomemos como exemplo as expressões: “Botar a boca no trombone” (Falar tudo o que vem à mente para todos) e “Da boca para fora” (Falar sem credibilidade). Na primeira, o trombone é um instrumento musical que auxilia o trombonista na sua expressão musical. Uma das funções do instrumento é fazer barulho, tendo em vista que o seu som é geralmente alto. Podemos perceber a relação de proximidade da metáfora com o trombone, pois o ato de “Botar a boca no trombone” cria proximidade com o volume alto. Logo, socialmente é aquilo que todo mundo vai ouvir. A proximidade da parte do corpo boca com o instrumento musical trombone é o que permite a insurgência da expressão em discussão.

É o mesmo caso da frase “Da boca para fora”. A ideia associada ao “fora” é o oposto de dentro. Tudo que está relacionado ao “fora”, na nossa cultura, não tem tanta importância. É perceptível quando dizemos: “Não importam o que dizem lá fora”; “O lixo para fora”; “Coisas que acontecem fora” etc. Então a nossa relação com o “fora” parece ser de insignificância e vazio sem que possa ser verdadeiramente sentido, se comparado àquilo que é o dentro, que se relaciona ao lar (Casa); coração (emoções); íntimo etc. As palavras que estão de fora tendem a ser indiferentes, o que justifica a expressão “Da boca para fora”. Isso é, na verdade, o que é dito ao “vento” não em importância, é vazio, sem sentimento.

Pensando no sentido das metáforas orientacionais como propostas por Lakoff e Johnson (2002) é possível ainda falar um pouco mais sobre a expressão “Da boca para fora”, em oposição à ideia de dentro x fora. O fora pode ser entendido como aquilo que não é interessante, ao contrário do que está dentro, as ideias de amor-próprio, alimentação, bem-estar pessoal etc. O de fora é oposto a tudo aquilo que não está dentro, dentro do lar é confortável, fora é ruim. A ideia dos alimentos, dentro da embalagem está protegido, preservado, fora é contaminado etc. Então, podemos dizer assim que há várias situações de oposição com a valorização orientacional de “dentroXfora.”.

Também podemos dizer que as trocas para construção daquilo que é simbólico resulta das constantes experiências humanas com o meio ambiente, através das trocas entre as pessoas, influências culturais, interpretações, tradições pessoais etc. Assim, é pertinente destacar os aspectos, tanto do Imaginário quanto da Ecolinguística, visto que ambas as teorias se aproximam no que se refere a pensar as interações humanas com o mundo para produzir simbolismos e língua(gem).

Na expressão “boca de fumo” o trajeto é nitidamente visível, pois temos a palavra “boca” que parte do corpo humano, então se une a outra palavra para significar algo no mundo. Esse processo é o que temos descrito, o trajeto que parte do mais concreto para o nível mais abstrato do meio ambiente. No caso aqui, o significado atribuído a “boca de fumo” está associado a lugares que são pontos de distribuição de drogas em alguns locais do Brasil. Assim, podemos dizer que os seres humanos se apropriam das partes do corpo, como a boca, por exemplo, para criar palavras e expressões metafóricas e metonímicas no mundo quase sempre seguindo esse processo.

Outra característica presente nesta expressão, “Boca de fumo”, é a sua capacidade de eufemização. Vejamos, culturalmente nós percebemos que as drogas ilícitas são substâncias que causam repugnância social por serem criminalizadas e estigmatizadas. Assim, se coadunam conceitos e práticas relacionadas a quadros de violência, pouco investimento educacional e formas de segregação social. Dessa forma, a terminologia “Boca de fumo”, embora represente todo esse campo de conceitos negativos, passa por uma forma de eufemização na sua nomenclatura.

Dizemos isso, pois a expressão poderia ser grosseiramente descrita como: “Ponto de tráfico de drogas”, mas não o é. Por vias de adaptação linguística nós preferimos optar por eufemismo e chamar apenas de “Boca de fumo”. Essa atende a uma elite e política de apagamento das mazelas sociais. Para que esse processo se efetivasse, foi recuperada a história do uso do fumo na sociedade em sociedades do século XVIII e XIX, por exemplo.

Além disso, há a presença do sentido dado ao ópio e da maconha se repercutindo na construção dessa expressão, como elementos que se fumam, sendo formas de mascarar as situações sociais.

A partir de um olhar linguístico ecossistêmico podemos pensar que as metáforas e a metonímias, apesar das inúmeras motivações para suas realizações, são também, produto de contato com o mundo, da coisa em si para algo mais abstrato. Isto é, a “boca”, em discussão aparece no material, no concreto que é o corpo humano, logo, buscamos aproximações com as funções ou formas dessa parte do corpo para aplicar essas noções a outros eventos e/ou coisas presentes no meio ambiente. É o caso de “boca de fumo”, por exemplo. Lugar de origem, de onde sai, a fonte. Da boca saem palavras, é considerada fundamental porque nos relacionamos e interagimos através dela. Algumas das razões que justificam a associação com a boca e suas expressões no mundo.

É, ainda nessa direção que concordamos com Couto (2016, p.16) que apresenta a noção presente na Lexicologia, o processo dinâmico de produção e conceituação das palavras pelas abordagens Onomasiológica frente à Semasiológica.” Descrevendo assim, a inter-relação obrigatória entre os léxicos e com o meio ambiente. Partindo do meio ambiente natural para o mundo dos signos linguísticos, socialmente dotados de valores.

Com os exemplos trazidos ao longo dessa análise demonstramos mais uma vez formas possíveis e legítimas de se compreender o fenômeno linguístico das expressões metafóricas e metonímicas que buscam em partes do corpo humano fontes para suas construções linguísticas. Assim, confirmamos mais uma vez o trajeto existente no fenômeno linguístico em investigação e a sua relação imaginária.

Com isso, reafirmamos a noção de língua enquanto elemento ecológico, como proposta pela Ecolinguística. O corpo humano é o referente que corresponde ao ecossistema natural, a parte mais concreta, já as metáforas e as metonímias são parte correspondentes aos ecossistemas social e mental, dada suas inclinações para o âmbito mais abstrato da língua. Além disso, os processos de adaptação e reciclagem estão também presentes. Esses são elementos ecológicos que podem ser aplicados às noções de língua como pensada pelo campo da Linguística Ecossistêmica.

Cabeça: sobre essa parte do corpo humano podemos pensar, antes de tudo, que é nela que se localiza o nosso cérebro. Logo, todos os movimentos, toda fisiologia, seja ela ato voluntário ou involuntário do corpo encontra apoio que parte desse espaço. O próprio Gilbert Durand

(2002) afirma que o ato de elevação é um dos primeiros movimentos para a estruturação do simbólico. A cabeça aparece elevada, no topo do corpo. Então, não há dúvidas quanto o grau de importância dado a esse órgão. Tanto é fato que nas palavras coletadas foram encontradas cento e treze palavras e expressões que contêm a terminologia “cabeça” na composição linguística

Já temos dito que o corpo é o maior representante natural do fenômeno linguístico em questão. É a partir dele que outras produções de palavras vão sendo criadas e, ao serem internalizadas pelos falantes, tornam-se parte da língua, justamente por entrarem sem pedir licença, é caso dos neologismos e das gírias. Grupo de palavras que vai sendo incorporado na nossa língua sem que tenhamos controle disso.

Dessa maneira, em muitos casos não nos damos conta dos seus sentidos e/ou fontes primeiras, pois como dito, vamos incorporando palavras ao repertório linguístico usado no dia a dia que nos esquecemos de suas origens, de seus significados e, em alguns casos, das suas funções. Assim, tendemos a readaptá-las usando-as em diferentes contextos. Tal situação faz com que naturalizemos certas expressões como já articuladas à língua, e não como um processo, uma trajetória.

Assim, o elemento de estruturação do pensamento e de algumas práticas sociais em discussão, as metáforas/metonímias, tendem a se constituírem por duas características básicas as quais permitem a transposição para uma outra significação. As características de similaridade e proximidade das metáforas são marcas que abrem margem para processo de recomposição das expressões metafóricas. Por exemplo, a ideia de “Cortar a cabeça” de alguém é similar ao significado da morte, pois quando se corta a cabeça estamos matando, retirando do cominho algo que, do contrário, causa incômodo.

Ainda seguindo o exemplo da cabeça e sua relação como poder se encontra na expressão “Cortar a cabeça de” (demitir de um posto ou função). Na nossa sociedade a ideia do poder é algo latente, como apresentada na reflexologia do Durand (2012) o ato de levantar-se também aponta para uma autonomia, forma de dominação sob o que está abaixo. A nossa sociedade valoriza a ideia do poder, do controle, do centro, daquilo que está acima. Por isso, “cortar a cabeça de” tem seu sentido validado como retirar alguém da sua função e ou posto com o fim de exclusão. Podemos ver a característica da proximidade metafórica/metonímica aqui presente, na extensão da cabeça humana, sendo correspondido à parte mais alta do corpo, ponto de racionalidade e de controle.

O termo “cabeça” é mais um desses exemplos de palavras que passam por trajetórias. Semanticamente podemos pensar em “cabeça” como uma parte do corpo humano, por onde

podemos pensar, local onde fica o cérebro, a capacidade de falar e movimentar o corpo e tantas outras atividades. Essa sequência de relevância não é à toa. Também, não parece se perder totalmente com o tempo. As interações entre os meios ambientes, natural, mental e social, aqui materializados no corpo, nas associações e no imaginário, são explicitamente visíveis, como temos colocado.

Como já tem sido feito, podemos reafirmar que os processos de produção metafóricos e metonímicos, sempre carregam partes de sua semântica primeira. É o que acontece com a imagem proposta pelo imaginário “[...]a imagem, mesmo sendo polissêmica e, portanto, assumindo sentidos diferenciados conforme o contexto, conserva sempre um núcleo de significação simbólica para o qual converge naturalmente.” (STRÔNGOLI, 2014, p. 73).

Quando verbalizamos e/ou escrevemos expressões como: “abrir a cabeça” (Se abrir a novas ideias), por exemplo, entendemos, em uma dada situação que a pessoa precisa estar disposta a novas questões. No entanto, pensando em termos metafóricos e metonímicos, é possível inferir a relação com a semântica inicial que se mantem, a “cabeça”, lugar de conhecimento, que reside o cérebro, que nos orienta etc. Então, podemos afirmar novamente que há sempre um núcleo semântico que se preserva. Tais apontamentos revelam a atividade ecológica da língua, isso porque há um processo de reciclagem e adaptação das palavras nas expressões metafóricas/metonímicas estudadas.

Além disso, temos que o Imaginário, o capital de imagens do homem (DURAND, 2012) tem se mostrado representativo. É o caso do percurso feito pelas expressões que residem naquilo que é abstrato, no campo das abstrações. De forma que a “Cabeça” é, como quase todas as partes do corpo humano, carregada de simbologia. Segundo o *Dicionário de Símbolos* de Chavalier e Gheerbrant (2019, p. 151) “A cabeça geralmente simboliza o ardor do princípio ativo. Abrange a autoridade de governar, ordenar e instruir.” Desse modo, o Imaginário contribui demonstrando a vasta possibilidade de viagem das expressões.

Para o filósofo Platão, por exemplo, a cabeça era comparada ao universo, justamente pelo fato de seu formato, esférico (Cf. CHAVALIER; GHEERBRANT, 2019). Essa parte do corpo permite a emergência de expressões como “cabeça de coco” (Indivíduo desalento).

“Abrir a cabeça” (Estar apto a novas ideias) é outro exemplo que apresenta a similaridade da metáfora/metonímia enquanto estrutura de pensamento. A cabeça é o ponto de conhecimento, onde reside o cérebro. Ao instrumentalizar a ideia de “Abrir a cabeça” não estamos falando literalmente, apenas tomando emprestada a ideia do cérebro/conhecimento/racionalidade que está presente nesse espaço. Isso revela a

similaridade, que é uma das características presentes nas metáforas, a similaridade com a função de pensar, raciocinar e expressar informações.

A fim de responder aos postulados da Linguística ecossistêmica e os seus ecossistemas constituintes, podemos observar a inter-relação da cabeça, como parte do corpo (espaço natural), passando por processos de simbolização (mental), sendo dissipados por hereditariedade cultural (social). É esse tripé que garante a efetiva e interpretativa composição e readaptação linguística para as formações das expressões metafóricas/metonímicas em análise nesta pesquisa. Assim, não é incoerente dizer que há uma dependência ecossistêmica para as formações dessas expressões.

Então, é mais uma vez provado que o termo “cabeça” parte do núcleo comum e concreto (corpo), fazendo uma viagem que agrega e dispersa sentidos, até os léxicos mais abstratos. Podemos observar as relações de similaridade e proximidade, no aspecto cultural da nossa sociedade e na forma como pensamos em interação em um meio ambiente. Além disso, percebemos também um processo de reciclagem e adaptação das terminologias quando produzem novas palavras e novas expressões diferentes daquelas primeiras.

Língua: essa palavra aparece em sessenta e quatro expressões nos dicionários que serviram para coleta dos dados deste trabalho. A língua é um órgão importante para a comunicação, para as refeições, sensível a sabores e, também é elemento usado para saciar muitos dos desejos humanos. Não há dúvida quanto a relação íntima que temos com a língua. Os significados aqui apresentados foram retirados do apêndice que se constitui como parte deste estudo.

Sendo o corpo humano primeiro elemento concreto no meio ambiente, é notável que ele tenha sido a fonte para a produção de inúmeras palavras e frases novas que nós produzimos e usamos no nosso dia a dia. A língua é o órgão que como todos os outros que parte do corpo humano para expandir sua semântica no meio ambiente, permitindo assim, sua transposição de aplicação em outras frases. A relações que podem ser estabelecidas com a língua são múltiplas. Ela pode ser sinônimo de destruição, positividade, libido, desejo, maldizer etc. Assim, as expressões e o seus sentidos são múltiplos, mas há sempre algo que sobra.

Podemos observar a expressão metafórica “Língua afiada” (Língua de palmo/cumprida). Na nossa sociedade, culturalmente é tido que a pessoa que tem a língua cumprida é porque fala demais aquilo que não deveria ser dito. Essa expressão só existe

porque ela tem um sentido constituído tanto pelo nosso espaço social (Território) quanto pelo nosso (Povo). Vejamos assim, que essa metáfora sobre a língua do corpo humano é possível porque há uma inter-relação ecossistêmica, no caso, uma hereditariedade (mental) propagada pela nossa cultura, em um determinado espaço (natural) e por uma determinada sociedade (social). Esses ecossistemas complementares se entrelaçam para construir e gerar um sentido para a expressão “Língua afiada”.

A língua ainda é objeto que recebeu, ao longo do tempo, revestimento simbólico. Não é de hoje que ela é usada para fins diversos. No dicionário de símbolos de Chavalier e Gheerbrant (2019, p. 550) ela é citada como uma “chama”, como algo que “destrói ou purifica”. Dessarte, podemos testemunhar o poder existencial que a língua carrega consigo. Ela é o elemento muito presente na história da humanidade. Como já postulado, a língua aparece presente ao longo da história humana, é o caso, por exemplo da simbologia presente na mitologia bíblica de vertente greco-romana. Em provérbios (15, 4) ela é justa ou perversa; Salmos (52, 4), mentirosa e má. (Ibidem, p. 550).

Posto isso, podemos pensar a língua com o seu sentido de aproximação e socialização, ou mesmo, interação. Isso porque é através dela que expressamos nossas palavras, logo, os pensamentos, sentimentos, emoções, desejos etc. Quando o bebê começa a balbuciar é uma forma de autonomia e interação. O movimento articulatorio da língua permite a vibração das cordas vocais e a expressão de palavras e sons. Tais fatos descritos e estudados pela fonética da língua. De certa maneira, é uma forma de movimento reflexo que conduzi o sujeito a aplicações semânticas outras no mundo por via das metáforas/metonímias.

Exemplificando, é possível tomar como exemplo a metáfora “Dar com a língua nos dentes” (Falar indiscretamente algo que não deveria ser dito). Pensando nas articulações propostas pelo Durand (2012) ao discutir sobre as dominantes reflexos, é possível afirmar que a formação da metáfora/metonímia em discussão é resultante também dos movimentos que a língua faz ao falarmos. Quando estamos conversando tendemos a bater a língua nos dentes, o detrator/fofoqueiro/falador é aquele sujeito que diz muito em hora indevida. Quando se observa tais movimentos articulatorios do paladar é possível ratificar a noção do teórico da Antropologia acerca das circunstâncias biopsicopulsionais dos seres humanos e a sua formação imaginária.

Em termos da ciência da Linguística o campo da Fonologia nos dá um exemplo de como os movimentos articulatorios permitem a vocalização dos seres humanos, o que acaba gerando palavras. O paladar é o órgão recrutado para articulação e promoção da fala. Vejamos o mecanismo língua-dental, a língua ao ser exigida na fala tende a encostar nos dentes e no

palato para controlar a quantidade e o modo como os sons são propagados pela boca. Pensando nisso, podemos estabelecer uma relação da boca com as palavras, tudo o que produzimos em termos de língua, de imaginário e em termos de interação exigem os movimentos articulatórios da boca. Daí a relação biopsicopulsional como proposta pelo imaginário.

Assim, não podemos negar o simbolismo criado em torno da língua pela humanidade. Se fôssemos, de fato, investigar todos os rituais e culturas em que a língua está presente, certamente não teríamos espaço neste trabalho. Dessa maneira, é justo afirmar que a presença do simbólico colabora para propagar mais possibilidades de sentidos da língua ao longo do tempo e da história. Não sendo apenas o corpo humano como uma fonte permanente e única, talvez a primeira, mas em segundo, muito contribui o imaginário enquanto símbolos humanos.

Isto em vista, aplicando o conceito de reciclagem da língua como proposto por COUTO (2016), podemos dizer que não acontece apenas no aspecto estrutural, como exemplificado em análises anteriores, mas sim, em toda a língua. Buscamos o linguístico no corpo, então simbolizamos esse corpo, conseqüentemente produzimos expressões com sentidos os mais diversos possíveis. O processo é complexo, dotado de relativismos, mas compreensível de uma perspectiva mais geral como estamos fazendo.

O percurso do corpo para as expressões metafóricas/metonímicas pode ser observado pelos processos que estamos chamando de reciclagem e adaptação da língua. Vamos exemplificar com a expressão “Estar com a língua coçando” (Estar com vontade de falar algo que não pode). Podemos notar o processo de reciclagem a partir do movimento inicial do corpo, quanto esse empresta uma palavra, no caso aqui a “Língua” para que ela seja usada em outra situação. Isto é, há um reaproveitamento daquilo que já está disposto no repertório linguístico existente.

O processo de adaptação advém da composição lexical que a palavra “Língua” ocupa. Na expressão em discussão temos como composição da expressão as palavras “Estar” e “Coçando”. O termo “Coçar” aqui está sendo expresso com o sentido de inquietação, isto é, a quando dizemos que a pessoa está com a “Língua coçando” que falar algo que não deveria. O contrário do sentido primeiro de “Coçar”, algo que realmente causa um certo incomodo, não passando rapidamente. Esse processo só é possível porque as metáforas/metonímias trabalham pela similaridade e proximidade, criando semelhanças possíveis, ainda que os sentidos sejam alterados.

Estamos denominando o processo de reciclagem e adaptação da língua, correspondendo aos pressupostos da Língua ecossistêmica. A adaptação é o caminho de ocupação das palavras nas expressões, o modo como os sentidos se aproximam, a forma como as palavras são recompostas e a maneira como elas tendem a produzir sentidos em acordo com a cultura estabelecida. Esse percurso está aliado à forma como nos relacionamos uns com os outros e com o meio ambiente. O aspecto de inter-relação entre o mundo e nós é o que contribui para que as palavras que saem do corpo sejam realocadas e passem a fazer sentido para a nossa sociedade.

O que temos atestado com tudo isso é que há um movimento, há um percurso por meio do qual as metáforas e as metonímias caminham, passando por alterações semânticas e estruturais, como é o caso das expressões: “na ponta da língua” (De imediato); “língua de trapo” (Fofoqueiro/a); “língua comprida” (Quem fala mal dos outros) etc. O que elas têm em comum é a palavra fonte, língua.

Podemos dizer que muito dos sentidos, das funções e semelhanças associativas são preservadas nas expressões que aparecem ao longo do tempo. Dessa maneira, é possível afirmar que o simbólico, isto é, a simbologia que costela em torno de algo e/ou alguma ação humana, muito colabora. A exemplo, a “língua”, socialmente tida como elemento de supremacia, de construção e de desconstrução nos mais variados mitos e rituais. Essas atitudes aparecem implicitamente colocadas quando falamos mal dos outros (Fofoca), que por sua vez, carrega a ideia poder/supremacia sobre o outro, da desconstrução, tanto do fofoqueiro quanto de quem é o assunto da fofoca.

Esse é apenas um dos inúmeros exemplos possíveis que teriam a língua como elemento presente nas expressões metafóricas e metonímicas nas nossas comunicações do cotidiano. O importante aqui é entender o processo de transferência que acontece, outra vez afirmado, partindo do corpo, que, por conseguinte, é simbolizado. Depois disso, é possível entender que as expressões são produzidas. O fenômeno, em termos gerais, transita por esses caminhos até se concretizar nas inúmeras polissemias presentes no Português brasileiro.

Mãos: com relação a esses membros encontramos cento e vinte e três vocábulos nos dicionários pesquisados. As mãos estão continuamente presentes nas nossas atividades do dia a dia. Através delas podemos sentir, consolar etc. Em suma, exteriorizamos os nossos prazeres e nos relacionamos com o meio ambiente/mundo.

O corpo é um ponto importante da inter-relação com o meio ambiente/mundo. Essa visão já foi muito bem colocada nas discussões teóricas e, também ao longo das análises que nós temos desenvolvido. A Antropologia do Imaginário, de eixo teórico durandiano encontra no corpo o princípio para a capacidade de armazenamento e combinação de imagens que são depositadas na nossa mente ao longo das nossas experiências sensoriais. O simbólico seria a congregação de todas as imagens mais as relações entre elas que juntas constituem o capital do *homo sapiens*, a estrutura essencial na qual se processa as diversas formas do pensamento humano. (DURAND, 2012).

“Mão dupla” (Mão nos dois sentidos) é o caso que representa a relação articulatória dos movimentos do corpo. O nosso corpo tende a usar as duas mãos para produzir com maior exatidão algumas práticas do dia a dia. No entanto, nem sempre é efetivo, como no caso das vias de mão dupla das estradas, pois o índice de acidentes é alto. Assim, nós associamos a ideia dos movimentos das mãos com a pista dupla, ou seja, via que vai e vem carro ao mesmo tempo, ora efetiva, ora prejudicial. A característica da similaridade e da proximidade da metáfora/metonímia ajuda a transpor a noção dos movimentos realizados pelas mãos. Também temos o imaginário que funciona para que possamos oferecer relações imagéticas para algumas produções de palavras no mundo, aqui as mãos e a pista de trânsito.

A Ecolinguística entende o corpo como o primeiro contato do ser humano com o meio ambiente. Assim, podemos entender ele como importante elemento de inter-relação com o mundo. O corpo é o ele com o meio ambiente natural, mental e social da língua.

Essa perspectiva contribui para as definições e/ou compreensões de expressões que surgem cuja terminologia “mão” esteja presente. As mãos são nossas grandes aliadas no processo de interação com o mundo. É, todos nós sabemos, através delas que expressamos as mais íntimas emoções humanas. Assim, expressões como: “com a mão na massa” (Em flagrante), por exemplo, ainda reserva o princípio original de mãos, cumprindo sua função básica de tocar, interagir, em atividade etc. Ou seja, é inegável sua capacidade de se reciclar constantemente.

Na perspectiva do Imaginário as “mãos” também são alvos de produção simbólica. Não é à toa que há, pelo menos, duas páginas e meia no *Dicionário de Símbolos* – Chevalier e Gheerbrant. Isso, ainda, sabendo nós que o livro traz resumidamente as mais diversas aplicações simbólicas das mãos no mundo. Durand (2012) também vai falar que as mãos representam ações primeiras rumo à construção da simbolização do indivíduo. As mãos podem operar na nossa cultura como mecanismos de significação, tendo em vista que é através delas que sentimos as coisas e identificamos o mundo a nossa volta.

Na cultura Oriental, por exemplo, elas podem significar o começo de algo, ou término de um trabalho; já no taoísmo, elas podem significar também um esforço de concentração espiritual; para o povo hebraico (**iad**), o mesmo que mão, significa ao mesmo tempo *mão* e poder. (Ibid, 2019).

Na nossa cultura as mãos representam múltiplas coisas no mundo, ela é pode significar afeto, quando acariciamos alguém; podem simbolizar compaixão pelo outro; disputa, união etc. No Brasil, especialmente, tendemos a nos cumprimentar pelo aperto das mãos e pelo abraço. Tais rituais sociais utilizam as mãos para se efetivarem como sinônimo de respeito, de demonstração de carinho, de admiração, de agradecimento etc.

Poucos de nós nunca ouvimos alguém dizer a expressão “Levantar as mãos para os céus” (Dar-se por agradecido). É acordo ritualístico de que o as mãos para cima tendem a representar graça e agradecimento, principalmente em alguns rituais religiosos. Podemos ver a similaridade com o sentido que a parte do corpo humano “mão” carrega e permite. O ato de “Levantar as mãos para os céus” deixa de ser apenas uma parte do corpo humano para simbolizar agradecimento, respeito e reverência. Isso é possível porque a metáfora “Levantar as mãos para os céus” encontra proximidade com a ideia disseminada com as mãos e suas funções. Ainda mais do que isso, a cultura religiosa e os influencia drasticamente na construção desta expressão.

Na obra de Durand (2012) as mãos aparecem na dominante postural, tal reflexo motora representa a parte heroica do sujeito. A relação do simbolismo assim, vai ao encontro da noção de luta, disputa, podendo representar também a força e a ação. São símbolos relacionados a espada, a arma, as luvas de boxe, o soco inglês etc. Nessa direção simbólica surgem expressões como: “Deitar a mão em” (Bater em alguém); “Aguentar à mão” (Suportar duramente algo); “Banhar as mãos de sangue” (Matar) etc. Elementos que pela propriedade de proximidade das metáforas aceita a extensão de reformulações outras no mundo.

Então, o que estamos demonstrando, não apenas com a palavra “mão”, mas, sim, com todas as outras terminologias que têm sido analisadas, é o fenômeno geral de produção de expressões e itens lexicais metafóricos e metonímicos que partem do corpo humano. As metáforas se formulam por apresentarem proximidade e similaridade com aspectos da realidade, as funções que as partes do corpo desempenham, isto é, as associadas que são possíveis de se estabelecer com elas. De forma que é evidente que a interação do corpo com o meio ambiente, por meio das mais diferentes formas, dentre elas, reciclagem e adaptação, enriquece os léxicos da língua.

Pé: os pés no corpo humano têm a função principal de sustentar nosso corpo. Através deles também sentimos e mantemos conexões com o meio ambiente físico. Os primeiros passos de uma criança, a privação da caminhada, os fetiches sexuais (podolatria) são algumas das formas em que os pés representam inter-relações com o mundo. No apêndice desta pesquisa aparecem cento e doze expressões com a palavra.

Os pés também oferecem possibilidades de produção de novas palavras no léxico da língua portuguesa. Dentre as expressões encontradas podemos citar: “pé na cova” (Perto de morrer); “pé no saco” (Alguém maçante, indesejado que atormenta muito); “pé na bunda” (Rejeição); “ao pé do ouvido” (Discretamente) entre outras. Todas elas têm o item lexical “pé” como fonte.

Para fins de análise tomemos como a exemplo a expressão “Pé na cova” (Perto de morrer”. Ao pensarmos no processo de reciclagem e adaptação podemos olhar para a estrutura de construção da frase. Em um primeiro momento a língua se comporta como elemento ecológico, tendo em vista que ela já usa um léxico presente (Parte do corpo humano “pé”) para reciclá-lo em outra composição linguística, no caso a própria expressão metafórica. Essa última, por sua vez, faz parte do processo de adaptação, tendo em vista que a palavra “Pé” foi reinserida em uma composição lexical que permitiu a modificação de sentido, mesmo assim ainda se conserva o sentido real de pé e a própria palavra em si.

O processo de adaptação pode ser percebido quando tomamos como exemplo a expressão metafórica/metonímica “Pé no saco”. Vamos olhar a adaptação por similaridade. Nessa perspectiva, é sabido que um chute ou um golpe na genitália masculina é algo que dói. Logo, podemos ver a similaridade com expressão, pois a o/a “Pé no saco” se refere àquela pessoa que não é desejável, que é desconfortável, que não é bem-vinda, justamente por causar desconforto. Assim, fica evidente que adaptação neste caso se refere à característica de similaridade da metáfora/metonímia que estamos analisando.

Os pés aparecem indiretamente na teoria do imaginário de Gilbert Durand (2012). É possível observar a força dos pés no que se refere à dominante postural (levantar-se). O ato de se colocar de pé, se erguer e se sustentar está associado aos pés, tendo em vista que é através deles que o corpo ganha sustentação. Na nossa sociedade, há quase que sempre uma contradição entre a cabeça e os pés, em cima e embaixo. Tal situação pode ser observada nas escaladas dos montanhistas, que alcançam sua glória quando chegam no cume das montanhas. O pé da montanha representa a base, o que é fácil e acessível, logo sem valor de mérito e conquista. Expressão como “Tirar o pé da lama” (Ficar rico), reforça a noção de conquista e vitória.

O sentido místico que circunda o pé ainda pode ser observado na expressão “Pé na cova”, pois morrer, dentro do nosso território, para o nosso povo, culturalmente algo negativo e que tende a todo custo ser evitado. Como o próprio Durand (2012) é uma disputa temporal, uma forma de vencer a finitude da vida frente a passagem do tempo. Então, no que se refere à carga semântica simbólica dos pés, a morte é o exemplo evidente de tal simbolismo. A isso se soma a associação dinâmica de o que fica embaixo é ruim, a noção da morte, a parte mais baixa da montanha (Pé da montanha).

A morte é sem dúvida motivo de especulação das mais variadas possíveis. Para algumas culturas ela simboliza a vida, para outras, uma forma de libertação, também pode ser símbolo de um “nada” para os cétricos etc. A ambivalência diante da incompreensão da morte e de um suposto pós-morte faz com que os seres humanos produzam as mais irreais narrativas. A expressão “Pé na cova” é produto da dúvida diante da morte, juntamente com a noção articulada ao pé, isto é, àquilo que fica embaixo. Tal cadeia de relações, pé, embaixo, morte, cova, fim da vida etc, é o que gera sentido à expressão metafórica/metonímicas “Pé na cova”.

Além disso, podemos ver a relação dos ecossistemas da Ecolinguística, o mental, o social e o natural, isto é, o corpo como elemento palpável, o mental, na cultura e suas ramificações e o natural, no caso da expressão “Pé na cova”, a “cova”, o “pé”, o “cemitério” etc. Essa intersecção de ecossistemas são responsáveis por conformar expressões como a discutida acima. Dessa forma, reforçamos mais uma vez a necessidade de se considerar a inter-relação dos ecossistemas da Linguística ecossistêmica como necessários à produção dos fenômenos da língua na sociedade.

O “pé” pode ser usado como força para o concreto, para a ideia do que está embaixo, geralmente se referindo àquilo que é ruim. Assim aparecem expressões como “Ter os pés no chão” (Ser realista); Isso é possível porque há similaridade com o simbolismo que se tem sobre os “pés”, o que está sempre no chão, em contato com a terra. Pensando nas proximidades de funções relacionadas aos pés é fácil perceber que os pés servem para os movimentos e nosso deslocamento, ficar inerte ou ter os pés imobilizados causa agonia e revolta. Assim, a expressão “Pegar no pé” (Ser insistente) só permite a sua construção vocabular porque entendemos que os pés devem estar em movimento. Há, ainda que de forma contrária, aproximação com a função que naturalmente deve ser desenvolvida pelos “pés”.

Já falamos demasiado sobre isso. Nas expressões em supra pode-se perceber que o “pé”, como fonte principal e inicial, se encontra no concreto/natural, que é o corpo humano. A reciclagem linguística permite reaproveitar outras palavras que já existem na língua, em

seguida combinando-as com outras, palavras suportes, para então criar novas palavras, novas semânticas e novas estruturas linguísticas em forma, aqui, de metáforas e metonímias. Conforme pontuado Peter Finke “A linguagem é uma realidade sustentável[...]” em (COUTO, 2016, p. 214).

Além disso, a esfera imaginativa humana contribui para expandir simbologia do corpo ao longo do tempo, que perpassa as culturas e os povos. O mito dedicado a Buda conta que ele dava sete passos para medir o universo. Já em **Vixenu** o universo era medido com três passos (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2019). São alguns poucos exemplos que revelam a presença dos pés na história simbólica da humanidade. Se estão nesse espaço do simbólico, também podemos dizer que são parte de um ecossistema maior, no qual estão imbricados povos, situados em um determinado lugar e se comunicando por determinada língua.

Ainda é interessante pontuar que são incontáveis as conotações dadas aos pés nos mitos mais variados. O que estamos demonstrando é que o imaginário ajuda a expandir as expressões ao longo da história e dos povos. A partir desse simbolismo incutido no corpo podemos ver expressões e atribuições de novas palavras, como “pé na bunda”, uma forma de exercer poder sobre o outro. O que infere também um certo poder.

O processo de formação das expressões polissêmicas é complexo e dinâmico. É possível identificar na estrutura da frase “no pé do ouvido” que a palavra “pé” aparece aqui com a mesma construção dos elementos linguísticos sem que haja alteração “p + é” = “pé”, daquela fonte inicial que reside no corpo humano. O sentido ainda, de certa forma, preserva algo da fonte primeira, “pé”, membro que se localiza na parte inferior do corpo. Na expressão, falar “no pé do ouvido” é falar somente para o indivíduo, bem próximo ao ouvido, referente à parte mais baixa da orelha. Assim, é inegável a preservação também do aspecto semântico. Isto é, sempre encontramos algo que sobra.

Sabemos que não é possível determinar com detalhes e absoluta precisão a influência do imaginário em cada uma das expressões encontradas, visto que seria trabalho de *Sísifo* de tão enorme, exaustivo e interminável. Então, como a proposta é entender o fenômeno em sua perspectiva geral, acreditamos que demonstrar que o corpo é o meio ambiente natural de onde as expressões partem é fundamental. Em seguida, compreender o processo dinâmico e complexo da reciclagem e adaptação das palavras fontes no meio ambiente social (imaginário) é a segunda parte. Tudo isso culmina na formação de inúmeras palavras e frases metafóricas e metonímicas que, apesar de passarem por alterações, preservam certo sentido e certa estrutura do original.

Essas formações lexicais são possíveis porque as metáforas/metonímias têm como características sua capacidade de proximidade e similaridade com outras coisas no mundo, seja a nível de funções, formas, utilidades etc. Há sempre algo parecido ou que tenha algo de semelhança. Isso permite a recomposição das partes do corpo humano com outras palavras e coisas no mundo, como demonstrado acima. Não é apenas isso, para que as expressões sejam efetivas a nível de significação e construção se faz necessário uma inter-relação ecossistêmica, de um povo, compartilhando sua cultura, em um determinado território (mental, natural e social).

Entendemos mais uma vez que o movimento dinâmico que vai do concreto para o abstrato está presente na formação das expressões referentes aos “pés”. Assim, o meio ambiente natural do corpo humano funciona como primeiro espaço de onde parte expressão que são processadas no meio ambiente. Esse último está sendo descrito na forma do Imaginário/Simbólico, referentes às projeções metafóricas e metonímicas na/da sociedade. Dessa forma, é possível dizer que o fenômeno linguístico em investigação cumpre o seu papel com todas as expressões em investigadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das colocações ao longo dessa pesquisa, pudemos observar alguns caminhos possíveis e plausíveis que explicam o fenômeno linguístico em investigação. A disposição de itens lexicais é limitada quando o assunto é fornecer léxico para a produção de outras palavras no mundo. Inegavelmente também, ela é ecológica, de modo que permite ser readapta e reciclada constantemente. Durante o percurso epistemológico neste, falamos sobre processo de trajeto pelo qual transita os itens lexicais que partem do corpo humano.

Este estudo se orienta na perspectiva da teoria Antropológica do imaginário de Gilbert Durand. O paradigma antropológico do imaginário tem nos auxiliado a pensar a linguagem enquanto abstração, especialmente no campo cultural. A abstração em discussão se relaciona à própria noção que o imaginário oferece acerca das associações e operacionalizações imagéticas do sujeito biopsicossocial. O que chamamos de abstrato é tudo aquilo que vai para além do que concreto, isto é, a polissemia, a cultura, os ritos culturais, os mitos etc. A polissemia decorre da conjuntura cultural de um povo em dada época, em que os elementos produtores de sentido estão intimamente ligados ao modo como entendemos e administramos os aspectos culturais e de significação que guiam a nossa vida.

A teoria da Linguística ecossistêmica nos auxiliou à compreensão da produção das expressões a partir de uma característica de adaptação e reciclagem da língua. Isso demonstra que a língua passa a todo momento por mudanças abruptas. Apesar disso, acaba conversando e mantendo as características das fontes iniciais. Essa manutenção (a parte que sobra) é tanto da ordem da estrutura lexical quanto da estrutura semântica. Tal ideia reforça aquilo que a Ecolinguística vem defendendo ao longo desses anos, o caráter ecológico da linguagem humana.

Assim, como posto no início o estudo tentou apresentar respostas embasados pelos seguintes objetivos: O primeiro, discutir as implicações imaginárias nas relações que estabelecemos com as partes do corpo humano. Como mostrado nas análises a cabeça se configura como parte importante do corpo humano presente em expressões do tipo: “O cabeça” (Alguém que tem o controle, inteligente, ser pensante). A relação entre o imaginário se dá com a ideia da cabeça enquanto parte do racional, o centro de poder, em que reside o cérebro e a mente. Aqui ainda podemos notar a relação ecossistêmica, a mente, a relação com o mundo concreto e as abstrações proporcionadas pelas metáforas/metonímicas. Tudo isso trabalha junto para que a expressão “O cabeça” passe a fazer sentido e possa existir.

Fizemos isso através dos exemplos de mitos, símbolos e rituais que contornam as partes do corpo humano ao longo do tempo. O segundo foi tentar entender de que maneira ocorre a trajetória do corpo/concreto/natural até o metafórico e metonímico/abstrato/social e mental. Por último, demonstrar como a inter-relação corpo-mundo serve para produzir palavras e expressões ligadas ao corpo humano, que, evidentemente é acontecer com ações de inter-relação do corpo e suas partes com o meio ambiente (Trajeto do concreto para o abstrato, adaptações de palavras, reciclagem de terminologias e associações com o Imaginário). Outra vez é possível retomar o exemplo do “pé no saco”. Podemos notar a relação do trajeto antropológico do imaginário, visto que há uma relação entre o subjetivo e as interpelações naturais da sociedade.

“Pé no saco” se refere àquela pessoa que é tida como “chata” e “incômoda”, por exemplo. Podemos pensar que culturalmente um pé no saco é algo que realmente dói muito. Vejamos como é interessante a relação com a hereditariedade cultural com o termo pé, pois foi preciso o estímulo da dor para se originar a expressão “Pé no saco”. Ainda reportamos à noção do “pé” como algo que está embaixo, lembrando a noção de “pé da montanha”, é uma associação imaginária que passa a fazer sentido pela proximidade característica da metáfora/metonímia enquanto elementos estruturantes de prática e pensamento.

O texto também identificou ao longo do seu desenvolvimento características das metáforas e das metonímias. Assim, entendeu que neste estudo todas as construções advindas das partes do corpo humano funcionam tanto como metáforas quanto metonímias, isso porque há ampliação de sentido, bem como o uso das partes do corpo pelo todo. Isso pode ser observado quando assumimos que as partes do corpo humano servem como representação do todo, por exemplo, quando digo: “cabeça”, automaticamente é uma parte que representa o todo, que é o corpo humano.

Assim, é possível dizer que acontece da mesma forma com outros membros como o “braço”; os “pés” e as “mãos”. Isto é, retomando um dos conceitos fundamentais da metonímia é a sua substituição, da parte pelo todo, por exemplo, então é lícito afirmar que estamos diante de metáforas e metonímias neste estudo. Além disso, podemos atribuir duas características básicas às metáforas: a sua similaridade e a sua proximidade no que se refere ao seu uso no mundo. Também é plausível dizer que o corpo é um elemento ecológico (SÁNCHEZ, 2011), logo, correspondendo à noção da Linguística Ecológica.

Isto posto, falamos um pouco sobre o trajeto que vai do meio mais concreto para o meio mais abstrato, isto é, como elas partem do corpo humano para significarem outras coisas

no mundo. Falamos que nesse processo, dois princípios básicos são identificados, é o caso da reciclagem e da adaptação das terminologias nas frases.

O outro termo que apareceu nas análises e nas discussões teóricas foi reciclagem. É normal pensarmos em termo ambientais, como reciclagem de lixo, por exemplo. Aqui refinamos o sentido para aplicar o conceito na língua. Quando dizemos que as palavras são recicladas, estamos dizendo que há algo que sobra, mesmo que tenha havido alterações. Nesta pesquisa, o que ficou está articulado ao sistema linguístico e à significação primeira. São esses dois caminhos que, como apontamos, sempre sobra durante o processo de produção das metáforas e das metonímias.

Para exemplificar mais uma vez essa noção, tomemos a expressão metafórica/metonímica: “Pé no saco”, podemos observar que a construção linguística dessa frase usa na sua estrutura o léxico “pé”, como posto acima a noção ecológica do corpo, é lícito dizer que ele oferece palavras para serem recicladas. Esse processo acontece por meio de composição lexical, é o caso da relação com o “no saco”, “Pé no saco”, só passa a existir porque a parte do corpo humano em questão permite a transposição e composição com outros termos.

Vejamos ainda que não é apenas na sua estrutura linguística, mas também na semântica, visto que “pé no saco” se refere a uma ação que resulta em dor, logo, alguém que causa grande desconforto. Portanto, o processo de reciclagem e a adaptação lexical nas metáforas/metonímias aqui estudadas são materialidade linguística capaz demonstrar e corroborar a ideia da atividade e natureza ecossistêmica do corpo, da língua e das relações estabelecidas com o meio ambiente.

Sobre o trajeto que parte do meio mais concreto para o meio mais abstrato pode ser lido da seguinte forma, o concreto é o corpo, o espaço físico real. Já o abstrato se inclina para o campo mais flutuante dos sentidos. O exemplo da expressão metafórica/metonímica: “O cabeça”, é possível ver que a parte do corpo sobre processo de composição linguística com outras palavras para significar outra coisa, isto é, o sentido da dor causada por um chute no saco é transferido para a noção de pessoa que causa incômodo, sendo assim indesejada. Tal visão encontra validade nos postulados da Linguística Ecossistêmica, uma vez que esse paradigma científico trabalha com a noção de conexão/inter-relação dos seres entre si e o próprio mundo.

O último assunto que também foi discutido neste trabalho se refere à Antropologia do Imaginário. Essa esfera se refere ao campo do simbólico, como muito bem esboçada por Gilbert Durand. O objetivo do estudo foi apresentar com um pouco mais de exatidão as

complexidades as quais contornam o corpo humano e suas partes. Vimos que o corpo humano está sempre carregado de simbolismo, o caso da expressão: “O cabeça” e “Pé no saco”, a simbologia da cabeça enquanto centro de poder e controle e do pé enquanto sustentação do corpo, pé da montanha (Culturalmente tido como algo de fácil acesso, ao contrário do pico da montanha). Logo, algumas expressões, direta ou indiretamente acabam por incorporar essas simbologias ao longo da história. Em muitos casos, nem nos damos mais conta disso. Compreender tudo isso ajuda a entender um pouco melhor as formações linguísticas às quais estamos constantemente produzindo.

A partir do que foi exposto, podemos dizer que o fenômeno linguístico investigado se revelou um desafio, visto que é possível buscar nas mais diferentes ciências explicações para se compreender a formação das expressões metafóricas/metonímicas que partem do corpo humano. Assim, cumprimos nosso papel ao apresentar uma relação ecossistêmica para o fenômeno linguístico em discussão, reafirmando que há uma relação do subjetivo (mental, simbólico etc), do físico com o meio ambiente, o corpo e as estruturas linguísticas (natural) e das interações entre os seres (social, simbólico etc). Alguns passos foram dados a fim de se compreender o objeto da investigação neste estudo. Não podemos ver tudo isso como absoluto, fechado em si e inacabado. São, como todas as pesquisas, parte de um compêndio fenomenológico muito maior.

Por fim, podemos dizer que o esperado desta pesquisa foi o de oferecer um caminho cientificamente válido e amplificado acerca do fenômeno linguístico em análise: de que maneira as partes do corpo servem para produzir palavras na forma de expressões metafóricas e metonímicas no Português brasileiro. Assim, entendemos que o trabalho avança, pois contribui para que haja uma maior compreensão sobre o fenômeno linguístico, suas relações, sua dimensão e desafios. Além disso, visa ainda auxiliar na expansão de estudos no campo científico em que transita, Linguística Ecossistêmica e Antropologia do Imaginário. Ratificando a noção de inter-relação da língua como proposta pela Linguística Ecossistêmica. No mais, queremos deixar em aberto caminho para refinamentos, contestações e revisões do objeto analisado aqui.

BIBLIOGRAFIAS

- ABRÃO, J. A. M. *A metáfora no processo de interação On-line: uma abordagem semiótica e cognitiva*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, 2018. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27152/tde-14032019-165020/publico/JorgeAntoniodeMoraesAbrao.pdf> Acesso em: 06 jan. 2021.
- ALBUQUERQUE, Davi Borges. Palavras iniciais sobre metodologia em ecolinguística. *Via litterae* v. 7, n. 1, 2015, p. 131-142.
- ARISTÓTELES (Trad. 1999). *Poética: os pensadores*. São Paulo, SP: Abril.
- AURÉLIO, B, DE, H, F. *Novo Dicionário Eletrônico Aurélio da língua portuguesa*. Versão. 5.0 portuguesa. 3. ed. 2004. (Aplicativo)
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003
- BÍBLIA ONLINE. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/busca?q=cabe%C3%A7a> Acesso em: 22. Jan. 2020.
- BIDERMAN, M, T, C. (1998). *Dicionário didático do português*. São Paulo, SP: Ática.
- BIDERMAN, M, T, C. *Dicionário padrão da língua*. In: Alfa, São Paulo, 28 set 1984, p. 27-43. Disponível em: < <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/viewFile/3677/3443> > Acesso em: 06 mar 2020.
- BIRDERMAN, M, T, C. *Análise de dois dicionários gerais do Português brasileiro contemporâneo: Aurélio e o Houaiss*. In: Filologia linguística e portuguesa. n. 5, p. 85-116, 2002. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/flp/article/view/59701/62799> Acesso em: 03 jan. 2021.
- BRANGEL, L, M; MIRANDA, F, V, B. *Sobre a função de dicionários escolares voltados para o segundo ciclo de ensino fundamental*. Revista Linguística, UFRj, v. 10 n. 1, 2014. ISBN: 1808-835X 1. Disponível em: <file:///C:/Users/Usaurio/Downloads/4597-9936-1-PB.pdf> Acesso em: 01 abr. 2021.
- CASAROLLI, L. *A construção do discurso autorreferencial do jornal O Popular: o alicerce mítico na ecologia da interação comunicativa*, 2020. 336 f. Tese de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/10452> Acesso em: 08. abr. 2020.
- CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. *Dicionário de símbolos: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 32. ed. 2019. ISBN: 9788503002578
- CHOMSKY, N. *Novos horizontes no estudo da linguagem e da mente*. Trad. Marco Antônio Sant'Anna. São Paulo: Editora: UNESP, 2005.
- COUTO, Elza K. N.N et.al. *Antropologia do imaginário, ecolinguística e metáfora*. Brasília: Thesaurus, 2014.

COUTO, H, H. *A metodologia na linguística Ecosystemica*. In: Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem, v. 04, n. 02, p. 18-33, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/12355/10835> Acesso em: 04 mar 2020.

COUTO, H, H. *Ecolinguística: Estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus, 2007.

COUTO, H, H. *Linguística Ecosystemica*. In: COUTO, H. COUTO, E.; ARAÚJO, G.; ALBUQUERQUE, D. *O paradigma ecológico para as ciências da linguagem: ensaios ecolinguísticos clássicos e contemporâneos*. Vol.2 ed. Goiânia: UFG, 2016, p.528.

COUTO, H, H. *Mapa mental*. In. Revista Brasileira de Ecologia da Linguagem. V. 03, n. 01, p. 205-226, 2017. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/10482/9235>. Acesso em: 03 mar. 2020.

COUTO, H. COUTO, E.; ARAÚJO, G.; ALBUQUERQUE, D. *O paradigma ecológico para as ciências da linguagem: ensaios ecolinguísticos clássicos e contemporâneos*. Vol.2 ed. Goiânia: UFG, 2016, p.528.

COUTO, H. H. COUTO, E. N, N.; BORGES, L. *Análise do Discurso Ecológica (ADE)*. Campinas: Pontes, 2015.

DURAND, G. *As estruturas antropológicas do imaginário*. 4. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

ESTEBAN, M. P. S. *Pesquisa Qualitativa em Educação: fundamentos e tradições*. Porto Alegre: AMGH, 2017. In: Dimensões da informática e da sociedade. V. 8, n.2, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ifrs.edu.br/index.php/tear/article/view/3520> Acesso em: 08 ago. 2019.

FINK, P. *A ecologia da ciência e suas consequências para a ecologia da Linguagem*. In: *O paradigma ecológico para as ciências da linguagem: ensaios ecolinguísticos clássicos e contemporâneos*. Vol.2 ed. Goiânia: UFG, 2016, p.528.

FODOR, J. *The language of Thought*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1975.

HALL, S. *A identidade cultural da pós-modernidade*. 10. ed. São Paulo: Editora DP&A, 2003.

HOMERO. *Ilíada*. Tradução: Manuel Odorico Mendes. 21. ed. 2009. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/iliadap.html> . Acesso em: 22 jan. 2020.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário HOUAISS de Língua portuguesa*. In: <https://houaiss.uol.com.br/pub/apps/www/v3-3/html/index.php#35> Acesso em: 01 fev. 2019.

JAKOBSON, R. *Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia*. In: Linguística e Comunicação. São Paulo: Cultrix, 2003, p. 118.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Campinas, SP: Mercado das letras, 2002, p. 360.

LANKSHEAR, C; KNOBEL, M. *A pesquisa como investigação sistemática*. In: _____. Pesquisa pedagógica: do projeto à implementação. Porto Alegre: Artmed, 2008. p. 31-43.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. *Métodos de coleta de dados: observação entrevista e análise documental*. In: _____. Pesquisa em educação: Abordagens Qualitativas. São Paulo: EPU, 1986. p. 38-44.

MARTELOTTA, M, E.; AREAS, E, K. *A visão funcionalista da linguagem no século XX*. In: CUNHA, M, A, F.; OLIVEIRA, M, R.; MARTELOTTA, M, E (Org.). Linguística funcional: teoria e prática. Rio de Janeiro. ed. DP&A, 2003. p. 144. ISBN: 8574902403.

MORIN, E. O método IV. *As ideias: a sua natureza, vida, habitat e organização*. Publicações Europa-América. Biblioteca Universitária, 1991. Trad. Emílio Campos Lima.

NETO, G, F, S. *Para compreender o meio ambiente mental: anotações de um ecolinguista sobre o cérebro*. In: Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem. V. 05, n. 01, p. 113-126, p. 2019. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/22810/20554> . Acesso em: 03 mar. 2020.

NOWOGRODZKI, A. *Confluências Entre a Sociolinguística Qualitativa e a Ecolinguística: Práticas Religiosas Virtualizadas*. Ecolinguística: Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem, v. 05, n. 02, p. 54 - 74, 2019. Disponível em: periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/27662/23799 . Acesso em: 25 mar. 2020.

O'CONNELL, M; AIREY, R. *O grande livro dos signos e símbolos*. Trad. Débora Ginza. São Paulo: Editora Escala, 2010.

OLIVEIRA, M, R. de. *Do corpo para a mente: o caminho do concreto ao abstrato na linguagem*. In: Revista Roseta, v. 03, n. 01, 2020.

OLIVEIRA e PAIVA, V, L, M. *A metonímia como processo fractal multimodal*. In: Veredas on line – atemática. 1/2010, p. 07-19. Juiz de fora. ISSN 1982-2243. Disponível: <https://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2010/08/ARTIGO-1.pdf> Acesso em: 07 dez. 2020.

ORLANDI, E, P. *Análise do Discurso: princípios e procedimentos*. Pontes, 2005, ed. 5 100p.

PINHEIRO, G, L, DE A. *Metáfora, metonímia e construção de sentido na publicidade: contribuições das ciências cognitivas para a análise da mensagem visual persuasiva*. Rio Grande do Sul: Intercom, 2010. Disponível em: <file:///C:/Users/Usaurio/Documents/DISCIPLINA%20ELIANE/PARA%20ARTIGO.pdf> Acesso em: 13 jun 2019.

REIS, N, de. P. *Um olhar ecolinguístico para os saberes e as práticas dos “raizeiros” da cidade de Nova Glória*, 2019. Dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Goiás. Disponível em:

file:///C:/Users/Usaurio/Documents/mestrado/mestrado/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20Nat%C3%A1lia%20de%20Paula%20Reis%20-%202019.pdf Acesso em: set. 2019.

RICOUER, P. *A metáfora Viva*. São Paulo: edições Loyola, 2000.

SÁNCHEZ, C. *Ecologia do corpo*. Rio de Janeiro: Wak, 2011. p. 92.

SANTOS, I. A. *Um estudo sobre a metonímia como um processo cognitivo*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Linguística do Centro de Ciências Humanas e Naturais, da Universidade Federal do Espírito Santo, 2011. Disponível em:

https://repositorio.ufes.br/bitstream/10/3740/1/tese_5064_Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Ione%20Aires%20-%20Completa.pdf Acesso em: 25 de fev. 2020.

SAPIR, E. *Língua e ambiente*. In: COUTO, H. COUTO, E.; ARAÚJO, G.;

ALBUQUERQUE, D. *O paradigma ecológico para as ciências da linguagem: ensaios ecolinguísticos clássicos e contemporâneos*. Vol.2 ed. Goiânia: UFG, 2016, p.528.

SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 26. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SEARLE, J. *A redescoberta da mente*. Trad. Eduardo Pereira Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

SILVA, S, S, DE. *A relação epistemológica entre a Antropologia do Imaginário e a Ecolinguística*. In: COUTO, E, K, N, DO; DUNCK-CINTRA, E, M; BORGES, L, A, O. (Orgs). *Antropologia do imaginário: ecolinguística e metáfora*. Brasília, DF: Thesaurus, 2014, p. 260. ISBN: 9788570620000

SILVA, S, S; COUTO, E, K, N, N, DO. *Por uma metodologia própria para a ecolinguística e a ADE*. In: *Revista de Linguística e Teoria Literária - Via litterae* v. 7, n. 1, p. 143-155, 2015. ISSN: 21766800 Disponível em: < file:///C:/Users/Usaurio/Downloads/4457-Texto%20do%20artigo-14723-1-10-20160112.pdf > Acesso em: 04 abr. 2020.

SPERANDIO, N, E. *Entre os domínios da metáfora e da metonímia na produção e sentido de charges animadas*, 2014. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/MGSS-9W7LUQ/1/tese.pdf> Acesso em: 26 jul. 2020.

STRÔNGOLI, M, T, de, Q, G. *Revisitando a metáfora sob a luz dos regimes do imaginário*. In: *Antropologia do Imaginário, ecolinguística e metáforas*. COUTO, E, K, N, N, do. CINTRA-DUNCK, E, M. BORGES, L, A, de, O. (Orgs.). Brasília, DF: Thesaurus, 2014, 260p. ISBN: 9788570620000.

STRÔNGOLI, M, T, de, Q, G. *O imaginário da menina e a construção da feminilidade*. *Revista: Letras hoje*, Porto alegre, v. 44, n. 4, p. 26-40, 2009. Disponível em:

file:///C:/Users/Usaurio/Downloads/6543-Texto%20do%20artigo-22037-1-10-20100302.pdf
Acesso em: 25 jan. 2021.

VOLOSHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: Editora 34, 2017. ISBN 978-85-7326-661-0

REFERÊNCIA DOS APÊNDICES

AURÉLIO, B, DE, H, F. *Novo Dicionário Eletrônico Aurélio da língua portuguesa*. Versão. 5.0 portuguesa. 3. ed. 2004. (Aplicativo)

HOUAISS, Antônio. *Dicionário HOUAISS de Língua portuguesa*. In:
<https://houaiss.uol.com.br/pub/apps/www/v3-3/html/index.php#35> Acesso em: 01 fev. 2019.

APÊNDICE A – LOCUÇÕES (ITENS LEXICAIS E EXPRESSÕES FIXAS) QUE SE RELACIONAM À PARTES DO CORPO HUMANO RETIRADAS DO DICIONÁRIO HOUAISS

I. BARRIGA:

- | | |
|---|---|
| 1) Barriga da perna (panturrilha) | 5) Empurrar com a barriga (protelar) |
| 2) Carregar uma barriga (estar grávida) | 6) Alardear de barriga cheia (reclamar quando se tem muito) |
| 3) Chorar/falar de barriga cheia (lamentar-se sem motivo) | 7) Tirar a barriga da miséria (aproveitar em demasia de não que não se tinha) |
| 4) Chorar na barriga da mãe (realizar-se) | |

II. BUNDA:

- | | |
|---|---|
| 1) Bunda de tanajura (protuberante) | 4) Bunda de tico-tico (bunda alta e arrebitada) |
| 2) Nascer com a bunda virada para a lua (com muita sorte) | 5) Sentar a bunda (ficar quieto, relaxar) |
| 3) Bundão (sem consciência, grosseiro) | |

III. RABO

- 1) Rabo de saia (moça jovem do sexo feminino)
- 2) Olhar com o rabo do olho (olhar desconfiado)
- 3) Ter o rabo preso (ter algo a esconder)
- 4) Rabo de cavalo (penteado de cabelo)
- 5) Rabo de foguete (problema difícil de resolver)
- 7) Meter o rabo entre as pernas (se acovardar, sair amedrontado)
- 8) Rabo de palha (má reputação)
- 9) Rabo de arraia (golpe em que o capoeirista gira o corpo sobre a cabeça)
- 10) Rabo de gato (laranja de má qualidade, cavalo de raça inferior, café ruim, fraco ou requentado)
- 11) Rabo de maré (espécie de pororoca que corre que ocorre da Costa do Pará até Caiena)
- 12) Rabo de peixe (carros de diferentes marcas com para-lamas traseiros altos)
- 13) Olhar com o rabo do olho (olhar de esguelha)
- 14) Rabo de cavalo (raiz carnuda)
- 15) Rabo de cutia (arbusto alto)
- 16) Rabo de escrivão (alma de gato)

IV. BOCA:

- 1) Boca de cano (negócio vantajoso)
- 2) Boca de fogo (namorador, paquerador)
- 3) Boca de fumo (ponto de venda de drogas ilícitas)
- 4) Boca de siri (indivíduo muito discreto)
- 5) Arrebentar a boca do balão (brilhar, ser um sucesso)
- 6) Bater boca (discussão acalorada)
- 7) Botar a boca no trombone (denunciar publicamente)
- 8) Cair na boca do mundo (ser difamado)
- 9) Com a boca na botija (em flagrante)
- 10) Da boca para fora (fingidamente)
- 11) Pôr a boca no mundo (gritar para o mundo)
- 12) Ter a boca suja (falar palavrões)
- 13) Boca a boca (realizado oralmente; de uma pessoa para outra)
- 14) Boca de cena (parte anterior do palco; junto à plateia)

- 15) Boca de forno (brincadeira infantil)
- 16) Boca de lagarto (sinal que se marca o gado)
- 17) Boca de lobo (bueiro; grade de ferro de bueiro; barbate; entrelaçamento; corte de peças)
- 18) Boca de moela (boca desdentada)
- 19) Boca de sapo (pessoa com a boca muito larga)
- 20) Boca de sertão (última cidade de fronteira despovoada)
- 21) Boca de sino (abertura cônica)
- 22) Boca de urna (área próxima do local de votação)
- 23) Boca do estômago (região acima do estômago)
- 24) Boca do lixo (áreas com concentração de marginais)
- 25) Boca fechada (emissão vocal com os lábios cerrados)
- 26) À boca miúda (à boca pequena)
- 27) À boca pequena (confidencialmente)
- 28) Abrir a boca (falar; exprimir; pronunciar palavras).
- 29) Boa boca (indivíduo que come de tudo)
- 30) Calar a boca (suborno; compensação que se dá para alguém calar a boca)
- 31) Da boca para fora (fingidamente)
- 32) De boca (oralmente; sem comprovação por escrito)
- 33) De boca aberta (muito admirado; pasmo)
- 34) De boca em boca (transmissão oral)

V. BRAÇO:

- 1) Braço de ferro (autoridade rigorosa)
- 2) Braço direito (auxiliar mais importante)
- 3) Cruzar os braços (fazer greve)
- 4) Dar o braço a torcer (dar-se por vencido)
- 5) De braços abertos (com alegria, disposição)
- 6) Queda de braço (Jogo de força braçal)
- 7) Braço de alavanca (barra rígida)
- 8) Braço de espiral (em uma galáxia, cada uma das ramificações em arco)
- 9) Braço forte (indivíduo valente e decidido)

10) A braços (com o uso da força física, apenas)

11) A braços com (em confronto)

12) Assentar o braço em (descer o braço em)

13) Cortar os braços (fazer cair os braços)

14) Dar o braço a (oferecer o braço para alguém se apoiar)

VI. CABEÇA:

1) Cabeça de bagre (pessoa estúpida)

2) Cabeça de nós todos (cabeça humana muito grande)

3) Cabeça de vento (sem responsabilidade, prudência)

4) Cabeça fria (serenidade, equilíbrio)

5) Abrir a cabeça (se abrir a ideias novas)

6) Cabeça com cabeça (na mesma linha; emparelhado)

7) Cabeça de área (posição recuada no meio do campo)

8) Cabeça de arroz (indivíduo frívolo; vazio)

9) Cabeça de camarão (cabeça dura)

10) Cabeça de carneiro (calcário de aspecto peculiar)

11) Cabeça de casal (cônjuge sobrevivente)

15) De braços (em conjunto; em parceria)

16) De braços atados (impedido de agir)

17) Fazer cair os braços (tirar a ação ou autoridade de)

18) Nos braços de (entregue)

12) Cabeça de cavalo (cano de madeira que transporta água)

13) Cabeça de chave (o jogador ou a equipe com chance de qualificação)

14) Cabeça de coco (indivíduo desatento)

15) Cabeça de cuia (ser imaginário com a cabeça em forma de cuia)

16) Cabeça de galo (pirão bem temperado)

17) Cabeça de gravação (cabeça magnética para gravar sinais em fita)

18) Cabeça de jacaré (jacaré)

19) Cabeça de lobo (osso da parte dianteira)

20) Cabeça de medusa (dilatação das veias do abdômen; alguém que impressiona)

21) Cabeça de negro (bombinha que produz forte estampido)

- 22) Cabeça de nós todos (cabeça muito grande;
- 23) Cabeça de página (cabeçalho)
- 24) Cabeça de ponte (posição provisória)
- 25) Cabeça de porco (cortiço)
- 26) Cabeça de praia (área conquistada em litoral inimigo)
- 27) Cabeça de prego (tipo gasto pelo uso)
- 28) Cabeça de proa (carranca)
- 29) Cabeça do prazo (cabecel)
- 30) Cabeça fria (tranquilidade espiritual)
- 31) Cabeça magnética (Cabeçote)
- 32) Abrir a cabeça (tornar-se suscetível a ideias novas)
- 33) Assentar com a cabeça (tornar-se sensato)
- 34) Bater a cabeça (dar cabeçada; agir impensadamente; cumprimentar respeitosamente o pija)
- 35) Botar na cabeça (tomar uma decisão)
- 36) Com a cabeça no ar (de maneira distraída)
- 37) Cortar a cabeça de (tirar o poder de comando, de decisão)
- 38) Dar de comer à cabeça (no candomblé, seitas, afins)
- 39) Dar na cabeça (vir à mente; ser o primeiro em uma série de sorteados; ser vencedor)
- 40) De cabeça (sem recorrer a cálculos e escritas)
- 39 De cabeça alta (de cabeça erguida)
- 40 De cabeça baixa (cheio de vergonha)
- 41 De cabeça erguida (de modo altivo)
- 42 De cabeça inchada (melancólico; triste)
- 43 Duro de cabeça (teimoso; obstinado)
- 44 Entrar de cabeça em (dar-se inteiramente a; pôr-se ao serviço de)
- 45 Esquentar a cabeça (ficar preocupado)
- 46 Estar sem cabeça (estar sem condições de pensar)
- 47 Fazer a cabeça (submeter-se aos processos de iniciação; convencer-se de algo; embriagar-se)
- 48 Fazer a cabeça de (convencer; levar alguém a mudar o ponto de vista)
- 49 Fazer cabeça (fazer a cabeça)
- 50 Levantar a cabeça (recuperar-se moralmente)
- 51 Levar na cabeça (sair-se mal em um empreendimento)
- 52 Meter na cabeça (convencer-se teimosamente)

53 Meter na cabeça de (sugerir ideia a alguém)

54 Perder a cabeça (perder a calma)

55 Quebrar a cabeça (pensar muito)

56 Querer a cabeça de (querer a morte de alguém)

57 Saber onde tem a cabeça (ter juízo; maturidade)

58 Subir à cabeça (fazer sentir-se excessivamente valioso)

59 Ter a cabeça no lugar (saber onde tem a cabeça)

60 Ter a cabeça para (ser apto ou hábil para)

61 Tomar na cabeça (levar na cabeça)

62 Usar a cabeça (proceder com habilidade e inteligência)

63 Virar a cabeça (modificar para pior a forma de comportamento)

64 Virar a cabeça de (influenciar alguém)

VII. CABELO:

1) Cabelo de bosta de rolinha (cabelo crespo)

2) Cabelo de espeta-caju (cabelo duro)

3) Cabelo de espiga de milho (cabelo muito louro)

4) Cabelo lambido (cabelo muito liso)

5) De arrepiar o cabelo (aterrorizante)

6) De cabelo em pé (desconfiado)

7) Sem faltar um só cabelo (sem faltar nada)

8) Ter cabelo na palma da mão (masturbar-se)

9) Ter cabelo na venta (corajoso)

Cabelo agastado (carapinha, pixaim)

10) Cabelo bom (cabelo liso, fácil de pentear)

11) Cabelo de anjo (aletria)

12) Cabelo de cupim (carapinha, pixaim)

13) Cabelo de fuá (cabelo pixaim)

14) Cabelo ruim (cabelo muito crespo)

15) Assentar o cabelo (morrer, falecer)

16) Assentar o cabelo de (matar)

17) De cabelo nas ventas (muito ativo, enérgico, vigoroso; mal-humorado, brigão)

18) Não fazer bom cabelo (desagradar)

VIII. CALCANHAR:

- 1) Calcanhar de Aquiles (ponto fraco)
- 2) Calcanhar de judas (lugar muito distante)
- 3) Não chegar ao calcanhar de (ser muito inferior a)

- 4) Dar aos ou nos calcanhares (fugir, correr em demandada)
- 5) Não chegar aos calcanhares de (ser incomparavelmente inferior)
- 6) Nos calcanhares de (atrás e muito próximo de alguém)

IX. CANELA:

- 1) Esticar as canelas (morrer)
- 2) Pôr sebo nas canelas (correr velozmente)
- 3) Dar às canelas (escapar)

- 4) Canela amarela (árvore de até vinte metros)
- 5) Canela amargosa (arbusto)
- 6) Canela branca do brejo (árvore de até dez metros)

XXVII. CARALHO:

- 1) Do caralho (excepcionalmente bom)
- 2) Pra caralho (em grande quantidade)
- 1) Pau a pau (de maneira equilibrada)
- 2) Pau de amarrar égua (que se presta a qualquer coisa)

- 3) Pau de virar tripa (pessoa muito magra e alta)
- 4) Chutar o pau da barraca (desistir de tudo)
- 5) Quebrar o pau (brigar)

X. CINTURA:

- 1) Cintura de pilão (cintura muito fina)
- 2) Cintura escapular (o que reuni os braços ao tórax)

- 3) Cintura pélvica (o que liga os membros inferiores à coluna vertebral)
- 4) Cinturão de vênus (de corpo alongado e achatado)

XI. COSTAS:

- | | |
|---|--|
| 1) Carregar nas costas (fazer tudo sozinho) | 5) Dar às costas (ir ter à costa; naufragar junto à costa) |
| 2) Apunhalado pelas costas (de modo traiçoeiro) | 6) Ter às costas (ser responsável por) |
| 3) Ter as costas largas (muito sortudo) | 7) Ver pelas costas (evitar encontro, aproximações com alguém) |
| 4) Ter as costas quentes (proteção e alguém) | |

XII. COTOVELO:

- | | |
|--|---|
| 1) Falar pelos cotovelos (falar excessivamente) | 3) Cotovelo de tenista (epicondilite) |
| 2) Cotovelo de captura (desvio de curso de um rio) | 4) Falar pelos cotovelos (falar excessivamente) |

XIII. COXAS:

- 1) Nas coxas (às pressas)
- 2) Em cima das coxas (nas coxas)

XIV. CU:

- | | |
|---|---|
| 1) Cu de judas (lugar muito distante) | 6) Encher o cu (comer demais) |
| 2) Cu de mãe Joana (onde impera a desordem) | 7) Ficar com o cu na mão (ficar apavorado) |
| 3) Até o cu fazer bico (com exagero) | 8) Não ter no cu o que o periquito roa (sem dinheiro, quebrado) |
| 4) Cair de cu (espantar-se) | |
| 5) Dar o cu (rebolar para executar algo) | |

9) Nascer de cu para a lua (ter muita sorte)

10) No cu do judas (longe demais)

11) O que tem o cu com as calças (nada a ver uma coisa com outra)

12) Tirar o cu da reta (não tomar responsabilidade)

13) Cu de galinha (remendo produzido sobre rasgão)

14) Cu de jegue (cachaça com sal e limão)

15) Tirar o cu da seringa (desembaraçar-se de algo desagradável)

XV. DEDO:

1) A dedo (cuidadosamente)

2) Botar o dedo na ferida (tocar no ponto fraco)

3) Chupando dedo (não atingir o objetivo)

4) De lamber os dedos (muito gostoso)

5) Dois dedos de (um pouquinho)

6) Pelo dedo se conhece o gigante (um detalhe revela o autor)

7) Dedos de fada (habilidoso com trabalhos manuais)

8) Dedo do acomodador (parte principal do acomodador linotipo)

9) Dedo hipocrático (apresenta falanges terminais dilatadas)

10) Dois dedos de (um pouquinho)

11) Meter os dedos (ser indiscreto)

XVI. DENTE:

1) Dente de coelho (embaraço)

2) Armado até os dentes (com muitas armas)

3) Bater os dentes (tremor de frio)

4) Dente de ovo (substância encontrada na ponta do bico do pinto quando sai da casca)

5) Dente de velha (gangão)

6) Dente por dente (de ação vingativa; punitiva)

7) Falar entre os dentes (falar baixo e com mau-humor)

8) Mostrar os dentes a (demonstrar agressividade)

XVII. JOELHO:

- 1) Ajuntar joelhos (sem trabalhar)
- 2) Cair de joelhos (pedir perdão)
- 3) Dobrar o joelho (humilhar-se)

XVIII. LÁBIOS:

- 1) Grandes lábios (dobras cutâneas da vagina)
- 2) Ter nos lábios (a ponto de dizer algo)

XIX. LÍNGUA:

- | | |
|--|--|
| <ol style="list-style-type: none"> 1) Língua de trapos (fofoqueiro, fala dos outros) 2) Dobrar a língua (reconsiderar) 3) Na ponta da língua (bem decorado, de imediato) 4) Linguarudo (falador, maldizente) 5) Língua azul (Língua artificial criada por Léon Bollack em 1899) 6) Língua afiada (língua cumprida) 7) Língua brasileira de sinais (língua usada pelos surdos) 8) Língua casual (língua com afixos nominais) 9) Língua comprida (língua de quem fala mal dos outros; língua de quem fala demais) | <ol style="list-style-type: none"> 10) Língua comum (língua como veículo de comunicação; conjunto de formas linguísticas adotadas por povos) 11) Língua da geladeira (rio gelado proveniente das águas de geleiras) 12) Língua de badalo (língua de quem fala muito) 13) Língua de chegada (língua-alvo) 14) Língua de fogo (labaredas) 15) Língua de gato (buril-escopro; guloseima de chocolate) 16) Língua de palmo (língua comprida) 17) Língua palmo e meio (língua comprida) 18) Língua de sogra (apito que se acopla a um tubo de papel) |
|--|--|

19) Língua de sola (língua de sogra)

20) Língua presa (anciloglossia)

21) Com a língua de palmo (com má vontade)

22) Der a língua (mostrar a língua para provocar alguém)

23) Dar à língua ou de língua (conversar despretensiosamente)

24) De língua passada (já previamente informado sobre alguma coisa)

25) Desenferrujar a língua (falar longamente, depois de ter passado muito tempo calado)

26) Engolir a língua (manter-se obstinadamente silencioso)

27) Estar com a língua coçando (ter vontade de contar algo que não pode ser contado)

28) Morder a língua (conter-se diante de alguma coisa que se iria pronunciar)

29) Solto de língua (linguarudo)

30) Trocar a língua (conversar)

XX. MÃO:

1) Mão debaixo do braço (sem ocupação)

2) Mão de fada (hábil com trabalhos artesanais)

3) Mão de ferro (tirano, opressor)

4) Mão de pilão (pouca habilidade com trabalhos manuais)

5) Mão de vaca (seguro com dinheiro)

6) Mão na roda (ajuda em boa hora)

7) Abrir mão (deixar de lado)

8) Com a mão na consciência (atitude justa)

9) Com a mão na massa (em pleno ato)

10) Dar a mão à palmatória (estar enganado)

11) De mão beijada (sem retribuição)

12) De mãos abanando (sem coisa alguma)

13) Levantar as mãos ao céu (dar-se por satisfeito)

14) Passar a mão na cabeça (desculpar)

XXI. NARIZ:

- | | |
|---|--|
| 1) Meter o nariz em (se intrometer) | pretendia entrar; não encontrar alguém em casa) |
| 2) Saber onde tem o nariz (saber o que está fazendo) | 8) Ficar de nariz comprido (não obter o que pretendia) |
| 3) Torcer o nariz (desagrado) | 9) Ficar de nariz torcido (torcer o nariz) |
| 4) Nariz de burro (garrucha de dois canos) | 10) Meter o nariz em (intrometer-se) |
| 5) Nariz de cera (introdução desnecessária de uma notícia) | 11) Saber onde tem o nariz (ser capaz, competente) |
| 6) Nariz de folha (indivíduo que vai a uma festa sem ser convidado) | 12) Torcer o nariz (mostrar desaprovação, desagrado) |
| 7) Bater ou dar com o nariz na porta (encontra algum lugar fechado que se | |

XXII. OLHO:

- | | |
|--|---|
| 1) Olho clínico (perceber de pronto) | 6) Andar de olho em (observar alguém) |
| 2) Olho de peixe morto (triste, turvo) | 7) Comer com os olhos (desejar muito) |
| 3) Olho de furacão (situação difícil) | 8) Encher o olho (agradável à vista) |
| 4) Olho gordo (inveja) | 9) Ter o olho maior do que a barriga (guloso) |
| 5) Olho vivo (cautela) | |

XXIII. OMBRO:

- | | |
|---|--|
| 1) Ombro a ombro (em condições iguais) | 4) Dar de ombro ou encolher os ombros (demonstrar indiferença) |
| 2) Carregar aos ombros (em condições especiais) | 5) Tratar ou olhar por cima do ombro (tratar com pouca consideração) |
| 3) Chorar no ombro de (contar as mágoas) | |

XXIV. ORELHA:

- 1) Orelha de abano (orelha grande)
- 2) De orelha em pé (sobreaviso)
- 3) Orelha de onça (pé de café muito novo)
- 4) Até as orelhas (totalmente, completamente)
- 5) De orelhas (sem preparação; sem conhecimento teórico)
- 6) De orelha baixa ou murcha (humilhado, abatido)

XXV. PAU:

- 1) Pau a pique (parede feita com uma trama de ripas)
- 2) Pau a pau (em pé de igualdade)
- 3) Pau à toa (árvore cujo nome se ignora)
- 4) Pau com formigas (situação constrangedora, coisa complicada)
- 5) Para da venta (pau do nariz)
- 6) Pau de amarrar égua (pessoa que não inspira respeito)
- 7) Pau de arara (suporte de madeira para transporte de aves; instrumento para tortura; caminhão que transporta retirantes; qualquer nordestino)
- 8) Pau de arrasto (estaca enterrada para prende cavalos)
- 9) Pau de cabeleira (cabide; alcoviteiro; acompanhante de namorados)
- 10) Pau de carga (verga de madeira ou de aço)
- 11) Pau de digestão (nome dado a certas raízes silvestres)
- 12) Pau de fita (tipo de dança em que se usa fitas)
- 13) Pau de fogo (arma de fogo)
- 14) Pau de fumaça (pau de fogo)
- 15) Pau de fumo (pau de fogo)
- 16) Pau de jabutis (conjunto de jabutis preso em uma vara)
- 17) Pau de sebo (mastro de cocanha)
- 18) Pau de semente (chocalho)
- 19) Pau de surriola (verga horizontal para servir de amarração a embarcações)
- 20) Pau de urubu (aguardente de cana)
- 21) Pau de virar tripa (vara fina e comprida; pessoa muito magra, alta)
- 22) Pau do nariz (septo nasal)
- 23) Pau no burro (cachaça)

- 24) Pau para toda obra (pessoa ou coisa que serve para tudo)
- 25) Abrir nos paus (fugir, retirar-se correndo)
- 26) A dar com o pau (em abundância, com fartura)
- 27) A meio pau (içado até o meio do mastro; triste; ligeiramente embriagado; pouco vigor sexual)
- 28) Cantar o pau (brigar)
- 29) Comer o pau (cantar o pau)
- 30) Chutar o pau da barraca (deixar de medir as consequências de qualquer ato)
- 31) Dar nos paus (fugir apressadamente)
- 32) Dar pau (sofrer uma pane abrupta)
- 33) Dar por paus e por pedras (cometer loucuras)
- 34) Entrar no pau (apanhar)
- 35) Falar ao pau de (despertar o desejo sexual; instigar)
- 36) Ficar pau da vida (ficar furioso)
- 37) Jogar com um pau de dois bicos (defender simultaneamente duas ideias)
- 38) Levantar a pau (suspender do solo)
- 39) Levar a pau (ser reprovado num teste)
- 40) Matar a pau (responder com grande propriedade e eficiência)
- 41) Meter o pau em (levar a cabo com energia; gastar de maneira descontrolada; falar mal (de); espancar)
- 42) Mostrar com quantos pau se faz uma cangalha (mostrar com quantos paus se faz uma canoa)
- 43) Mostrar com quantos paus se faz uma canoa (dar um castigo)
- 44) Nem a pau (de forma alguma)
- 45) Pegar no pau furado (ser convocado para o serviço militar)
- 46) Quebrar o pau ou um pau (haver briga)
- 47) Que pau é este (certa brincadeira infantil)
- 48) Tocar o pau em (meter o pau em)

XXV. PÉ:

- 1) Pé de anjo (pé muito grande)
- 2) Pé de boi (indivíduo teimoso)
- 3) Pé de cana (beberrão)
- 4) Pé de chinelo (pobre)
- 5) Pé de valsa (dançarino)
- 6) Pé na bunda (rejeição)

- | | |
|------------------------------------|--|
| 7) Pé na cova (pessoa envelhecida) | 12) Ir num pé e voltar no outro (muito rápido) |
| 8) Pé no saco (pessoa maçante) | 13) Meter o pé no mundo (viajar sem rumo) |
| 9) Ao pé do ouvido (discretamente) | 14) Tirar o pé da lama (subir na vida) |
| 10) Com o pé direito (com sorte) | |
| 11) Dar pé (ter altura) | |

XXVI. PEITO:

- | | |
|---------------------------------|--------------------------------|
| 1) Peito aberto (sincero, leal) | 4) A peito (com amor) |
| 2) Peito a peito (de frente) | 5) Levar o peito (confessar) |
| 3) Abrir o peito (desabafar) | 6) Meter os peitos (dedicação) |

XXVIII.PERNA:

- | | |
|---|---|
| 1) Perna de pau (esportista que joga mal) | 4) Bater pernas (caminhar à toa) |
| 2) Pernas para que te quero (escapar com rapidez) | 5) Passar a perna em (trair a confiança) |
| 3) Abrir as pernas (entregar-se) | 6) Trocar as pernas (dificuldade em andar por ter bebido muito) |

XXIX.PESCOÇO:

- 1) Até o pescoço (até um ponto insuportável)
- 2) Salvar o pescoço (salvar a vida)

XXX. PESTANA:

- 1) Queimar as pestanas (estudar muito)
- 2) Tirar uma pestana (dormir um pouco)

XXXI. SOVACO:

- 1) Sofrer que nem um sovaco de aleijado (sofrer muito)
- 2) Sovaco de serra (grota)

XXXII. TESTA:

- | | |
|---|---|
| <ol style="list-style-type: none"> 1) Testa de boi (testa muito grande) 2) Testa de ferro (que se apresenta responsável por atos) | <ol style="list-style-type: none"> 3) Comer com a testa (ver coisa sem poder possuí-la) 4) Enfeitar a testa (enganar (o cônjuge)) |
|---|---|

XXXIII. UMBIGO:

- 1) Deixar o umbigo em (ser nascido em)

XXXIV. Unhas:

- | | |
|---|---|
| <ol style="list-style-type: none"> 1) Com unhas e dentes (com o máximo esforço) 2) Enterrar as unhas (cobrar preço exorbitante) | <ol style="list-style-type: none"> 3) Mostrar as unhas (revelar traços desagradáveis da personalidade) 4) Ser unha e carne (muito íntimo) |
|---|---|

APÊNDICE B – LOCUÇÕES (ITENS LEXICAIS E EXPRESSÕES FIXAS) QUE SE RELACIONAM À PARTES DO CORPO HUMANO RETIRADAS DO DICIONÁRIO AURÉLIO

I. BARRIGA:

- 1) Barriga da perna (a parte posterior, carnuda, da perna, formada pelos músculos gêmeos; batata da perna, panturrilha, sura).
- 2) Carregar uma barriga (estar grávida).
- 3) Chorar de barriga cheia (queixar-se sem ter de quê; lamentar-se sem motivo; falar de barriga cheia).
- 4) Chorar na barriga da mãe (ver tudo correr à medida dos seus desejos; ser muito feliz).
- 5) Empurrar com a barriga (Não dar a (um caso, questão, problema etc) solução devida; adiar a solução de (caso, questão, problema etc).
- 6) Encher a barriga de corvo (Morrer).
- 7) Estar com a barriga no espinhaço (Estar muito magro; estar muito esfomeado).
- 8) De barriga (Em estado de gravidez; Grávida: estar, ficar de barriga).
- 9) Falar de barriga cheia (Chorar de barriga cheia)
- 10) Levar barriga (Divulgar (um jornal) notícia falta).
- 11) Pegar barriga (Ficar grávida ou prenhe; Engravidar; Gravidar)
- 12) Ter barriga de ema (Não cumprir com o prometido).
- 13) Tirar a barriga da miséria (Gozar largamente de alguma coisa de que até então se privara, ou de que não desfrutara).

II. BUNDA:

- 1) Bunda de tanajura (Bunda grande e/ou bunda protuberante)
- 2) Nascer com a bunda para a lua (Ter muita sorte; nascer empelicado)

III. RABO:

- | | |
|---|--|
| <ol style="list-style-type: none"> 1) Rabo da cachorra (A parte inferior da queda-d'água; quando separada do superior; denominada cabeça; por um trecho mais ou menos longo não encachoeirado; cauda) 2) Chegar o rabo à ratoeira (Entregar os pontos) 3) Crescer como rabo de cavalo (Decrescer; declinar; decair) 4) Dar ao rabo (Agitá-lo, andando) 5) Dar com o rabo na cerca (Morrer) 6) Dar rabo ao nambu (Dar que falar; motivar a maledicência) 7) Encher o rabo (Encher-se; fartar-se; empanturrar-se) 8) Meter o rabo entre as pernas (Encolher-se; calar, com medo ou por não ter razão) 9) Pegar em rabo de foguete (Assumir compromisso difícil de cumprir; | <ol style="list-style-type: none"> 10) responsabilizar-se por coisa perigosa ou complicada; segurar em rabo de foguete) 11) Pegar no rabo da tirana (Trabalhar com a enxada) 12) Pregar rabo em nambu (Dar importância a quem não merece; responder a quem não é digno de resposta) 13) Segurar em rabo de foguete (Pegar em rabo de foguete) 14) Ter o rabo preso (Estar comprometido com fatos, situações etc, ilegais ou reprováveis, ou com pessoas envolvidas em tais fatos ou situações etc). |
|---|--|

IV. BOCA:

- 1) Boca a boca (Transmitido ou difundido oralmente, de uma pessoa para outra)
- 2) Boca da noite (O princípio da noite, o anoitecer; à boca da noite; à boquinha da noite; planeta Vênus quando é visível ao anoitecer)
- 3) Boca da serra (Desfiladeiro ou garganta que dá acesso ao planalto)
- 4) Boca de cena (A parte anterior do palco de um teatro, próximo da plateia)
- 5) Boca de sertão (Cidade, ou simples povoado, que antecede uma região não desbravada)
- 6) Boca do estômago (Parte externa e anterior do corpo, correspondente à cárdia)
- 7) À boca da noite (boca da noite)
- 8) À boca fechada (Suprimindo a pronúncia de palavras e emitindo os sons através dos lábios fechados, para imitar instrumentos)
- 9) À boca miúda (À boca pequena)
- 10) À boca pequena (Em voz baixa, às caladas, em surdina, em segredo; à boca miúda)
- 11) Abrir a boca (Falar, dizer)
- 12) Bater boca (Discutir, alterar)
- 13) Botar a boca no mundo (Dar gritos; gritar, bradar; pôr a boca no mundo)
- 14) Botar a boca no trombone (Denunciar, delatar; reclamar, protestar)
- 15) Cair na boca do povo (Ser alvo de maledicência; tornar-se falado)
- 16) Com a boca na botija (Em flagrante na prática de ato ilícito)
- 17) De boca (Sem comprovação por escrito; oralmente)
- 18) De boca aberta (Muito surpreendido; espantado; pasmado)
- 19) De boca suja (Dado a usar palavrões; desbocado)
- 20) Duro de boca (Diz-se do equídeo que não obedece bem ao freio, obrigando o cavaleiro a usar de força; duro de queixo)
- 21) Falar da boca pra fora (Falar sem convicção, ou sem maior preocupação com a verdade; falar por falar)
- 22) Falar pela boca de um anjo (Falar algo de bom como predição)
- 23) Fazer boca de pito (Beber ou comer algo antes de fumar como que para aumentar o desejo de fazê-lo)
- 24) Pôr a boca no mundo (Botar a boca no mundo)
- 25) Quebrado da boca (Diz-se do cavalo que, por muito sensível de boca, à maior pressão do freio ergue desordenadamente a cabeça; perturbando-se no andar)
- 26) Ser de boa boca (Ter boa boca)
- 27) Tapar a boca (Calar-se)
- 28) Ter boa boca (Gostar de qualquer alimento, de tudo; ser de boa boca)
- 29) Ter má boca (Ser biqueiro)

V. BRAÇO

- 1) Braço da alavanca (A menor distância orientada de um ponto à reta suporte do vetor representativo duma força)
- 2) Braço da âncora (Cada uma das duas partes recurvadas da âncora, no extremo inferior da haste, que forma a cruz e terminam pelas patas)
- 3) Braço da verga (Cada um dos cabos ou teques presos às extremidades da verga e que servem para fazê-la girar no plano horizontal)
- 4) Braço direito (Pessoa que se põe a serviço de outrem com máxima dedicação)
- 5) Braço espiral (Parte de uma galáxia em forma de braço)
- 6) Braço oscilante (Faca oscilante)
- 7) A braços com (Em luta ou porfia com)
- 8) Abrir os braços a (Receber bem; chamar a si; acolher. Assistir; auxiliar)
- 9) Cruzar os braços (Furtar-se ao trabalho; ficar inativo)
- 10) Dar o braço (Arqueá-lo ou dobrá-lo para que outrem nele se apoie)
- 11) Dar braço a torcer (Mudar de opinião, ante evidência do erro; confessar-se vencido, derrotado)
- 12) De braço dado (Apoiando-se nos braços mutuamente)
- 13) De braços abertos (Com alegria, afeição e interesse)
- 14) De braços cruzados (Sem manifestar interesse ou vontade de ação; sem atividade; inerte)
- 15) Descer o braço em (Meter o braço em)
- 16) Empinar o braço (Dar-se à embriaguez)
- 17) Meter o braço em (Dar pancada, bater (em alguém), descer o braço em)
- 18) Não dar o braço a torcer (Insistir na opinião que tem; não se confessar vencido)
- 19) Um braço (Disposto ao trabalho; forte)

VI. CABEÇA:

- 1) Cabeça a cabeça (Turfe na mesma linha; emparelhadamente)
- 2) Cabeça de pagamento (Num gravador magnético, cabeça magnética que produz uma magnetização uniforme do material magnético, apagando o sinal que estiver gravado)
- 3) Cabeça de bater sola (Cabeça chata)
- 4) Cabeça de destilação (Peça componente de uma aparelhagem para destilação, que se uni ao topo da coluna e ao condensador e que, porta um termômetro e um dispositivo para regular a razão de refluxo)
- 5) Cabeça de distrito (Vila ou povoação sede de um distrito)
- 6) Cabeça de gravação (Cabeça magnética para gravar o sinal na fita dum gravador magnético)
- 7) Cabeça de página (Cabeço)
- 8) Cabeça de ponte (Átomo comum a várias pontes)
- 9) Cabeça de proa (Carranca)
- 10) Cabeça de reprodução (Cabeça magnética pra produzir o sinal da fita dum gravador magnético; cabeça magnética)
- 11) Cabeça forte (Talento, engenho, grande inteligência)
- 12) Cabeça fria (Calma de espírito; tranquilidade; serenidade)
- 13) Cabeça magnética (Eletroíma para gravar, reproduzir ou apagar o sinal da fita dum gravador magnético; cabeçote; num computador eletrônico dispositivo destinado a ler, escrever ou apagar informações em registros automáticos)
- 14) Andar com a cabeça ao léu (Andar sem chapéu)
- 15) Assentar a cabeça (Assentar)
- 16) Bater a cabeça (Dar uma cabeçada)
- 17) Cair de cabeça (Envolver-se totalmente em ou com alguma coisa; cair de cabeça; meter a cabeça)
- 18) Com a cabeça no ar (Alheado, desatento, distraído; no ar)
- 19) Cortar a cabeça de (Demitir de posto ou função, por motivos políticos, interesses pessoais etc)
- 20) Dar de comer à cabeça (Realizar o bori)
- 21) De cabeça (Sem o auxílio de cálculo escrito ou mecânico; mentalmente; de memória, de cor)
- 22) De cabeça alta (Com altivez; sobranceiramente; de cabeça erguida)
- 23) De cabeça baixa (Com submissão; humildemente)
- 24) De cabeça erguida (De cabeça alta)
- 25) De cabeça inchada (Triste, acabrunhado; ressentido, magoado)
- 26) Duro de cabeça (Teimoso, casmurro, cabeçudo)
- 27) Enterrar a cabeça do boi (Prolongar os festejos natalinos até o primeiro domingo seguinte a eles)
- 28) Entrar de cabeça (Dedicar-se profundamente; entregar-se com toda disposição)

- 29) Esquentar a cabeça (Preocupar-se, inquietar-se, afligir-se)
- 30) Fazer a cabeça (Desenvolver e cruzar o iniciando em terreiro de umbanda, tendo um guia como chefe espiritual; Embriagar-se e/ou drogar-se)
- 31) Fazer a cabeça de (Alterar ou modificar o procedimento ou convicções de outrem)
- 32) Fazer cabeça (Desviar a proa para um ou outro bordo, ao arrancar o ferro, ou largar da boia)
- 33) Levantar a cabeça (Reconquistar posição; recuperar-se moral e/ou financeiramente)
- 34) Meter a cabeça (Ir em frente em algo; aventurar-se; cair de cabeça)
- 35) Meter de cabeça (Corcovear; corcovar; curvetear)
- 36) Meter na cabeça (Aprender de cor; decorar)
- 37) Meter na cabeça de (Insinuar, sugerir; Despertar o desejo de)
- 38) Perder a cabeça (Perder o controle da razão, o autodomínio; endoidar, endoidecer)
- 39) Quebrar a cabeça (Pensar demoradamente; refletir, ruminar)
- 40) Querer a cabeça de (Exigir a exoneração de (alguém) do posto ou função, por motivos políticos ou outros)
- 41) Saber onde tem a cabeça (Ter juízo; ser maduro; ter a cabeça no lugar)
- 42) Subir à cabeça (Fazer sentir-se engrandecido, poderoso; experimentar sensação de poderio; de glória)
- 43) Ter a cabeça no lugar (Saber onde tem a cabeça)
- 44) Tomar na cabeça (Levar na cabeça)
- 45) Usar a cabeça (Agir ou proceder com inteligência, com reflexão)
- 46) Virar a cabeça (Apresentar mudança para pior no seu procedimento; tornar-se insensato)
- 47) Virar a cabeça de (Fazer que alguém vire a cabeça)

VII. CABELO:

- 1) Cabelo agastado (Carapinha)
- 2) Cabelo bom (Cabelo liso)
- 3) Cabelo cocô-de-rola (Cabelo crespo, curto e enrolado, comum em certos mestiços afro-brasileiros)
- 4) Cabelo de cupim (Carapinha)
- 5) Cabelo espeta-caju (Cabelo muito eriçado)
- 6) Cabelo de fuá (Pixaim assanhado)
- 7) Cabelo ruim (Carapinha)
- 8) Assentar o cabelo (Morrer)
- 9) Assentar o cabelo de (Matar)

- 10) De arrepiar o cabelo (De arrepiar)
- 11) De arrepiar os cabelos (De arrepiar)
- 12) De cabelo na venta (Enérgico, vigoroso; Bravo, valente; Ter cabelo nas ventas; Brigão, rixento; rixoso, ter cabelo nas ventas)
- 13) Em cabelo (Com a cabeça descoberta)
- 14) Não fazer bom cabelo (Não convir; não servir; não combinar bem; não se harmonizar)
- 15) Pelos cabelos (De má vontade; a contragosto; com sacrifício; com muita pressa; Em estado de irritação; zangado; posição de âncora fora da água e aguentada pela amarra)
- 16) Ter cabelo na palma da mão (Ser dado à automasturbação)
- 17) Ter cabelo na (s) ventana (s) (De cabelo na venta)
- 18) Ter cabelo no céu da boca (Ter cabelo no coração)
- 19) Ter cabelo no coração (Ter coragem extraordinária; ter disposição para qualquer empresa perigosa; Ser sensível, inexorável, cruel; Ter cabelo no céu da boca; Ter cabelos no coração; Ter coração de pedra)
- 20) Ter cabelos no céu da boca (Ter cabelo no coração)
- 21) Ter cabelos no coração (Ter cabelo no coração)

VIII. CALCANHA

- 1) Dar aos calcanhares (Fugir)
- 2) Calcanhar-de-aquiles (Lado ou aspecto, seja físico, moral ou intelectual, por onde alguém é vulnerável; ponto fraco)
- 3) Calcanhar-de-judas (Cafundó)

IX. CARALHO

- 1) Pra caralho (Em grande quantidade; força ou intensidade; à beça)

X. CANELA:

- | | |
|--|---|
| 1) Azeitar as canelas (Fugir) | 4) Ensebar as canelas (Fugir) |
| 2) Canelas de maçarico (Pernas longas e finas; Pernas de maçarico) | 5) Espichar a canela (Morrer) |
| 3) Dar à canela (Andar de pressa; Correr; Fugir) | 6) Esticar a canela (Morrer) |
| | 7) Ter canela de cachorro (Ter capacidade de andar muito) |

XI. CINTURA:

- | | |
|---|--|
| 1) Cintura-de-pilão (Cintura de vespa) | 4) Cintura-de-vespa (Cintura muitíssimo delgada) |
| 2) Cintura-de-retrós (Cintura de vespa) | |
| 3) Cintura-de-tanajura (Cintura de vespa) | |

XII. COSTAS:

- | | |
|--|---|
| 1) Às costas (No costado) | 5) Ter as costas largas (Estar sobre a proteção de alguém; Ter as costas quentes, ter costas quentes, Ter santo forte; ser capaz de arrostar responsabilidades, encargos, culpas etc) |
| 2) Carregar nas costas (Numa tarefa que exija esforço de um grupo, fazer praticamente sozinho o trabalho de (todos); carregar. | 6) Ter as costas quentes (Ter as costas largas) |
| 3) Desejar ver pelas costas (Desejar a ausência, o desaparecimento de alguém) | 7) Ter costas largas (Ter as costas largas) |
| 4) Mostrar as costas (Fugir) | 8) Ter costas quentes (Ter as costas largas) |

XIII. COTOVELO:

1) Cotovelo de captura (Alteração brusca do traçado de um rio por haver sido capturado por outro)

2) Falar pelos cotovelos (Falar em excesso; ser ou mostrar-se muito loquaz; engolir um disco; ter bebido água do chocalho)

XIV. COXAS:

1) Em cima da coxa (Sem atenção ou esforço; Em cima da perna; nas coxas; às pressas)

2) Nas coxas (Em cima da coxa)

XV. CU:

1) Cu-de-ferro (Diz-se de, ou pessoa que leva extremamente a sério seus trabalhos, estudos, compromissos etc)

5 Cu-de-jegue (Cachaça com rodela de limão)

2) Cu-de-boi (Rolo)

6 Cu-de-judas (Cafundó)

3) Cu-da-mãe-joana (Coisa, negócio em que todos se intrometem, sobre o qual todos dão opinião)

7 Fazer cu doce (Fingir não aceitar alguma coisa, quando intimamente muito a deseja)

4) Cu-de-galinha (Remendo de um rasgão em que o costurou é puxada formando um bolinho; rosquinha)

8 Cu do conde (Cafundó)

7 Cu do mundo (Cafundó)

XVI. DEDO:

1) Dedo anular (Aquele em que mais habitualmente se usa anel)

2) Dedo auricular (Dedo mínimo)

- 3) Dedo impulsor (Peça da linotipo presa à placa que desliza na guia do impulsor, e que leva em sua parte mais curto o amortecedor)
- 4) Dedo frio (Parte de certos equipamentos de destilação, com a forma de um dedo oco, que fica mergulhada no vapor e é resfriada por uma mistura refrigerante colocada em seu interior, ou mediante um líquido que nela circula)
- 5) Dedo grande do pé (Dedo polegar)
- 6) Dedo hipocrático (Aquele cuja última falange adquire o aspecto de uma baqueta de tambor)
- 7) Dedo índice (Dedo indicador)
- 8) À dedo (Com o máximo cuidado; com a maior atenção; de caso pensando; calculadamente)
- 9) Botar o dedo no suspiro (Valer-se de situação vantajosa para impor condições vexatórias)
- 10) Cheio de dedos (Confuso; embaraçado; atrapalhado)
- 11) Dois dedos de (Pequena quantidade de; um pouco de; algum)
- 12) Jurar dedo com dedo (Jurar pela cruz que se faz cruzando os dedos indicadores)
- 13) Meter o dedo em tudo (Ser abelhudo; intrometido; intrometer-se)
- 14) Não levantar um dedo (Não fazer esforço algum)
- 15) Pôr o dedo na ferida (Indicar ou reconhecer o ponto vulnerável ou fraco)
- 16) Ter dedo (Ser hábil; ter jeito)
- 17) Tirar o dedo (Realizar algo pela primeira vez)
- 18) Dedo-de-dama (Certa espécie de uva de longos bagos)
- 19) Dedurar (Delatar)

XVII. DENTE:

- 1) Dente apontado (O que sofreu mutilação feita com o fim de torna-lo triangular)
- 2) Dente canino (Dente)
- 3) Dente carniceiro (O que é característico dos animais carnívoros, de coroa grande muito afiada e pontuda; serve para estraçalhar a carne da presa quando o animal a sacode lateralmente; carniceiro)
- 4) Dente de coelho (Dificuldade ou obstáculo difícil de remover; roubalheira; maroteira)
- 5) Dente de leite (Cada um dos dentes da primeira dentição)
- 6) Dente por dente (Com desforra igual à ofensa)

- 7) Armado até os dentes (Armado em excesso; preparando-se para uma possível luta renhida)
- 8) Falar entre os dentes (Falar sem articular bem as palavras; resmungar)
- 9) Mostrar os dentes (Ameaçar (Alguém))
- 10) Dente de cavalo (Variedade de milho)

- 11) Dente de cutia (Butil usado na cerâmica marajoara)
- 12) Dente-de-leão (Planta acaule)
- 13) Dente de ovo (Cristal de aragonita que se encontra na ponta do bico do pinto quando sai da casca)

XVIII. JOELHO:

- 1) Joelho do corpo caloso (Curvatura na extremidade anterior do corpo caloso)

- 2) Ajuntar joelhos (Na região são-franciscana, estar inativo, sem trabalho)
- 3) Joelhudo (Que tem os joelhos grossos)

XIX. LÁBIOS:

- 1) Lábio leporino (Deformidade que, em seu grau máximo, se constitui de fenda unilateral ou bilateral, e de que participam o lábio superior, a reborda alveolar, a abóbada palatina, e o véu do paladar; lagoquilia)

- 2) Grande lábio (Cada uma das duas bordas vulvares)
- 3) Pequeno lábio (Cada uma das duas pequenas pregas de pele situadas, uma de cada lado, entre o grande lábio e orifício da vagina)

XX. LÍNGUA:

- 1) Língua afiada (Língua de palmo)

- 2) Língua aglutinante (Língua em que as palavras apresentam seqüências de afixos)

para a expressão de significados gramaticais; língua aglutinativa)

3) Língua analfabética (Cada uma daquelas que não têm alfabeto)

4) Língua de comprida (Língua de palmo)

5) Língua de geladeira (Verdadeiro rio gelado que desce do nevado; percorrendo um vale glacial)

6) Língua de palmo (Língua do mexeriqueiro, do indiscreto, do maldizente; o próprio mexeriqueiro; o indiscreto, o maldizente)

7) Língua de palmo e meio (A do falador incorrigível; língua de sogra; língua-de-badalo)

8) Língua de sinais (Aquela que se expressa por meio de gestos, em especial das mãos e dos braços, para utilização por deficientes auditivos; língua gestual; linguagem gestual)

9) Bater com a língua nos dentes (Dar com a língua nos dentes)

10) Com a língua de fora (Muito cansado; exausto)

11) Com língua de palmo (Contra a vontade; a contragosto; malgrado)

12) Cortar língua (Falar; exprimir-se, em língua estrangeira)

13) Dar à língua (Tagarelar; parolar; taramelar; linguajar; dar de língua; correr o badalo)

14) Dar com a língua nos dentes (Falar indiscretamente; revelar um segredo; bater

com a língua nos dentes; dar á língua; dar de língua)

15) Dar de língua (Dar á língua)

16) De língua passada (Informado de antemão sobre como proceder ou orientar-se em dado caso)

17) Desenferrujar a língua (Falar muito depois de longo tempo de silêncio)

18) Dobrar a língua (Emendar o que se acabou de dizer; Falar com respeito, depois ser advertido pela pessoa a quem se tratou desrespeitosamente)

19) Engolir a língua (Calar, por conveniência, alguma coisa que estava em ponto de ser dita)

20) Estar com algo debaixo da língua (Ter debaixo da língua)

21) Estar com a língua coçando (Estar com vontade de falar algo que não deva)

22) Meter a língua no fim do espinhaço (Calar-se)

23) Não falar a mesma língua (Não se entender; não se harmonizar com outrem; pensar diferentemente; Não se entender; pensar diferentemente de duas ou mais pessoas; ter interesses diferentes)

24) Pagar pela língua (Sofrer más consequências; ou castigo; por ser linguarudo)

25) Puxar pela língua de (Fazer (em geral por meios hábeis ou astuciosos) com que alguém fale, se expanda, se manifeste)

26) Solto de língua (Linguareiro)

27) Ter a língua maior que o corpo (Ser muito falador; muito indiscreto)

28) Ter debaixo da língua (Estar quase a lembrar-se de algo que momentaneamente esqueceu; estar com algo embaixo da língua)

29) Trocar de língua (Conversar; palestrar)

30) Língua-de-sogra (Brinquedo que consiste em uma tira dupla de papel colocado enrolado sobre si mesma em cuja

extremidade há um apito, e que, ao ser soprada, se desenrola, produzindo um assobio, língua de sola)

31) Língua de sola (Língua de sogra)

32) Língua de trapo (Criança que ainda não sabe falar corretamente; pessoa que fala de modo muito confuso; que articula mal as palavras)

33) Linguarudo (Linguareiro)

34) Língua suja (Pessoa desbocada, dada a usar palavras obscenas)

XXI. MÃO:

1) Mão de direção (Mão)

2) Mão de ferro (Potência tirânica; tirania; despotismo; opressão)

3) Mão de frade (Mão macia, de quem não se dá a tarefas pesadas)

4) Mão de gengibre (Mão engelhada ou mirrada)

5) Mão de linho (Doze estrigas juntas)

6) Mão de macaco (Mão em que se observa a atrofia de musculatura do ténar, e que ocorre em algumas doenças da medula espinhal; mão simiesca)

7) Mão de parteiro (Mão que apresenta contração tetânica, estando o polegar em

adução forçada e os outros dedos semifletidos sobre a palma)

8) Mão dupla (Mão nos dois sentidos)

9) Mão em gota (Carpoptose)

10) Mão na roda (Ajuda propícia; auxílio oportuno)

11) Mão por baixo, mão por cima (Cautelosamente)

12) Mão por mão (Um contra um; mano a mano)

13) Mão própria (Serviço postal pelo qual a correspondência é entregue somente ao próprio destinatário)

14) Mãos de anéis (Mãos delicadas)

- 15) Mãos de fada (Mãos de mulher habilidosa em trabalhos manuais)
- 16) Mão simiesca (Mão de macaco)
- 17) Mãos postas (Mãos erguidas, palma com palma, para rezar ou suplicar)
- 18) Mão única (Mão em único sentido)
- 19) Mão zamba (A mão congenitamente torcida sobre o antebraço)
- 20) Abrir mão de (Pôr de parte; desistir de; desabrir mão de)
- 21) Aguentar a mão (Enfrentar ou suportar situação penosa ou trabalhosa; aguentar o repuxo, aguentar a parada, aguentar as pontas; esperar ou aguardar pacientemente; aguentar as pontas)
- 22) À mão (Com a mão; ao alcance; pertinho; em posição fácil de pegar)
- 23) Andar com as mãos nas algibeiras (Estar ocioso; Andar de mãos nas algibeiras)
- 24) Andar de mãos nas algibeiras (Andar com as mãos nas algibeiras)
- 25) A quatro mãos (Executado (trecho musical) por duas pessoas no mesmo piano; Escrito (livro) por duas pessoas)
- 26) Às mãos ambas (Com ambas as mãos)
- 27) Assentar a mão (Adquirir destreza ou segurança; adestrar-se; aperfeiçoa-se; numa atividade manual ou noutra qualquer)
- 28) Baixar a mão em (Bater muito em (alguém), surrar; deitar a mão em)
- 29) Banhar as mãos no sangue de (Matar; assassinar)
- 30) Botar a mão na consciência (Pôr a mão na consciência)
- 31) Colher às mãos (Prender; agarrar; apanhar)
- 32) Com a mão do gato (Sorratamente)
- 33) Com a mão na consciência (Com toda verdade, e ânimo de absoluta justiça)
- 34) Com a mão na massa (Trabalhando em determinada coisa de que no momento se trata; com as mãos na massa)
- 35) Com ambas as mãos (Da melhor vontade; com as duas mãos; às mãos ambas)
- 36) Com as mãos na massa (Com a mão na massa)
- 37) Com as mãos vazias (Com uma mão atrás e a outra adiante)
- 38) Com mão de ferro (Com a máxima energia; com pulso firme)

- 39) Com mão diurna e noturna (Dia e noite; constantemente; incessantemente; com mão noturna e diurna)
- 40) Com uma mão atrás e outra adiante (Em estado de penúria; sem recursos; com a mão vazia)
- 41) De mão cheia (Muito bom; ótimo)
- 42) Dar a mão a (Estender a mão para cumprimentar; ajudar; auxiliar; amparar; dar uma mão a; dar uma mãozinha)
- 43) Dar a mão ao bolo (Dar a mão à palmatória)
- 44) Dar a mão à palmatória (Confessar o erro; reconhecer que errou; dar-se por vencido)
- 45) Dar as mãos à palmatória (Dar a mão à palmatória)
- 46) Dar de mão a (Pôr de lado; abandonar; renunciar; deixar de mão; largar de mão)
- 47) Dar mão forte a (Dar todo apoio ou toda razão a; prestigiar)
- 48) Deitar a mão a (Apoderar-se de; agarrar; deitar a mão em)
- 49) Deitar a mão em (Deitar a mão a; baixar a mão em)
- 50) Deixar de mão (Dar de mão a)
- 51) Deixar na mão (Deixar de mãos abanando)
- 52) De mão beijada (De graça; gratuitamente)
- 53) De mão comum (Com auxílio mútuo; em colaboração)
- 54) De mão em mão (Da mão de um para o outro; de pessoa para pessoa)
- 55) De mãos abanando (Sem recursos; sem dinheiro; sem conseguir aquilo que desejava)
- 56) De mãos atadas (Impossibilitado de agir; maniatado; manietado)
- 57) De mãos dadas (Com uma das mãos entrelaçadas à de outra pessoa)
- 58) De mãos largas (Liberal; generoso; dadivoso)
- 59) De mãos limpas (Íntegro; incorruptível; insubornável)
- 60) Desabrir mão de (Abrir mão de)
- 61) De segunda mão (Que passou por um ou mais donos; já usado)
- 62) Em boas mãos (Confiado a pessoa capaz; competente e/ou de confiança)
- 63) Em mão própria (Em mão)
- 64) Em primeira mão (Sem ninguém ter usado antes de quem já adquiriu; do dono)

- 65) Estender a mão a (Pedir uma coisa como grande favor ou como esmola; dispor-se a proteger; ajudar)
- 66) Fazer a (s) mão(s) Fazer as unhas das mãos; tê-las manicuradas)
- 67) Fazer com as mãos e desmanchar com os pés (Fazer um favor, uma caridade, um benefício a alguém, mas em seguida proceder de modo inamistoso, ou deselegante, ou desdenhoso etc)
- 68) Fazer mão baixa em (Rapinar; furtar; surrupiar)
- 69) Fazer mão de gato (Roubar)
- 70) Feito por mão de mestre (Feito a primor; excelentemente)
- 71) Ficar na mão (Ser logrado)
- 72) Fora de mão (Em lugar de acesso difícil; contramão)
- 73) Forçar a mão (Forçar a nota)
- 74) Içar de mão em mão (Içar, segurando alternadamente o cabo, ora com uma, ora com outra mão, sem sair do lugar)
- 75) Jogar de mão (Ser o primeiro a jogar; dar coices com as mãos)
- 76) Lançar mão de (Servir-se; utilizar-se; valer-se de)
- 77) Largar de mão (Dar de mão a)
- 78) Lavar as mãos de (Não tomar a responsabilidade de; furtar-se às consequências de)
- 79) Levantar as mãos para o céu (Agradecer a Deus/deus um benefício; ou dar-se por satisfeito com ele)
- 80) Levar, ganhar a mão grande (Roubar; furtar)
- 81) Limpo de mãos (Honrado, íntegro)
- 82) Meter a mão (Cobrar preço exorbitante)
- 83) Meter a mão em (Tomar conhecimento de; examinar; estudar; passar a mão em; bater; espancar, agredir)
- 84) Meter a mão em cumbuca (Cair em esparrela; logro; deixar se ludibriar; meter-se em encrenca; arrumar confusão ou problemas para si)
- 85) Meter mãos à obra (Atirar-se com afinco a um trabalho; a uma atividade)
- 86) Molhar a mão de (Dar gratificação ou gorjeta a; gratificar)
- 87) Não ter mão de si (Não se conter; não ter mão em si)
- 88) Não haver mãos a medir (Não ter mãos a medir; ser quase impossível atender a todos e a tudo)

- 89) Não ter mãos a medir (Não se conter; esbanjar; distribuir inconsideradamente; não haver mãos a medir)
- 90) Nem à mão de Deus padre (Nem com a maior insistência; de modo nenhum)
- 91) Passar a mão em (Lançar mão de; apanhar; desviar; subtrair; furtar; surrupiar; meter a mão em)
- 92) Passar a mão pela cabeça de (Perdoar falta a poupar alguém; proteger livrando de castigo; alisar)
- 93) Pedir a mão de (Pedir em casamento)
- 94) Por a mão em (Tocar ou mexer)
- 95) Pôr a mão na consciência (Pensar; meditar, a fim de reconhecer se esta ou não em falta de erro)
- 96) Pôr a mão no fogo por (Dar testemunho de confiança em; responsabilizar-se por alguém)
- 97) Pôr as mãos (Uni-las em atitude súplice para rezar)
- 98) Por baixo da mão (Às escondidas; às ocultas; à sorrelfa)
- 99) Pôr mãos à obra (Meter mãos à obra)
- 100) Sair na mão (Vir às mãos)
- 101) Ser uma mão na roda (Constituir ajuda grande e oportuna)
- 102) Sob mão (Sob controle)
- 103) Ter a mão furada (Ser pródigo, esbanjador; manirroto)
- 104) Ter a mão pesada (Incomodar ou molestar ao mais leve toque)
- 105) Ter entre mãos (Estar trabalhando em)
- 106) Ter mão de pilão (Ser desajeitado; inábil; em trabalhos manuais)
- 107) Ter na mão (Ter alguém ao sabor de sua vontade; de seus caprichos; dominar alguém)
- 108) Vir às mãos (Lutar; brigar)
- 109) Vir com as mãos a abanar (Vir com as mãos abanando)

XI. NARIZ:

- 1) Nariz de cavalete (Nariz aquilino; nariz arqueado)

- 2) Dar com o nariz na porta (Encontrar fechada ou defesa a porta que se esperava encontra aberta ou franqueada)
- 3) Ficar de nariz comprido (Não conseguir o que desejava)
- 4) Ficar de nariz torcido (Mostrar má cara, zangar-se)
- 5) Meter o nariz em (Intrometer-se, ingerir-se, imiscuir-se em)

- 6) Saber onde tem o nariz (Ser perito, competente, capaz, entender do riscado, saber onde tem as ventas)
- 7) Torcer o nariz a (Mostrar-se desagradado com)
- 8) Nariz de ferro (Pequeno recipiente com um preparado especial que se coloca na geladeira para evitar o mau cheiro)
- 9) Nariz de folha (Pessoas que vai à festa sem convite, penetra)

XII. OLHO:

- 1) Olho clínico (Tendência para acertar no diagnóstico das moléstias, capacidade de uma percepção pronta de uma situação)
- 2) Olho composto (Olho formado por vários estemas)
- 3) Olho da rua (Lugar indeterminado para onde se manda alguém, expulsando-o, meio da rua, rua)
- 4) Olho de cabra morta (Olho de peixe morto)
- 5) Olho de gata morta (Olho de peixe morto)
- 6) Olho de gato (Olho esverdeado, agateado)
- 7) Olho de lince (Vista agudíssima, vista de lince)
- 8) Olho de mormaço (Olhar lânguido, conquistador, dirigido através das

- pálpebras semicerradas, olho de peixe morto, olhos dependurados)
- 9) Olho de peixe morto (Olho de mormaço, Olhar triste, sem brilho, olho de cabra morta, olho de gata morta)
- 10) Olho de vaca lançada (O de quem tem por hábito andar com a vista baixa)
- 11) Olho gordo (Inveja, cobiça, olho grande)
- 12) Olho grande (Olho gordo)
- 13) Olho mágico (Dispositivo circular dotado de pequena lente, que se instala nas portas e permite olhar de dentro para fora sem ser notado, válvula de sintonia em que um feixe de elétrons incide sobre uma tela fluorescente e, conforme sua abertura, indica a intensidade dos sinais recebidos no circuito)

- 14) Olho mecânico (Turfe dispositivo eletrônico que, num páreo, fotografa a ordem de chegada dos concorrentes)
- 15) Olho pineal (Estrutura semelhante ao olho, com cristalino e retina, ligada ao cérebro por um nervo)
- 16) Olho por olho, dente por dente (Vingança correspondente à ofensa ou dano sofrido, pena de talião)
- 17) Olhos dependurados (Olho de mormaço)
- 18) Olho de Sapiranga (Olhos avermelhados)
- 19) Olho simples (Estema)
- 20) Olhos rasos de água (Olhos cheios de lágrimas)
- 21) Olho vivo (Agudeza de espírito, sagacidade, penetração, perspicácia, percepção)
- 22) Abrir o olho (Acautelar-se, prevenir-se)
- 23) Abrir os olhos à luz (Vir ao mundo, nascer)
- 24) Abrir os olhos de (Mostrar a verdade a, esclarecer)
- 25) Alongar os olhos (Olhar ao longe)
- 26) Andar de olho em (Observar com insistência, procurando conhecer-lhe os hábitos, seguir-lhe os movimentos, andar muito interessado em, desejar vivamente)
- 27) A olho (Só pela vista, sem pesar nem medir)
- 28) A olho armado (Com instrumento que auxilie a visão)
- 29) A olho desarmado (A olho nu)
- 30) A olho nu (Apenas com a vista, sem auxílio de qualquer instrumento, a olho desarmado, a simples vista, à vista desarmada)
- 31) A olhos cerrados (A olhos fechados)
- 32) A olhos fechados (Com toda confiança, sem exames, a olhos cerrados)
- 33) A olhos vistos (Visivelmente, patentemente)
- 34) Aos olhos de (Na opinião de, ao parecer de)
- 35) Botar o olho em (Botar o olho grande em, pôr o olho em)
- 36) Botar o olho grande em (Cobiçar, invejar, botar o olho em, crescer o olho em, pôr o olho em)
- 37) Comer com os olhos (Cobiçar (comida que não poderá comer, por não ter fome); olhar com atenção ou interesse (pessoa amada, ou objeto desejado)
- 38) Com os olhos de ver (Com toda atenção, segurança, rigor)
- 39) Correr os olhos por (Passar os olhos por)
- 40) Crescer o olho em (Botar o olho grande em)
- 41) Custar os olhos da cara (Ser de preço elevadíssimo)
- 42) Dar com os olhos em (Avistar, ver)
- 43) De encher o olho (De causar admiração, contentamento, agrado, cobiça, de encher os olhos)

- 44) Deitar olho comprido a (Cobiçar, desejar, ambicionar)
- 45) De olho em (Com (alguém) em vista, no desejo, no pensamento)
- 46) De olhos fechados (Com absoluta confiança, cegamente)
- 47) Encher o olho (Encher os olhos)
- 48) Entrar pelos olhos (Satisfazer, agradar, contentar muito, encher o olho)
- 49) Estar de olho (Andar de olho em)
- 50) Fechar os olhos (Morrer)
- 51) Fechar os olhos a (Fingir que não vê ou percebe, desculpar, perdoar, assistir à morte de, acompanhar nos últimos instantes, ajudar a morrer, fechar os olhos de)
- 52) Meter pelos olhos adentro (Explicar de maneira mais clara possível, Obrigar a tomar ou a comprar, por meio de importunações, insistindo muito)
- 53) Não pregar o olho (Não dormir)
- 54) Não ser olho de santo (Não ser coisa que exija excesso de cuidado, exagerada preocupação de acabamento)
- 55) Passar os olhos por (Ler de relance, examinar rapidamente, correr os olhos por)
- 56) Pelos seus belos olhos (Sem obter em troca nenhuma vantagem, de graça, gratuitamente)
- 57) Pôr o olho em (Botar o olho grande em; avistar-se ou encontrar-se com; botar o olho em)
- 58) Pregiar o olho (Dormir)
- 59) Saltar aos olhos (Ser claro, evidente, patente, saltar à vista)
- 60) Ter debaixo de olho (Não desviar (de alguém) a atenção e/ou cuidado, ter de olho)
- 61) Ter de olho (Ter debaixo do olho)
- 62) Ter olho (Ser bom observador, ser arguto, perspicaz, vivo)
- 63) Ter o olho maior que a barriga (Ser muito guloso)
- 64) Torto de um olho (Torto)
- 65) Trazer de olho (Espreitar (alguém ou algo) por cautela ou prevenção)
- 66) Ver com bons olhos (Receber bem, ser ou mostra-se favorável)
- 67) Olho d'água (Nascente que rebenta do solo, fonte natural perene, lacrimal, olho)
- 68) Olho de cabra (Selo do correio, da série emitida em 1845, menor do que o olho do boi)
- 69) Olho de matar pinto (Olho de secar pimenta)
- 70) Olho de mosquito (Diamante de tamanho e pesos exíguos)
- 71) Olho de sogra (Espécie de doce feito de ameixa ou tâmara coberta de calda caramelada e/ou recheada)
- 72) Olho roxo (Variedade de mandioca de raiz comprida)

XIII. OMBRO:

- 1) Ombro a ombro (Ombro com ombro)
- 2) Ombro com ombro (Lado a lado, a par, um ao lado do outro, com familiaridade, com intimidade)
- 3) Carregar aos ombros (Tratar (alguém) com especial carinho ou atenção)
- 4) Chorar no ombro de (Contar as suas mágoas a; lamentar-se com (alguém))
- 5) Dar de ombros (Encolher os ombros)
- 6) Encolher os ombros (Mostrar indiferença ou resignação; dar de ombros; levantar os ombros)
- 7) Levantar os ombros (Encolher os ombros)
- 8) Olhar por cima do ombro (Tratar por cima do ombro)
- 9) Tratar por cima do ombro (Mostrar desprezo ou desdém a; olhar por cima do ombro)

XIV. ORELHA:

- 1) Orelha da sota (Jogo de cartas; jogatina)
- 2) Orelhas de abano (As que têm parte considerável afastada da cabeça)
- 3) Até as orelhas (Completamente; totalmente; até os olhos)
- 4) Bater orelha (Andar parelho com outro; ser ou estar igual a outro; bater orelhas; bater aspas; bater guampas)
- 5) Bater orelhas (Bater orelha)
- 6) De orelha (De ouvida)
- 7) De orelha em pé (Desconfiado; prevenido; andar; estar; viver de orelha em pé)
- 8) Ficar de orelhas baixas (Ficar humilhado)
- 9) Pisar na orelha (Sair pela frente do cavalo quando este cai)
- 10) Puxar pela orelha da sota (Ter o vício do jogo)
- 11) Sacar orelhas (Na corrida; chegar com pequeno avanço)
- 12) Torcer as orelhas (Arrepende-se de não ter feito o que podia fazer)
- 13) Torcer a orelha e não sair sangue (Arrepende-se quando já não há remédio)
- 14) Orelha de pau (Urupê)
- 15) Orelha de porco (Coração-magoado)
- 16) Orelha de rato (Erva anual e prostrada, da família das escrofulariáceas, que habita lugares húmidos, tem folhas pequenas.

17) Orelha livre (Pequena vantagem que um cavalo leva na carreira ao seu

competidor)

XV. PÉ:

1) Pé ante pé (Devagar; cautelosamente; na ponta dos pés; nas pontas dos pés)

2) Pé chato (Deformidade oriunda do achatamento de um ou mais arcos do pé)

3) Pé de anjo (Pé grande)

4) Pé de apoio (Aquele sobre o qual, num dado momento, se sustenta o corpo)

5) Pé de árvore (Pé de pau)

9) Abrir o pé (Fugir)

10) Ao pé da letra (À letra)

11) Ao pé de (Perto de; junto de; em comparação ou confronto com)

12) Ao pé do ouvido (Em segredo; discretamente)

13) A pé (Com os próprios pés; em posição vertical; ereto)

14) A pé de (Servido precariamente de; desprovido de)

15) A pé de galo (Diz-se de amarra da âncora quando se encontra em posição vertical, antes de âncora desunhar no fundo; diz-se de serviço feito inteiramente de pé, sem que o que o faz se sente ou se ampare em nenhum encosto, em momento algum)

16) A pé quedo (De pé)

6) Pé de pau (Qualquer árvore; pé de árvore; pé de arvoredo; pé de mato)

7) Pé na tábua (Expressão com que se estimula alguém a dirigir um veículo com maior velocidade, ou a terminar tarefa etc. Mais depressa)

8) Abrir no pé (Fugir)

17) Apertar o pé (Apressar o passo; apressar-se)

18) Bater o pé (Bater pé)

19) Bater pé (Mostrar-se insubmisso; recalcitrar; bater o pé)

20) Botar o pé no mundo (Fugir)

21) Cair de pé (Manter-se combativo; íntegro; digno, em face da derrota, ou de má situação na vida)

22) Com os pés atrás (Com desconfiança ou reserva)

23) Com o pé direito (De maneira feliz; com boa sorte; bem)

24) Com o pé esquerdo (De maneira infeliz; com azar; mal)

25) Com o pé no estribo (De partida; prestes a sair)

- 26) Com os pés nas costas (De olhos fechados)
- 27) Com os pés de lã (Sorratamente; em pés de lã)
- 28) Com um pé nas costas (Com grande facilidade; sem o menor esforço; de letra)
- 29) Dar com o pé no mundo (Fugir)
- 30) Dar no pé (Fugir)
- 31) Dar pé (Ser raso (mar, rio, etc) o suficiente para que se toque o fundo com os pés, ficando a cabeça fora da água; ter pé; ser possível ou cabível)
- 32) De pé (Em posição vertical; ereto; firme; a pé quedo; em pé; conforme o combinado; o acertado; o comprometido; firme; sem se afastar de situação ou ponto de vista dantes assumido)
- 33) De pé atrás (Com prevenção ou desconfiança; de má vontade)
- 34) De quatro pés (De quatro)
- 35) Do pé para a mão (De um momento para outro; inesperadamente; logo; prontamente)
- 36) Em pé (De pé)
- 37) Em pé de guerra (Estado de tensão ou preparo psíquico, material, que precede a declaração do estado beligerância)
- 38) Em pé de igualdade (No mesmo plano; grau ou nível; de igual para igual)
- 39) Em pés de lã (Com pés de lã)
- 40) Encher o pé (Chutar com muita força)
- 41) Encostado ao pé da embaúba (Preguiçoso; indolente)
- 42) Estar com o pé no estribo (Estar prestes a partir, ou deixar um cargo etc)
- 43) Estar com os pés na cova (Estar perto da morte)
- 44) Fazer pé atrás (Recuar para firmar-se; preparar-se para resistir)
- 45) Ficar no pé de (Ficar rente a (alguém) insistindo em algo; aborrecendo; importunando)
- 46) Ficar no pé de alguém (Importunar insistentemente)
- 47) Ir aos pés (Defecar)
- 48) Ir e vir num pé só (Não demorar senão o mínimo indispensável; ir e voltar com a máxima rapidez; ir num pé e vir no outro; ir num pé e voltar no outro)
- 49) Ir num pé e vir no outro (Ir e vir num pé só)
- 50) Ir num pé e voltar no outro (Ir e vir num pé só)
- 51) Ir num pé só (Ir a algum lugar com toda rapidez)
- 52) Jurar de pés juntos (Afirmar peremptoriamente)
- 53) Lamber os pés de (Adular; lisonjear; bajular)
- 54) Largar do pé (Deixar de ser importuno)
- 55) Meter o pé no atoleiro (Arruinar-se; meter o pé no lodo)
- 56) Meter o pé no lodo (Meter o pé no atoleiro)

- 57) Meter o pé no mundo (Fugir)
- 58) Meter os pés em (Desprezar; rejeitar; humilhar)
- 59) Meter os pés pelas mãos (Atrapalhar-se; atordoar-se; confundir-se, na execução de uma tarefa, de uma atividade qualquer; praticar inconveniência; cometer disparate ou gafe)
- 60) Não arredar o pé (Não afastar-se de um lugar; não ceder em sua opinião; não transigir)
- 61) Não chegar aos pés de (Ser muito inferior a)
- 62) Negar a pés juntos (Insistir terminantemente na negativa)
- 63) Passar o pé diante da mão (Exceder-se em liberdades; desmandar-se)
- 71) Ter os pés na terra (Ter os pés fincados na terra)
- 72) Ter os pés no chão (Ter os pés fincados na terra)
- 73) Ter pé (Ter capacidade de andar muito; ter pé; dar pé)
- 74) Ter pés de barro (Ter base inconsistente, a despeito da aparência de solidez)
- 75) Tirar o pé da lama (Sair de uma situação inferior; melhorar de vida; subir de posição; tirar o pé do lodo)
- 76) Tirar o pé do lodo (Tirar o pé da lama; conseguir chutar a bola, numa partida, depois de muito tempo sem o fazer)
- 77) Tomar pé (Tocar com os pés o fundo da água)
- 64) Pegar no pé (Mostra-se muito insistente; importuno)
- 65) Pegar pelo pé (Apanhar de surpresa; surpreender)
- 66) Perder o pé (Perder pé)
- 67) Perder pé (Encontrar-se imerso em água que não tem pé; perder o pé)
- 68) Pisar no pé de (Provocar; desafiar; ferir com palavra ou atitude)
- 69) Sofrer que só pé de cego (Sofrer muitíssimo)
- 70) Ter os pés fincados na terra (Ser objetivo; realista; ter os pés na terra; ter os pés no chão)
- 78) Tomar em pé (Inteirar-se de (um problema, uma situação, uma nova condição))
- 79) Um pé lá, outro cá (Com extrema rapidez; com maior ligeireza possível)
- 80) Um pé no saco (Um saco)
- 81) Pé atrás (Prevenção; desconfiança)
- 82) Pé d'água (Aguaceiro)
- 83) Fazer pé de alferes (Namorar)
- 84) Pé de anjo (Tênis branco)
- 85) Pé de atleta (Micose superficial crônica da pele do(s) pé(s) devida a fungos)
- 86) Pé de bode (Sanfona de oito baixos)
- 87) Pé de boi (Pessoa aferrada a costumes antigos, que desdenha inovações; pessoa

muito trabalhadora; cumpridora das suas obrigações)

88) Pé-de-burro (Açafrão-bravo; fumo de qualidade inferior)

89) Pé de cachorro (Indivíduo reles; sem importância; pessoa feia ou pouco atraente)

90) Pé de cana (ébrio)

91) Pé de chinelo (Pé de poeira; marginal pouco perigo; bunda mole)

92) Pé de chumbo (Indivíduo grosseiro; pesado; galego; cardeal; pessoa que não progride na vida, apesar de tudo lhe ser favorável; zé-ninguém)

93) Pé de galinha (Conjunto de rugas no canto externo dos olhos; qualquer peça ou parte da estrutura de uma embarcação

constituída de três ou dois braços convergentes, e destinada a sustentar um eixo, haste etc)

94) Pé de meia (Mealheiro; pecúlio; economia)

95) Pé de moleque (Doce de consistência sólida, feito com açúcar ou rapadura e fragmentos de amendoim torrado)

96) Pé de ouro (Pé de valsa)

97) Pé de ouvido (Murro no pé do ouvido)

98) Pé de rabo (Nádegas; ancas; traseiro; rabo)

XVI. PEITO:

1) Peito aberto (Coração franco e sincero)

2) Peito de prova (Couraça)

3) Peito do pé (A região dorsal do pé)

4) Aberto dos peitos (Diz-se do animal de sela, de carga ou de tiro que, após grandes esforços, tem os músculos peitorais relaxados e cai facilmente)

5) Abrir dos peitos (Cansar; afrouxar; amolecer; arrebentar-se; por excesso de esforço; praticar um ato imprevisto de generosidade)

6) Abrir o peito (Revelar os sentimentos com toda lealdade)

7) A peito (Com decisão; com bondade)

8) A peito descoberto (De modo corajoso e franco; com desassombro)

9) Bater nos peitos (Demonstrar arrependimento; arrepender-se)

10) Comer o peito da franga (Alcançar uma vitória; comer o peito da franga com molho pardo)

11) Comer o peito da franga com molho pardo (Comer o peito da franga)

12) Criar ao peito (Amamentar)

- 13) De peito aberto (De modo franco; leal; sincero; com franqueza absoluta; sem rodeios ou segunda intenção)
- 14) Doente do peito (Acometido pela tuberculose; fraco de peito; fraco; fraco; tuberculoso)
- 15) Do peito (Muito querido; do coração)
- 16) Esquentar o peito (Embriagar)
- 17) Fraco do peito (Doente do peito)
- 18) Lavar o peito (Desabafar; desafogar-se; desagravar-se; desferrar-se; vingar-se)
- 19) Levar a peito (Tomar a peito)
- 20) Matar no peito (Parar a trajetória da bola usando o peito como escudo)
- 21) Meter os peitos (Atirar-se a uma empresa com decisão)
- 22) Molhar o peito (Embriagar)
- 23) No peito (No peito e na raça)
- 24) No peito e na raça (Na marra; com vigor; com energia)
- 25) Passar nos peitos (Ter relações sexuais com; copular com)
- 26) Pôr o peito a (Procurar levar a cabo; enfrentar)
- 27) Tomar a peito (Interessar-se vivamente por; interessar-se por; levar a peito)
- 28) Peito de moça (Espécie de pão doce redondo e pontudo)

XVII. PERNA

- 1) Perna artificial (Aparelho ortopédico usado para substituir uma perna amputada)
- 2) Perna de pau (Peça de madeira que se adapta a um toco de perna para permitir a locomoção)
- 3) Perna mecânica (Perna artificial dotada de certo número de movimentos)
- 4) Pernas de cercar frango (Pernas arqueadas para os lados)
- 5) Pernas de maçarico (Canelas de maçarico)
- 6) Pernas de pau (Andas)
- 7) Pernas, para que te quero (Exclamação (gramaticalmente incorreta) que indica a ação de fugir correndo ante um perigo)
- 8) Abrir as pernas (Entregar-se fisicamente (a mulher); ceder; transgredir sob pressão; capitular; acovardar-se; jogar mal de propósito, para que o adversário ganhe)
- 9) À perna solta (À vontade; descansadamente)
- 10) Bater pernas (Andar à toa; passear ociosamente; vaguear)
- 11) Bolear a perna (Apear-se; montar a cavalo)

- 12) Cerrar perna (Fazer o cavalo parar de súbito)
- 13) Com uma perna às costas (Com extrema facilidade)
- 14) Dar à perna (Andar de pressa)
- 15) Dar às pernas (Fugir)
- 16) Desenferrujar as pernas (Estirar as pernas)
- 17) Em cima da perna (Em cima da coxa)
- 18) Estar, ficar etc., trocando as pernas (Ficar excessivamente embriagado; dopado)
- 19) Estirar as pernas (Espaírecer; desferrujar as pernas)
- 20) Fazer uma perna (Tomar o lugar do parceiro no jogo; entrar em uma negociação; conluir-se)
- 21) Não ir lá das pernas (Não ir adiante; não fazer progressos; não sair bem nalguma tarefa ou propósito)
- 22) Não ter pernas (Não ter força nas pernas)
- 23) Passar a perna em (Agir deslealmente em prejuízo de; lograr)
- 24) Ter à perna (Ser perseguido ou ameaçado por (alguém).
- 25) Ter boas pernas (Estar em condições de andar muito)
- 26) Trocar pernas (Andar à toa; sem rumo; passeando; vaguear)

XVIII. PESCOÇO:

- 1) Até o pescoço (Até o máximo; pelo pescoço)
- 2) Pelo pescoço (Até o pescoço)

XIX. PESTANA

- 1) Queimar as pestanas (Estudar muito)
- 2) Tirar uma pestana (Cochilar; dormir; tirar uma soneca)

XX. SOVACO

- 1) Sofrer que só sovaco de aleijado (Sofrer muito; sofrer que só pé de cego)

XXI. TESTA

- | | |
|--|---|
| <p>1) Testa coroada (Monarca; soberano)</p> <p>2) À testa de (Na direção; no comando de)</p> <p>3) Comer com a testa (Ver (o que se deseja) sem o poder possuir; ver)</p> <p>4) Enfeitar a testa de (Ser infiel a; trair (a pessoa a quem se está ligado por amor carnal); cornear)</p> <p>5) Fazer a testa de (Resistir; opor-se a; fazer face a)</p> | <p>6) Testada (Pancada com a testa; parte da rua ou da estrada que fica à frente de um prédio; testeira; tolice; asneira)</p> <p>7) Varrer a testa (Desviar de si certa responsabilidade)</p> <p>8) Testa de ferro (Indivíduo que se apresenta como responsável por empreendimento ou atos de outrem; homem-de-palha; títere)</p> |
|--|---|

XXII. UMBIGO

- 1) Deixar o umbigo em (Ser nascido em; ser natural de)

XXIII. UNHA

- | | |
|--|--|
| <p>1) Unha de gavião (Unha muito cumprida e afiada)</p> <p>2) Unha de santo (Coisa que se faz cuidadosamente)</p> <p>3) Unha perdida (Unha de animal que não assenta no chão)</p> <p>4) A unha de cavalo (A unhas de cavalo)</p> | <p>5) A unhas de cavalo (A toda pressa; a bom correr; a unha de cavalo)</p> <p>6) Botar as unhas de fora (Botar as manguinhas de fora)</p> <p>7) Com unhas e dentes (De todas as maneiras possíveis; com todas as forças)</p> <p>8) Deitar as unhas em (Apossar-se com fraude ou violência de)</p> |
|--|--|

- 9) Enterrar a unha (Vender muito caro)
- 10) Fazer as unhas (Apará-las, limpá-las, trata-las e pintá-las)
- 11) Lamber as unhas (Ficar muito contente)
- 12) Não ser unha de santo (Não necessitar de perfeição; de acabamento perfeito)
- 13) Por uma unha negra (Por um triz; por pouco)
- 14) Roer as unhas dos pés (Estar em situação difícil; aflitiva; desesperadora)
- 15) Ser unha com carne com (Ser unha e carne com)
- 16) Ser unha com carne para (Ser unha e carne com)
- 17) Ser unha e carne (Ser (Duas pessoas) muito chegadas entre si; muito íntimas)
- 18) Ser unha e carne com (Ser muito chegado a (alguém); ser-lhe íntimo; ser unha com carne com; ser unha com carne para)
- 19) Unha de anta (Chapada)
- 20) Unhada (Traço; arranhão ou ferimento produzido pela unha)
- 21) Unha de fome (Avaro)
- 22) Unha de vaca roxa (Catinga de tamanduá)
- 23) Unha de olho (Pterígio)